

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

AUTORA

Janer Cristina Machado



EDUCAÇÃO DO CAMPO

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

AUTOR

Janer Cristina Machado

1ª Edição

UAB/NTE/UFSM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria | RS

2017

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.
Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da
Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Michel Temer

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Mendonça Filho

PRESIDENTE DA CAPES

Abilio A. Baeta Neves

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR

Paulo Afonso Burmann

VICE-REITOR

Paulo Bayard Dias Gonçalves

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO

Frank Leonardo Casado

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Martha Bohrer Adaime

COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Jerônimo Siqueira Tybusch

COORDENADORA DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Prof^a. Carmen Rejane Flores Wizniewsky

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

COORDENADOR UAB

Reisoli Bender Filho

COORDENADOR ADJUNTO UAB

Paulo Roberto Colusso

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Janer Cristina Machado

REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti

Maurício Sena

APOIO PEDAGÓGICO

Caroline da Silva dos Santos

Siméia Tussi Jacques

EQUIPE DE DESIGN

Carlo Pozzobon de Moraes – Capa e Ilustrações

Juliana Facco Segalla – Diagramação

Matheus Tanuri Pascotini

PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



M1491 Machado, Janer Cristina
Leitura e produção de textos [recurso eletrônico] / Janer Cristina
Machado. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2017.
1 e-book

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional
da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB
Acima do título: Educação do campo
ISBN 978-85-8341-208-3

1. Leitura 2. Produção textual I. Universidade Federal de Santa
Maria. Núcleo de Tecnologia Educacional II. Universidade Aberta do
Brasil III. Título.

CDU 806.90:37

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM



Ministério da
Educação



PROGRAD



APRESENTAÇÃO

Bem-vindo (a) à disciplina de Leitura e Produção de Textos! A universidade requer de seu aluno que domine as práticas de leitura e produção textuais, sendo capaz de utilizá-las com êxito em rotinas de estudo e socialização dos conhecimentos construídos nas esferas do ensino, pesquisa e extensão. Esse compromisso se acresce, para o estudante de licenciatura, da necessidade de compartilhar as competências linguísticas adquiridas com seus futuros alunos de Educação Básica, incentivando-os a serem leitores e produtores proficientes de textos.

Desejamos que você seja esse aluno (a) hábil em leitura e criação textuais, que você seja esse professor (a) capaz de colaborar para que seus alunos sejam bons leitores e bons produtores de textos. Para ajudá-lo nesse percurso, foram elaboradas as quatro unidades que compõem esse material, pensando em uma trajetória que nos acompanha desde a infância, quando tivemos nossos primeiros contatos com o mundo da língua, através das aprendizagens da fala e da escrita. Do reconhecimento e valorização das experiências de fala e escrita, com a concomitante reflexão sobre os usos que fazemos da língua, transitaremos para a consolidação da leitura como mecanismo privilegiado de inserção no mundo do texto, mundo esse em que, mergulhados, encontraremos o mote para produzirmos nós mesmos nossos textos, sobretudo aqueles ditos acadêmicos, que constituem a forma de comunicação por excelência da universidade com a sociedade.

Assim, na Unidade 1, você se confrontará com as relações entre fala e escrita, as funções da linguagem e as variações linguísticas. Na Unidade 2, aprofundará seus conhecimentos sobre estratégias de leitura, compreensão e interpretação; tipos e gêneros textuais; qualidades do texto (clareza, adequação); fatores de textualidade (coesão, coerência); intertextualidade e literariedade. A Unidade 3 lhe apresentará a estrutura do parágrafo, tipologia discursiva, textos narrativos e descritivos, figurativos e temáticos e opinativos. Por fim, na Unidade 4, você travará contato com o texto acadêmico, refletindo sobre as suas características, a produção de resumos e resenhas e a escrita do artigo científico.

Esse trabalho visa levá-lo a compreender e praticar os processos de leitura e produção de textos, reconhecendo a diversidade das manifestações orais e escritas da língua vernácula, assim como identificando tipologia e gêneros textuais em suas especificidades e funcionalidades. Mas, mais do que isso, o que ele realmente almeja é que você se encontre enquanto leitor e produtor de textos, fazendo dessa disciplina um espaço de expressão de seus pensamentos e experiências com a língua. Os textos escolhidos e exercícios preparados visam contemplar a sua voz durante os diferentes momentos de aprendizagem, pelo que peço que procurem lê-los e realizá-los com atenção.

Meu nome é Janer Cristina Machado, sou licenciada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, com Mestrado em Letras pela mesma instituição. Trabalhei durante muitos anos como professora de língua Portuguesa, Redação e Língua Inglesa em Educação Básica. Atualmente, atuo junto à Unidade de Apoio

Pedagógico do Centro de Ciências Rurais, na Universidade Federal de Santa Maria, como Técnica em Assuntos Educacionais. Será um prazer construirmos juntos essa caminhada pelo universo da língua.

Bom trabalho para todos nós!

ENTENDA OS ÍCONES



ATENÇÃO: faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



INTERATIVIDADE: aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



SAIBA MAIS: traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



TERMO DO GLOSSÁRIO: indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

SUMÁRIO

▷ APRESENTAÇÃO ·5

▷ UNIDADE 1 – FALA E ESCRITA COMO EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS ·10

Introdução ·12

1.1 A linguagem e suas funções ·13

1.2 Fala e escrita como leituras do mundo ·20

1.3 Variações linguísticas ·27

▷ UNIDADE 2 – LEITURA ·38

Introdução ·40

2.1 Ler, compreender e interpretar ·41

2.2 Tipologia e gêneros textuais ·51

2.3 Qualidades do texto ·59

2.4 Fatores de textualização ·64

2.5 Intertextualidade ·70

2.6 Literariedade ·76

▷ UNIDADE 3 – PRODUÇÃO DE TEXTOS ·80

Introdução ·82

3.1 O parágrafo ·83

3.2 Tipologia discursiva ·87

3.3 Textos figurativos e temáticos ·90

3.4 Textos narrativos e descritivos ·95

3.5 Texto Opinativo ·97

▷ UNIDADE 4 – O TEXTO ACADÊMICO ·102

Introdução ·104

4.1 O que é um texto acadêmico ·105

4.2 Resumo e resenha ·108

4.3 Resenha ·110

4.4 O artigo científico ·112

▷ **CONSIDERAÇÕES FINAIS · 115**

▷ **REFERÊNCIAS · 116**

▷ **ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO · 121**

1

FALA E ESCRITA
COMO EXPRESSÕES
LINGUÍSTICAS

INTRODUÇÃO

A convivência com textos é algo que integra nossa realidade comunicacional desde crianças. Aprendemos a falar e, logo em seguida, tomamos os primeiros contatos com a escrita, sendo introduzidos no amplo e rico mundo da língua. Ao ingressarmos na universidade, as práticas que envolvem a fala e a escrita se tornam preponderantes para nossa evolução acadêmica, sendo exigidas constantemente em apresentações de trabalhos, seminários, produção de resumos, resenhas, artigos e outros textos que compõem a dinâmica cotidiana das universidades.

Por isso, esta unidade pretende retomar suas percepções e ampliar seus conhecimentos sobre fala e escrita, abordando-as enquanto expressões linguísticas privilegiadas, através das quais se vivencia o mundo e se expressam os seres e suas relações. Você será incentivado a perceber os usos da língua como frutos de intencionalidades comunicativas, as quais funcionam para além do certo e do errado, amoldando-se a contextos diversos que precisam ser reconhecidos e valorizados.

Serão discutidas as relações entre fala e escrita, as funções da linguagem e as variações linguísticas, compondo três seções acompanhadas de textos e atividades para fixação e avaliação do conhecimento construído.

Lembre-se que é muito importante que você leia os textos da unidade e realize os exercícios, pois eles apoiarão de maneira determinante a sua aprendizagem.

1.1

A LINGUAGEM E SUAS FUNÇÕES

Aquilo que nos caracteriza mais como humanos, para além das capacidades de sentir e pensar, é a possibilidade de expressar esses pensamentos e sentimentos, através de um sistema de signos representativos (sons, cores, imagens, gestos, caracteres, etc.) que conformam o que chamamos de *linguagem*. Assim, nos manifestamos no mundo, expondo nosso “eu” e interagindo com as alteridades que nos cercam, privilegiando a comunicação sob a forma da *língua*, enquanto código formado a partir de signos fônicos e suas representações gráficas, código esse que se concretiza nas realizações da *fala* e da *escrita*.

No âmbito da língua, a comunicação se realiza predominantemente de forma verbal, considerando seis fatores que nos são apresentados pelo linguista russo Roman Jakobson (1896 – 1982): o *emissor ou remetente* (quem envia os signos); o *receptor ou destinatário* (quem recebe os signos); a *mensagem* (o conteúdo signico); o *canal* (meio de transmissão, se fala ou escrita); o *código* (a estrutura da língua); o *contexto* (a situação de comunicação). Cada evento comunicativo contemplará todos esses fatores, porém, ressaltando um ou outro, conforme a finalidade do que se deseja comunicar. Daí teremos as chamadas *funções da linguagem*, alocadas conforme o esquema a seguir:



ATENÇÃO: sistema complexo e específico de comunicação, que pode ser representado pelas línguas faladas, pela LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), por imagens (linguagem visual das obras de arte), pelas partituras musicais (linguagem que se traduz em sons), etc



SAIBA MAIS: http://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Jakobson

QUADRO 1: Funções da Linguagem e suas ênfases

FATOR ENFATIZADO	FUNÇÃO
Emissor	Emotiva ou Expressiva
Receptor	Conativa ou Apelativa
Mensagem	Poética
Canal	Fática
Código	Metalinguística
Contexto	Referencial ou Denotativa

FONTE: DOS AUTORES, ADAPTADO POR NTE, 2017

Vamos conhecer um pouco melhor cada uma dessas funções e alguns exemplos de como podem aparecer no evento comunicativo *texto*, com o qual trabalharemos amplamente ao longo de nosso curso.



ATENÇÃO: manifestação das ideias de um autor, destinada à recepção e compreensão por parte de um leitor/ouvinte. Existem textos falados, escritos e até mesmo visuais. Tudo aquilo que carrega alguma informação pode ser considerado um texto, independente do código pelo qual está sendo veiculado.

FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA

A função emotiva ou expressiva ressalta o emissor ou remetente da mensagem, enquanto veículo de suas emoções, sentimentos, atitudes, estados de espírito, enfim, de seu pensar/sentir a respeito do que comunica e de com quem se comunica. Sendo assim, ela anda passo a passo com a função conativa ou apelativa, em acordo com o que comenta Chalhoub (2002, p. 17):

A função emotiva, portanto, tem seu *Einstellung* no emissor que deixa transparente as intenções do seu dizer, marcando-se em 1ª pessoa; comparece também numa fala marcada pela interjeição (“extrato puramente emotivo da linguagem”, diz-nos Jakobson acerca da interjeição), pelos adjetivos, que apontam o ponto de vista do emissor, daquele que fala, por alguns advérbios, por signos de pontuação — tais como exclamação, reticências. A função emotiva implica, sempre, uma marca subjetiva de quem fala, no modo como fala.

Vejamos um trecho da canção “Querência amada”, de Teixeira (1927-1985). Na saudação amorosa do artista à sua terra, prevalecem os sentimentos de orgulho e identificação com a mesma, os quais precisam ser apregoados ao ouvinte/leitor/receptor para que esse perceba o quanto o compositor está envolvido com a mensagem que transmite:

Querência amada

Quem quiser saber quem sou
Olha para o céu azul
E grita junto comigo
Viva o Rio Grande do Sul

O lenço me identifica
Qual a minha procedência
Da província de São Pedro
Padroeiro da querência

Oh, meu Rio Grande
De encantos mil
Disposto a tudo pelo Brasil

Querência amada dos parreirais
Da uva vem o vinho
Do povo vem o carinho
Bondade nunca é demais.

Berço de Flores da Cunha
E de Borges de Medeiros
Terra de Getúlio Vargas
Presidente brasileiro

Eu sou da mesma vertente
Que Deus saúde me mande
Que eu possa ver muitos anos
O céu azul do Rio Grande

Te quero tanto, torrão gaúcho
Morrer por ti me dou o luxo
Querência amada
Planície e serra
Dos braços que me puxa
Da linda mulher gaúcha
Beleza da minha terra
(...)

FONTE: Teixeira 1927. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/teixeirinha-musicas/77214/>>

FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

A função conativa ou apelativa destaca o receptor ou destinatário, visando persuadi-lo, influenciar o seu comportamento. Como afirma Chalhub (2002, p.23):

Desde que há tentativa de convencer o receptor de algo, a função conativa carrega traços de argumentação/persuasão que marcam o remetente da mensagem. Para a linguagem da propaganda, por exemplo, as mensagens construídas visam essencialmente atingir o receptor. Possuem, no seu ato de configuração dos signos, características de função poética, visando sensibilizar o público pela beleza da argumentação.

A ação sobre o leitor/ouvinte se verifica sobretudo a partir da utilização da 2ª e 3ª pessoas verbais (dirigindo-se a “tu” ou “você”), do modo imperativo e do vocativo, estabelecendo um diálogo que prima pela busca de relações de intimidade e confiança no que é dito/escrito.

Já que a propaganda é o texto por excelência quanto ao uso da função conativa, vejamos um exemplo em que se destacam o uso do vocativo e do imperativo verbal como recursos de mobilização de prováveis clientes:

FIGURA 1: Imagem publicitária

HEI, VETERINÁRIO,
VOCÊ PODE SER UM
EMPREENDEDOR!

Aprenda tudo que você precisa saber
para ter sua própria clínica veterinária
ou PetShop.

Curso de
60h

Início
30
de Agosto

Anúncio Fictício

FONTE: NTE, 2017

FUNÇÃO POÉTICA

A função poética enfatiza a mensagem, primando por um trabalho de elaboração da linguagem, que almeja despertar efeitos de sentido no receptor. É a função predominante na poesia, sob a forma de verso ou prosa, manifestando-se igualmente em jogos linguísticos e na propaganda. Embora dialogue estreitamente com as outras funções, especialmente a emotiva e a conativa, a função poética se encaminha decididamente para a mensagem enquanto **construto** estético, capaz de despertar percepções diferenciadas no leitor/ouvinte, seja pelo vocabulário, pelas figuras de linguagem ou simplesmente pelo modo peculiar como se organizam as frases nos textos em que predomina.



TERMO DO GLOSSÁRIO: construção

Vamos encontrar a função poética com toda sua a força em poemas como o belo “Imagem do deserto”, do alagoano Ledo Ivo (1924-2012):

Aqui não há mais pássaros.
Todos foram embora,
em busca de novas florestas
para reconstruir seus ninhos.
Aqui não há mais chuvas.
Na terra gretada a fome avança
como um arado enferrujado.
No leito do rio seco os seixos resplandecem

entre cobras sonolentas.
E dos caibros dos galpões pendem pucumãs.
Aqui não há mais pássaros nem peixes.
Os defuntos são enterrados sem flores.
E nossos corações também secaram.
Não temos mais amor.
Ao anoitecer nossas sombras
deixam de rastejar
no chão duro que cega as enxadas
e olhamos com rancor o céu estrelado.
Mas fomos nós que derrubamos as florestas
e secamos o rio.
Este deserto já foi nosso reino.

FONTE: Ledo Ivo 1924-2012 Disponível em: <www.mochileiros.com/textos-ecologicos-t34877-15.html>.

Nesse texto, a **hegemonia** do poético pode ser percebida claramente através da seleção vocabular que remete a um ambiente árido e estéril, assim como das figuras de linguagem que relacionam a secura da paisagem ao embrutecimento e estancamento das emoções e dos sentimentos nos seres que a habitam. Por sua vez, esses habitantes da natureza feita deserto assumem-se como responsáveis pela degradação que promoveram de forma **irrevogável** e dolorosa, consorciando à poesia da mensagem o alto teor de envolvimento pessoal veiculado pela função emotiva.



TERMO DO GLOSSÁRIO:

Hegemonia – domínio, preponderância.

Irrevogável – que não pode ser revogado, não pode ser desfeito.

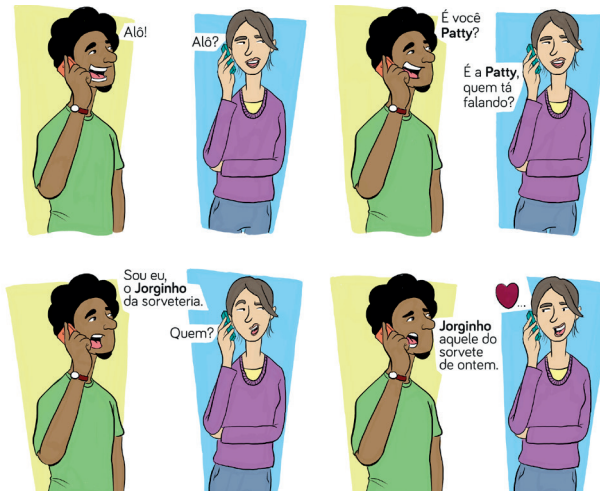
FUNÇÃO FÁTICA

A função fática ocorre em prol do estabelecimento e/ou manutenção da comunicação, incidindo, portanto, sobre o canal, que é o meio de contato entre emissor e receptor. Como destaca Chalhoub (2002, p. 28):

O objetivo desse tipo de mensagem é testar o canal, é prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação, não no sentido de, efetivamente, informar significados. São repetições ritualizadas, quase ruídos, balbucios, gagueiras, cacoetes de comunicação (mesmo gestuais), fórmulas vazias, convenções sociais, de superfície, testando, assim, a própria comunicação.

Encontramos um exemplo de função fática no texto a seguir:

FIGURA 2:



FONTE: Texto da autora, adaptado por NTE, 2017

Observe que a tira reproduz as tentativas de Jorginho em estabelecer um diálogo com Patty, recorrendo a saudações e apresentações reiteradas (“Sou eu, o Jorginho da sorveteria”), as quais, por si só, constituem expressões destituídas de conteúdo relevante. Esse momento é dominado pela Função Fática, e, pode-se dizer que, apenas a partir do reconhecimento de quem é Jorginho por Patty é que os dois começarão propriamente a desenvolver uma conversa com conteúdo.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

A função metalinguística dedica-se ao próprio código, ou seja, ela fala sobre a linguagem em si, explicando-a e corporificando-a como assunto da comunicação. Em suma, ela transforma a linguagem em objeto da própria linguagem, como define Chalhoub (2002).

Sendo seus atributos definidores e conceituais, a função metalinguística é bastante presente nos dicionários e enciclopédias, assim como nas reflexões sobre a língua e as criações que a ela se relacionam, caso em que se relaciona estreitamente com as funções referencial e poética.

Observemos um exemplo de uso da função metalinguística no verbete “agroecologia”, extraído do Dicionário Caldas Aulete:

(a.gro:e.co.lo.gi.a)

sf.

1. Ecol. Parte da ecologia que estuda os ecossistemas artificiais, formados em zonas agrícolas, para sua integração harmônica com o meio ambiente natural.

[F: *agro +ecologia.*].

FONTE: Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/agroecologia>.

Através do verbete, explica-se o significado do termo agroecologia de forma clara e direta, recorrendo-se ainda às classificações do mesmo dentro da gramática.

FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

A função referencial ou denotativa caracteriza a mensagem como transmissora de informação, enfatizando o contexto e, portanto, a situação de comunicação e o conteúdo nela veiculado. Nessa função, o referente, isto é, o “do que se fala”, é o principal elemento; por isso, ela se faz presente na grande maioria dos eventos comunicativos de nosso cotidiano.

A função referencial é a que se notabiliza nos discursos científico e jornalístico, uma vez que o objetivo desses textos é acima de tudo informar de maneira clara, coerente e precisa.

A seguir, um exemplo de predomínio da função referencial em extrato de reportagem sobre a febre amarela publicada na revista **Ana Maria**, de 20 de janeiro de 2017:



ATENÇÃO: toda manifestação comunicativa, produzida dentro de determinado contexto, com um emissor e um receptor específicos.

Nos últimos dias, dispararam os casos de febre amarela em municípios rurais de Minas Gerais. Segundo boletim do Ministério da Saúde do último dia 11, já são 48 casos suspeitos neste ano. Do total, 16 são casos prováveis da doença, cujos pacientes apresentaram quadro clínico suspeito e o resultado de um primeiro exame deu positivo. (ANA MARIA, 2017, p.25).

1.2

FALA E ESCRITA COMO LEITURAS DO MUNDO

Para começarmos a falar sobre fala e escrita, cabe recordar o grande educador Paulo Freire (1921-1997), que escreveu um texto bastante emblemático a respeito das aprendizagens linguísticas e sua relação com o contexto no qual se vive. Leiamos um pequeno trecho:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciava tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar. Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva; Jolí, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda vez que um dos gatos incautamente se aproximava demasiado do lugar em que se achava comendo e que era seu - "estado de espírito", o de Joli, em tais momentos, completamente diferente do de quando quase desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó. Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar (FREIRE, 1989, p.9-10).

Dessa **acurada** visão freiriana, que mais adiante, muito sabiamente, o autor intitula como a leitura da “palavra mundo”, podemos perceber o quanto a experiência da linguagem, sua aquisição nas diferentes formas, está ligada às percepções do

mundo que nos rodeia, pois que exercitar uma linguagem é, sobretudo, exercitar nossa presença no mundo, agir e interagir, em suma, conviver. Nesse exercício de construção da linguagem, recuperamos a história do ser humano enquanto uma trajetória individual – desde o desenvolvimento da fala até a aquisição da escrita – mas, especialmente, enquanto *homo sapiens*, que dos primeiros balbucios de palavras chegou até a invenção de um sofisticado código capaz de transcrever suas experiências e demandas, conformando a palavra escrita. Aqui nos encontramos com o fato de que fala e escrita são como as duas faces de uma mesma experiência, a qual dá conta da “leitura do mundo” pelo homem, de como ele se fez partícipe de um contexto em que acabou por se descobrir o principal agente de transformação.



TERMO DO GLOSSÁRIO: apurado – apurado, aprimorado, desenvolvido com cuidado.

Se o desenvolvimento da linguagem falada se perde na noite dos tempos, concomitante à evolução biológica do ser humano, as origens da escrita, por sua vez, portam um sentido eminentemente social, pois que representam a necessidade de expressão de demandas comunitárias, geralmente ligadas às esferas de poder. Os primeiros códigos alfabéticos remontam a 4000 anos a.C., destinando-se à organização de contas, dívidas, leis, contratos, oráculos, etc. A escrita, em seus primórdios, confina-se aos palácios e templos, como exercício de poucos – os escribas – capazes de dominarem a sua arte.

Esse estado de coisas – a escrita a serviço do poder e exercida apenas por um pequeno grupo – predominou até a Idade Média. Aos escribas, sucederam os copistas, internados nos grandes mosteiros da época, dedicados à paciente e cuidada transcrição manual de textos antigos ou à redação de textos novos, ditados pelos sábios da época. Esses textos se mantinham indelevelmente dependentes da linguagem falada, pois que sua organização espacial não admitia separações entre as palavras, muito menos sinais de pontuação. Assim, para adquirir sentido, um texto precisava ser lido em voz alta, sendo, na maioria das vezes, o autor uma entidade (o que ditava o texto) e o escritor/copiador outra (o que registrava).

Será a partir do surgimento da imprensa (1453) e desenvolvimento da escrita mecânica que, nas palavras de Rojo (2006, p.23), “a escrita separa-se da palavra falada, deslocando-se do território do som e do tempo para o do olho e do espaço. O texto ganha autonomia em relação à palavra falada e o escrito passa a significar mais do que simplesmente a escrita”.

RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA

Atualmente, a grande maioria das sociedades de nosso mundo são letradas, ou seja, usufruem da linguagem escrita ao lado da forma falada. Nessas sociedades, de que a brasileira é um exemplo, a prática da oralidade é secundária, ou seja, o nível de elaboração intelectual e os processos intrínsecos ao estágio de desenvolvimento civilizacional requerem cada vez mais a utilização da escrita como elemento de cognição e expressão da realidade. No entanto, isso não significa que sociedades totalmente *ágrafas*, como as de algumas comunidades indígenas amazônicas que

se mantêm à margem do contato com o homem branco, não tenham desenvolvido sistemáticas cognitivas e não sejam capazes de elaborar raciocínios complexos. Não podemos elencar relações de superioridade entre fala e escrita, pelo fato de que uma não anula a outra, ambas apenas se complementam e refletem a satisfação de determinadas demandas de seus praticantes. Para Marcuschi (2002, p.17):

Sob o ponto mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isso não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala (...) Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.



TERMO DO GLOSSÁRIO: ágrafas – que não utilizam linguagem na forma gráfica, não têm linguagem escrita.



ATENÇÃO: parte da gramática tradicional que estuda a pronúncia, entoação das palavras, contemplando fenômenos como os acentos e sinais de pontuação.

Assim, ideias de que a fala é contextualizada, não-planejada e fragmentária, enquanto a escrita é descontextualizada, planejada e completa, entre outras diferenças, defendidas durante muito tempo por determinados linguistas, não se sustentam para a diversidade de eventos de fala e escrita possíveis, existindo múltiplas formas de oral, que se relacionam de vários modos com múltiplas formas de escrito.

Vejam: uma conversa entre amigos manterá certo nível de informalidade, seja em um encontro na rua, seja através do bate-papo de uma rede social. A fala ou escrita se manterá um tanto não-planejada, lacunar, aberta a subentendidos, pois que temos um emissor e um receptor que se conhecem e são capazes de depreenderem significados mesmo quando a mensagem não expõe precisamente aquilo que quer dizer. Por outro lado, uma conferência de um professor em evento para o qual foi convidado precisa, obviamente, ser planejada, manter-se a mais explícita e precisa possível, além de ater-se a uma certa formalidade exigida pelas circunstâncias. Um e-mail enviado a uma empresa solicitando informações demandará formalidade e objetividade na escrita, enquanto a mensagem para o filho em aplicativo de celular admitirá eventuais lacunas e recorrerá a abreviaturas, ambos fatos compreensíveis dentro do contexto que emissor e receptor partilham.

Cabe-nos reconhecer, de acordo com o que propõem Koch e Elias (2009a), que textos falados e escritos integram um contínuo em que se salientam as situações de uso e a coprodução entre interlocutores, sendo essa última, sobretudo, o que distingue uns dos outros.

O texto falado brota no momento mesmo da interação entre os falantes, contemplando uma interlocução ativa, da qual decorre a coautoria, manifestada, eventualmente, nos turnos de fala. Quanto mais informal o contexto de fala, como naquela conversa entre os amigos que citamos anteriormente, mais registraremos a intervenção coautora dos falantes, ao passo que em contextos muito formais, como a conferência que também mencionamos, o processo de coautoria diminui, pois temos prevalência de uma voz sobre as outras.

Por sua vez, o texto escrito, na maioria dos casos, pressupõe uma relação “ideal” entre o escritor e o leitor, que estão, em certa medida, distantes. Trata-se de uma relação na qual, geralmente, os contextos de produção e recepção não coincidem em tempo e espaço. Porém, mais uma vez, é preciso observar a variação dentro do chamado contínuo de uso e coprodução: aquela troca de mensagens via aplicativo de celular, ainda que escrita, admitirá uma dose de coautoria na medida em que forem trocadas respostas; já uma reportagem publicada em revista de circulação mensal provavelmente não permitirá maior participação do leitor do que no planejamento (considerações sobre o público-alvo) do que será escrito pelo repórter redator.

Tanto no caso do texto falado como no do escrito, o nível de formalidade variará de acordo com a situação de uso, sendo que a escrita, na medida em que busca criar relações de proximidade com o leitor, tende a incorporar marcas da oralidade, mas nunca deixando de ser escrita, jamais se transformando em mera transcrição do oral.

De modo geral, e considerando os estudos de Koch e Elias (2009a), podemos atribuir algumas características à linguagem falada que se contrapõem à escrita. Essas características não criam conflito entre as duas modalidades, apenas marcam especificidades que decorrem das necessidades contextuais de cada texto produzido. Vejamos quais são:

- » A fala é localmente planejada, ou seja, cada movimento dos interlocutores no jogo da linguagem demanda um novo plano a ser cumprido;
- » Por ser planejado em seu decurso, o texto falado apresenta-se em se fazendo, isto é, planejamento e verbalização acontecem simultaneamente;
- » Na fala, o discurso tende a fluir descontinuamente, pois que está vinculado às movimentações dos interlocutores em seu contexto de interação;
- » O texto falado apresenta uma sintaxe (ordenação das frases, uso e colocação de pronomes, pausas, etc.) característica, embora situada dentro das possibilidades da sintaxe geral da língua;
- » Em decorrência de todas as características referidas, a fala tende a ser dinâmica, enquanto a escrita tende a ser estática.

É hora de ilustrarmos as especificidades de fala e escrita por meio de dois textos que abordam um mesmo assunto:

TEXTO 1

CÃO REFAZ PASSOS DO DONO MORTO HÁ UM ANO

Thor, um cachorro da raça Akita, é um dos animais mais conhecidos em Caçapava. Por vários anos foi visto circulando pelas ruas da cidade com o artista plástico Cláudio Cantarelli, falecido aos 58 anos no dia 21 dezembro de 2015. A lealdade, predominante de sua raça, fez com que Thor ficasse triste e doente por sentir a falta de seu fiel amigo após sua morte.

A história que parece um roteiro de filme poderia ter um final triste, mas tomou um novo rumo. Thor estava no pátio da casa onde Cláudio morava no centro da cidade e não podia sair devido ao portão estar fechado. Uma amiga do artista plástico tomou a iniciativa de ver como o animal estava. Diante da situação resolveu alimentá-lo, passando a comida e água entre as grades de ferro da residência.

No entanto, angustiada por ver a tristeza do cachorro, a aposentada Saionara Freitas, 76 anos, decidiu falar com a família e pedir a guarda do cão.

- Sou pobre, moro em uma casa simples, mas ele vai receber todos os cuidados para viver bem – disse aos familiares.

A partir daquele dia Thor ganhou um novo lar, simples, mas cheio de amor aos animais. Agora, o cachorro recebe tratamento especial, além de carinho e comida oferecidos por dona Saionara, ele ganha atenção do médico veterinário Ciro Alves e dos funcionários da Sulvet Agropecuária. Além dos cuidados da Mascote Cia. Veterinária, empresa que revelou o paradeiro do cão à Gazeta de Caçapava.

Atrás do dono

Diariamente Thor é visto passeando pelos locais que Cláudio frequentava, como uma lotérica, onde ele fica deitado por um bom tempo. A história curiosa é semelhante ao filme Sempre ao seu lado, estrelado pelo ator Richard Gere.

O filme foi adaptado de uma história verdadeira vivida por um cachorro que, depois de acompanhar diariamente o dono a uma estação de trem e aguardar a volta dele no mesmo horário e local, é surpreendido pela morte do homem. Mesmo após o falecimento do amigo, o cão continua demonstrando sua lealdade indo até o ponto de encontro dos dois.

Dona Saionara conta que Thor sai pela manhã, retorna ao meio-dia para comer, descansa um pouco e depois sai para passear novamente.

– Para colocar ele no pátio, à tardinha, pego a guia, dou uma volta na quadra, e depois levo para dentro da casinha. Só assim, senão ele fica deitado na rua, com aquele olhar triste. Parece que ele está à espera do Cláudio – conta emocionada, com lágrimas nos olhos.

FONTE: Gazeta de Caçapava. Disponível em: <<http://gazetadecacapava.com.br/cao-refaz-passos-do-dono-morto-ha-um-ano/>>

**CONVERSA ENTRE DOIS CONHECIDOS QUE SE ENCONTRAM NAS RUAS
DE CAÇAPAVA
(inventada)**

Pedro: Buenas, que tal o dia hoje?

Paulo: Pois tá lindo, mais fresco, né, sem tanto calor.

Pedro: Tu viu a do cachorro do artista? Saiu até na Gazeta.

Paulo: Qual cachorro?

Pedro: Aquele bonito, de raça japonesa, acho que é akita o nome, era do Seu Claudio Cantarelli.

Paulo: Ah, sei, passeava sempre com ele aqui pela cidade. Mas o Cantarelli morreu faz um tempo, não?

Pedro: Morreu sim, foi lá em 2015. Mas tu nem sabe a do cachorro, é incrível, coisa bonita de ver!

Paulo: Mas o que tanto esse cusco faz?

Pedro: Pois tu acredita que o cachorro anda passeando pela cidade, vai em todo o lugar que ia com o Cantarelli, até na lotérica.

Paulo: Bah, coitado do bicho, deve sentir a maior falta do dono.

Pedro: Isso, diz que é uma tristeza só, parece que tem uma senhora que tá cuidando dele agora.

Paulo: Ué, a família do Claudio não ficou com ele?

Pedro: Ele ficava na casa do Claudio, mas aí o portão ficava fechado, ele não podia sair, passava triste. Por isso essa senhora resolveu pedir pra ficar com ele.

Paulo: E deram o bicho pra ela?

Pedro: Deram sim, ela disse que é pobre, mas que o cachorro ia ser bem cuidado. E olha que cuida mesmo, ele vai até no veterinário.

Paulo: Mas por que o cachorro continua andando por aí, parece que tá procurando o dono morto.

Pedro: Continua porque sente falta, né, cachorro é bicho fiel, não esquece. A senhora que cuida dele diz que deixa ele passear, só no fim do dia coloca uma guia nele e leva pra casa, senão ele fica na rua, deitado, triste.

Paulo: Poxa, que história, heim, parece filme. Ah, lembrei, eu vi um filme com uma história igual.

Pedro: Claro, tem um que dá de novo na TV seguido, parece que o nome é Sempre ao seu lado.

Paulo: Isso, Sempre ao seu lado. E fica mesmo, cachorro é o maior amigo do homem. Pois é, mas vô lá que tenho que trabalhar.

Pedro: É, tá na hora pra mim também. Vai pela sombra, viu, te cuida.

Paulo: Te cuida tu, tchê, até.

Podemos observar que o texto 1, por compreender um escrito publicado em jornal de grande circulação, foi cuidadosamente planejado, preocupando-se o autor em detalhar todos os eventos relacionados à história e comportamento do cachorro Thor, inclusive citando nomes de pessoas e lugares. A sintaxe é elaborada, compreendendo frases completas, o que também demonstra uma espécie de “rascunho” do texto, ou seja, ele foi previamente pensado para ser satisfatoriamente informativo às pessoas que não convivem com os envolvidos, ou seja, não conhecem o cão e nem mesmo moram na cidade onde ele vive. Além disso, por ser pensado para publicação em meio jornalístico, faz uso de um registro linguístico mais próximo do padrão formal, capaz de ser compreendido por diversos tipos de leitores.

Por outro lado, o texto 2 recupera uma conversa entre conhecidos – Pedro e Paulo – que moram na cidade onde acontece a “história” de Thor, o que admite uma comunicação mais próxima do registro popular e aberta a diversos subentendidos que não truncam as informações para os interlocutores, pois os mesmos, de certa forma, integram o cenário do relato. Assim, as falas vão se construindo ao sabor do encontro dos dois, sobretudo no sentido de responder aos questionamentos de Paulo, que vem a ser o menos informado em relação aos eventos. Por ser tipicamente comunicação do momento, muitas frases se justapõem, dispensando conectivos, sendo que uma completa a informação dada pela outra. A informalidade responde pela adesão às gírias e regionalismos, assim como pela supressão de nomes de pessoas e lugares (a “senhora” não é nomeada, o falecido dono do cachorro é designado como “o artista”, “o Cantarelli”, não se cita o nome do veterinário onde levam o cão; aliás, nem o animal é tratado pelo nome). Nota-se ainda o recurso a expressões características da função fática, as quais procuram manter a conversa viva enquanto os interlocutores se revezam em seus turnos de fala.

Esses dois exemplos comprovam que fala e escrita apresentam suas particularidades, com a segunda se organizando de maneira própria e não se constituindo em pura reprodução da primeira. Ambas atendem às necessidades comunicativas de quem as utiliza, sendo, por isso mesmo, adequadas em seus diferentes contextos. Aliás, é o contexto quem vai permitir que a escrita, em determinadas situações, se aproxime mais da fala, e vice-versa. Se um locutor de rádio fosse contar a história de Thor em seu programa diário, por exemplo, provavelmente se utilizaria de um registro mais próximo ao da notícia veiculada no **Diário de Santa Maria**, embora estivesse recorrendo à comunicação falada. Em contrapartida, se estivéssemos conversando em um bate-papo escrito de rede social, usaríamos um texto bastante semelhante ao da conversa entre Pedro e Paulo.

O professor Luiz Antonio Marcuschi (Universidade Federal de Pernambuco) desenvolve importantes estudos sobre fala e escrita. Neste **VÍDEO**, ele tece reflexões sobre a fala, a escrita e os seus processos de aprendizagem na escola, os quais certamente complementam o que vimos discutindo nesta aula.



INTERATIVIDADE:

<http://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>

1.3

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Até aqui temos compreendido as manifestações faladas ou escritas da língua como processos essencialmente dinâmicos, sujeitos a transformações e independentes de um modelo rígido, capaz de determinar se este ou aquele texto é correto ou incorreto, adequado ou inadequado, quando independentes do contexto de utilização.

No entanto, nem sempre foi assim. Existiram e ainda existem concepções arcaicas do uso da língua, as quais vinculam determinadas formas de dizer/escrever ao socialmente aceitável ou não, **preconizando** a adesão irrestrita a uma gramática dita normativa, capaz de regular os usos da língua de acordo com padrões de correção herdados de uma elite cultural, a saber, os usos da aristocracia socioeconômica.

O linguista Marcos Bagno faz remontar a normatização da língua à época helenística (século IV a.C), quando a existência de um imenso império, fruto das conquistas de Alexandre O Grande, fez com que se desejasse criar um padrão uniforme e homogêneo para a língua, o qual se alçasse sobre as diferenças entre países e povos como instrumento unificador política e culturalmente. Assim, nasceram as noções de bem e mau falar, bem e mau escrever, compondo o que chamaríamos de Gramática Tradicional (BAGNO, 2007).

Essa gramática, ao longo dos séculos, concentrou-se nas noções de certo e errado, desprezando a língua falada e supervalorizando a escrita, **estigmatizando** as manifestações linguísticas dos excluídos da elite cultural e criando um ideal de língua estanke, baseado nos grandes autores do passado e transmitido apenas entre os que tinham acesso à escolarização formal (BAGNO, 2007).

Contudo, mesmo a gramática tradicional não pode ignorar a dinamicidade da língua, que varia espacialmente e se transforma no decorrer do tempo. Porém, classificou essa dinamicidade como negativa, algo que vem sendo superado, gradativamente, pelos estudos sociolinguísticos desde o século XX.

Conheçamos agora um pouco do que esses estudos nos aportam sobre a variação linguística e como esse fenômeno enriquece os processos de comunicação falados e escritos, personalizando os textos que criamos.



TERMO DO GLOSSÁRIO: preconizando – recomendar, sugerir.
estigmatizando – marcar negativamente, condenar.

O QUE SÃO AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

As variações linguísticas incidem naquilo que Bagno (2007) designa como heterogeneidade ordenada, ou seja, formas distintas de dizer e/ou escrever, com singularidades próprias e classificações diversas, as quais, logicamente, não acontecem aleatoriamente, pois se justificam dentro das possibilidades de enunciação e fatores extralinguísticos característicos do uso que se faz da língua. Nesse sentido, podemos observar variações:

- » **Fonético-fonológica:** pronúncias diversas para um mesmo fonema (o R do carioca e o R do interiorano paulista na palavra “barco”, por exemplo);
- » **Morfológica:** estruturas diferenciadas em vocábulos que detêm um mesmo significado (pegajoso e peguento, por exemplo, expressam a mesma ideia);
- » **Sintática:** organizações distintas para os termos frasais, mas conferindo um mesmo sentido (“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heróico o brado retumbante”, em ordem frasal direta, fica “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico”);
- » **Semântica:** significados distintos para uma mesma palavra (“exame” pode ser procedimento clínico, mas pode ser também prova, avaliação);
- » **Lexical:** palavras diferentes remetem a um mesmo significado (“página” e “lauda” se referem a cada face de uma folha);
- » **Estilístico-pragmática:** correspondem às diferentes situações de interação social, refletindo o estilo e conveniências de uso dos falantes/escreventes (“simbora, galera” e “vamos embora, pessoal” expressam a mesma ideia, mas remetem a contextos de interação distintos, podendo ser, inclusive, utilizados pelo mesmo indivíduo) (BAGNO, 2007).



ATENÇÃO: Fonética e Fonologia são partes da gramática que estudam a sonoridade e categorização das palavras nas línguas faladas.

Morfologia é a parte da gramática que estuda a formação, estrutura e classificação das palavras de uma língua.

A Sintaxe é a parte da gramática que estuda a organização das palavras na frase, as relações que as palavras estabelecem entre si nos enunciados.

Parte da gramática que estuda os sentidos das palavras, as interpretações dos enunciados.

A Estilística é a parte da gramática que estuda a função expressiva das palavras, como a sua estrutura e o seu sentido podem funcionar determinando estilos. A Pragmática é a parte da gramática que estuda as palavras em seu contexto de uso prático, sua funcionalidade.

É importante reforçar a questão do ordenamento, isto é, as variações não podem se processar sem quaisquer regras, sendo que cada língua encerra determinadas possibilidades de comunicação com manutenção do sentido da mensagem. Vejamos:

Dê-me uns pães.
Me dê uns pão
Me dá uns pão.
~~Me dá um pães.~~

Observe que, em português, as três primeiras construções frasais são válidas, embora em práticas sociais distintas. Isso já não acontece com a última frase, pois a marcação do plural apenas no último elemento não é aceita pela nossa língua.

FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Os fatores extralinguísticos constituem componentes sociais que podem determinar as variações da língua em seus registros falado ou escrito. São eles que promovem os chamados níveis de linguagem, os quais demandam a concordância entre emissores e receptores de que este ou aquele registro pode ser compreendido dentro desta ou daquela situação de uso da língua.

São fatores extralinguísticos a origem geográfica, o status socioeconômico, o grau de escolarização, a faixa etária, o sexo, o mercado de trabalho, as redes sociais. Vejamos um pouco mais sobre alguns deles:

A) Origem geográfica: fala e escrita, sobretudo a primeira, podem receber influências da região do país em que se verificam e da população que as registra. Essa influência pode ser observada, sobretudo, no **léxico**. Ex: “tangerina” é “mexerica” no sudeste e “bergamota” no sul do país

As manifestações escritas, geralmente, não são aceitas pelo padrão culto da língua, cabendo sua utilização em textos literários, como signo de autenticidade e poeticidade. Vejamos um fragmento de João Simões Lopes Neto (1865-1916), escritor gaúcho notável pela utilização de elementos da cultura riograndense em sua obra:



ATENÇÃO: léxico – vocabulário, conjunto de palavras disponíveis para utilização dos usuários de determinada língua

As manifestações escritas, geralmente, não são aceitas pelo padrão culto da língua, cabendo sua utilização em textos literários, como signo de autenticidade e poeticidade. Vejamos um fragmento de João Simões Lopes Neto (1865-1916), escritor gaúcho notável pela utilização de elementos da cultura riograndense em sua obra:

ARTIGOS DE FÉ DO GAÚCHO

Muita gente anda no mundo sem saber pra quê: vivem porque vêem os outros viverem.

Alguns aprendem à sua custa, quase sempre já tarde pra um proveito melhor.

Eu sou desses.

Pra não suceder assim a vancê, eu vou ensinar-lhe o que os doutores nunca hão de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletreando nos seus livrões. Vancê note na sua livreta:

1º. Não cries guaxo: mas cria perto do teu olhar o potrilho pro teu andar.

2º. Doma tu mesmo o teu bagual: não enfrenes na lua nova, que fica babão; não arrendes na miguante, que te sai lerdo.

3º. Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião: e sempre que puderes passa-lhe a mão.

4º. Se és maturrango e chasque de namorado, mancas o teu cavalo, mas chegas; se fores chasque de vida ou morte, matas o teu cavalo e talvez não chegues.

5º. A maior pressa é a que se faz devagar.

6º. Se tens viajada larga não faças pular o teu cavalo; sai ao tranco até o primeiro suor secar; depois ao trote até o segundo; dá-lhe um alce sem terceiro e terás cavalo para o dia inteiro.

7º. Se queres engordar o teu cavalo tira-lhe um pêlo da testa todas as vezes da ração.

8º. Fala ao teu cavalo como se fosse a gente.

9º. Não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água, tordilho; pra muito, tapado; mas pra tudo, tostado.

10º. Se topares um andante com os anelos às costas, pergunta-lhe — onde ficou o baio?...

11º. Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.

12º. Mulher, de bom gênio; faca, de bom corte; cavalo de boa boca; onça, de bom peso.

13º. Mulher sardenta e cavalo passarinho... alerta, companheiro!...

14º. Se correres eguada xucra, grita; mas com os homens, apresilha a língua.

15º. Quando dois brincam de mão, o diabo cospe vermelho...

16°. Cavalo de olho de porco, cachorro calado e homem de fala fina... sempre de relancina...

17°. Não te apotres, que domadores não faltam...

18°. Na guerra não há esse que nunca ouviu as esporas cantarem de grilo...

19°. Teima, mas não apostes; recebe, e depois assenta; assenta, e depois paga...

20°. Quando 'stiveres pra embrabecer, conta três vezes os botões da tua roupa...

21°. Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos, quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...

Que foi? Ah! Quebrou-se a ponta do lápis?

Amanhã vancê escreve o resto: olhe que dá para encher um par de tarcas ...

FONTE: NETO, 1976. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000121.pdf>

B) Status econômico e grau de escolarização: abordamos esses dois fatores conjuntamente porque costumam estar relacionados. O pertencimento às camadas da sociedade economicamente privilegiadas normalmente anda de braços com altos níveis de escolarização, o que possibilita a aprendizagem e maior contato com o padrão culto da língua, além de propiciar uma maior variedade de situações para uso do mesmo.

O padrão culto da língua costuma ser privilegiado nas escolas e corresponde àquele contemplado nos textos das esferas administrativas, jornalísticas e científicas. É regulado pela gramática normativa e mais comumente usado na linguagem escrita e literária, refletindo prestígio social e cultural. Por se calcar na tradição gramatical, é mais estável e menos sujeito a variações. Ele prepondera nas conferências, sermões, discursos políticos, comunicações científicas, noticiários de TV, programas culturais, etc., embora, frequentemente, abra espaço, em alguns desses textos, a uma variedade mais coloquial.

A linguagem dita coloquial é usada espontânea e fluentemente pela maioria das pessoas. Ela refuta a rigidez gramatical, admitindo os chamados coloquialismos (predomínio de orações coordenadas, “a gente” no lugar de “nós”, tempos verbais compostos, abreviaturas, etc.) e até algumas gírias e **vícios de linguagem** (repetições, estrangeirismos, etc.). Pode ser reconhecida nas conversas familiares ou entre amigos, anedotas, transmissões esportivas, programas de TV (sobretudo os de auditório), novelas, postagens em redes sociais, sites e blogs, etc. Vem se imiscuindo progressivamente em textos tradicionalmente ligados ao padrão culto, como aulas acadêmicas e noticiosos de televisão.



ATENÇÃO: palavras ou frases que contrariam os usos adequados e/ou funcionais da língua, considerando-se a sua vertente padrão culta. Geralmente ocorrem por descuido ou desconhecimento de parte do usuário.

Observe como a mesma informação é transmitida de duas maneiras diferentes, uma em contexto formal (linguagem culta), outra em contexto informal (linguagem coloquial):

» A chefia da empresa realizará uma reunião conosco para esclarecer a situação. (cult)

» Os chefes vão fazer uma reunião com a gente pra explicar a situação. (coloquial)

C) Faixa etária e sexo: a linguagem pode variar de acordo com a idade e sexo de seus produtores (falantes/escritores), caracterizando especialmente um grupo ou categoria social, sua visão do mundo e atitudes, funcionando, eventualmente, como um distintivo desse grupo ou categoria. Isso se aplica também às comunidades de interesses e de comportamentos, independente de idade ou sexo, pois essas comunidades costumam buscar uma identidade própria, capaz de preservar aquilo que lhes é relevante, excluindo os indivíduos externos ao grupo de seu entendimento. Esse registro linguístico diferenciado pode compreender o que chamamos de gíria.

A gíria geralmente apresenta caráter contestador, acompanhando comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Ela atua como um escudo protetor dos seus usuários, que assim dizem um não ao que consideram retrógrado ou opressor; também protege os interesses desses usuários, na medida em que somente eles podem compreender o seu código. Os jovens são grandes criadores e usuários de gírias, pois estão em uma faixa etária naturalmente contestadora e ávida pelo novo; mas também movimentos socio-culturais e de comportamento coletivo, além de grupos que vivem à margem da sociedade, costumam se servir avidamente dela. Assim temos as gírias dos “hippies”, dos “funkeiros”, dos criminosos de quadrilha, etc.

Agora é hora de conferir um texto que usa e abusa da gíria. Trata-se da letra de uma canção da banda gaúcha Comunidade Nin-Jitsu, que reproduz a linguagem amplamente falada por jovens urbanos e socioeconomicamente desfavorecidos no início dos anos 2010:

MELÔ DO ANALFABETO

Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Não estudei não cherei cola
Eu só queria jogar bola
Zoar com as meninas
Na saída da escola
Na quadra eu dançava
E a galera se animava
Tudo que eu queria
Era a gatinha que eu amava

Anal fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Eu não me apavorei
E nunca vacilei
Mas não pude escrever
A carta que eu sonhei
Brincar com as palavras
Que saíam da minha boca
Era uma solução,
Uma saída muito louca

Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Eu tinha um camarada
Que anotava o que eu dizia
Tudo que eu falava
Ele riscava e escrevia
Talvez ele entregasse
Pra sua gata algum dia
Se aproveitando
Da minha poesia

Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

Um dia eu descobri
Que ele se apaixonava
Pela mesma gata que eu amava
A mina indignada
Um dia reclamou
"perai meu camarada, essa carta já chegou"

Anal.. fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você
Anal..fabeto
Não sei lê nem escrevê
Mas gosto muito de você

FONTE: Comunidade Nin jitsu. Melô do Analfabeto, 2010. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/comunidade-nin-jitsu/45345/>>

D) Mercado de trabalho: toda área de conhecimento ou círculo profissional utiliza termos específicos em suas comunicações, os quais geralmente são compreendidos apenas dentro do seu grupo de usuários. Deste modo, temos a linguagem técnica, amplamente utilizada nas publicações destinadas a uma determinada área da ciência e da tecnologia, e o jargão, que compreende os usos linguísticos de indivíduos que partilham uma mesma profissão (o “juridiquês” dos advogados, o “economês” dos economistas, etc.).

Seguimos com o fragmento de um artigo científico na área da medicina, o qual se utiliza de linguagem técnica própria da área e que, embora eventualmente inacessível à compreensão de leigos no assunto, certamente pode ser perfeitamente compreendido por médicos, pois muitos de seus termos fazem parte do jargão desse grupo profissional:

“O carcinoma hepatocelular (HCC) é o tumor sólido mais comum no mundo, com incidência estimada em um milhão de novos pacientes por ano. Além disso, atrás apenas dos linfonodos, o fígado é o segundo maior alvo de metástases provenientes de outros tumores sólidos, o que é particularmente comum em pacientes com adenocarcinoma colorretal, por tratar-se do órgão

mais comumente acometido na doença metastática neste tipo de neoplasia” (RIBEIRO, 2010, P.1).

E) Redes sociais: nos dias atuais, as redes sociais constituem um importante veículo de comunicação, assim como blogs, aplicativos de celulares e sites em geral. Esses ambientes comunicativos criaram novas necessidades comunicacionais, relacionadas à administração do tempo em que se está conectado, à união entre escrita, fala e elementos visuais, bem como à demanda por gerar informação e participar de discussões significativas para quem se comunica.

Nesse sentido, os textos veiculados através de posts e bate-papos de redes sociais, mensagens de celulares e comentários em sites e blogs acabaram por desenvolver características peculiares, como abreviaturas, sinais, alteração intencional da grafia de palavras, associação de imagens (gifs, emoticons, etc.), etc.

FIGURA 3:



FONTE: Texto da autora, adaptado por NTE, 2017

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO TEMPO

Como vimos, o dinamismo da língua faz com que ela sofra constantes transformações dentro dos contextos em que opera e de acordo com os seus usuários. Essas transformações vão muito além do plano espacial, **sincrônico**, mas refletem também uma movimentação no plano temporal, **diacrônico**. É por isso que um texto escrito no início do século XX não é igual a um escrito no ano de 2017, do mesmo modo que uma conversa entre pessoas daquela época também não seria igual à entretida por duas pessoas em nossos dias.

A variação temporal é tão significativa que muitos textos de uma mesma língua dificilmente poderão ser compreendidos sem auxílio por usuários de épocas distintas. Vejamos, por exemplo, o extrato de uma cantiga de amor portuguesa, texto poético produzido para ser acompanhado com música e relativamente popular nas cortes da Idade Média:



ATENÇÃO: Sincrônico – evolução da língua que pode ser verificada em uma mesma época.

Diacrônico – evolução da língua em tempos diferentes.

Quantos ham gran coita
Quantos ham gran coita d'amor
eno mundo, qual og' eu ei,
querrian morrer, eu o sei,
o averrian én sabor.
Mais mentr' eu vos vir', mia senhor,
sempre m'eu querria viver,
e atender e atender!

FONTE: GUILHADE, J.G. DE. QUANTOS HAM GRAN COITA. DISPONÍVEL EM: <HTTP://CANTIGAS.FCSH.UNL.PT/CANTIGA.ASP?CDCANT=398&PV=SIM>

Observe que esse texto foi produzido em uma versão arcaica do português, intimamente ligada ao **galego**. Nos dias de hoje, conseguimos identificar algumas palavras, mas outras nos são desconhecidas, pois sofreram transformações ao longo dos séculos que nos separam do contexto de uso linguístico em que o poema foi criado.



TERMO DO GLOSSÁRIO: língua de origem latina falada na Galícia, região da atual Espanha.

Um dos principais elementos da língua que é afetado pelo tempo é o léxico. Isso acontece porque periodicamente são criadas novas palavras (neologismos), incorporados vocábulos de outras línguas (estrangeirismos) e muitos termos caem em desuso (arcaísmos). Há uma crônica de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) que ilustra bem a transformação pela qual passou o vocabulário da língua portuguesa, retratando como se falava o português nos anos iniciais do século xx:

ANTIGAMENTE

Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábuas, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entretanto, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava, dando às de VilaDiogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar o sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de

aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomavam chá em criança e, ao visitarem uma família da maior consideração, sabiam cuspir na escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: “Farei presente”. Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”; ao que o cumprimentado respondia: “Para sempre seja louvado”. E os eruditos, se alguém espirrava – sinal de defluxo – eram impelidos a exortar: Dominus tecum.

Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. É verdade que às vezes os meninos eram encapetados, e chegavam a pitar escondido atrás da igreja. As meninas não: verdadeiros cromos, umas teteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim-por-tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas.

Uns raros amarravam cachorros com linguça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carneiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um “cabrito”, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, traziam as novidades “de baixo”, ou seja, do Rio de Janeiro. Ele vinha dar uma prosa e deixar presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais que velhacos: eram grandessíssimos tratantes. Acontecia o indivíduo apanhar uma constipação; ficando perrengue, mandava um próprio chamar o doutor e, depois, ia à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica.

Antigamente os sobrados tinham assombrações; os meninos, lombrigas; asthma, os gatos; os homens portavam ceroulas, botinas e capa de goma; a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London; não havia fotografos, mas retratistas e os cristãos não morriam: descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

FONTE: ANDRADE, Carlos Drumond de, 1966. Disponível em: <https://leituramelhorviagem.files.wordpress.com/2012/09/texto-para-leitura_antigamente1.pdf>

2

LEITURA

INTRODUÇÃO

A leitura é prática fundamental na construção de conhecimentos, favorecendo o aprendizado de conteúdos específicos e a compreensão das diversas situações comunicacionais que o dia a dia nos apresenta. Estamos cercados de textos por todos os lados, sendo que as modalidades escritas têm presença garantida em quase todos os contextos de circulação, indo desde a simples troca de mensagens via celular até a fruição de textos literários mais sofisticados, como o conto e o romance. Na universidade, a prática da leitura se torna decisiva para o sucesso de um aluno, integrando-se à rotina de estudos como forma privilegiada para acesso, compreensão e interpretação de conhecimentos. O hábito da leitura funciona também como um exercício de fixação das teorias, favorecendo a reflexão sobre o que é aprendido e a capacidade de relacionar essas aprendizagens com outros aprendizados e contextos.

Nesta unidade, você aprofundará seus conhecimentos sobre estratégias de leitura, compreensão e interpretação; tipos e gêneros textuais; qualidades do texto (clareza, adequação); fatores de textualidade (coesão, coerência); intertextualidade e literariedade. Você também lerá diversos tipos de textos e realizará exercícios de fixação e avaliação dos conhecimentos construídos, os quais explorarão suas habilidades de leitura.

Através das temáticas abordadas, esta unidade visa desenvolver sua competência como leitor, apresentando-o a uma variedade de textos, produzidos e veiculados em diferentes contextos, e estimulando-o a desvendar aspectos estruturais e relacionais desses escritos. O desenvolvimento das habilidades de leitura também irá auxiliá-lo na consolidação das competências de produção textual, que estudaremos detidamente na próxima unidade.

Lembre-se que é muito importante que você leia os textos da unidade e realize os exercícios, pois eles apoiarão de maneira determinante a sua aprendizagem.

2.1

LER, COMPREENDER E INTERPRETAR

Vimos com Paulo Freire, na Unidade I, que as aprendizagens linguísticas – fala e escrita – estão vinculadas à nossa experiência do mundo, àquilo que dele apreendemos e que trocamos com nossos pares, na vivência de uma “palavra mundo” que espelha os diversos contextos aos quais pertencemos e/ou com os quais nos relacionamos.

Decorre daí a concretização das aprendizagens da língua na forma dos textos, entidades que medeiam todas as nossas interações, urgindo aqui recordar que a etimologia da palavra “texto” nos remete ao latim *texere*, “tecer, construir”, ou seja, ao nos comunicarmos, **metaforicamente**, tecemos, construímos mensagens, e essa trama nos liga, emissores e receptores, impondo se fazer compreendida e interpretada para que de fato comunique, produzindo sentido.

A ideia do tecido linguístico é endossada por Marcuschi (2008, p.72):



TERMO DO GLOSSÁRIO: comparativamente, como em uma metáfora.

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re) construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo.

Por ser (re) construção, é inevitável que exista uma coprodução em algum nível, entre emissor e receptor, pois o objetivo da comunicação somente é atingido quando existe a partilha, e essa apenas se efetiva quando o autor constrói e o destinatário reconstrói. Aqui nos debruçaremos especialmente sobre o texto escrito, uma vez que o processo de reconstrução textual se faz mais instigante na medida em que não temos, geralmente, um produtor escritor próximo de quem lê, constituindo-se assim toda a dinâmica da leitura, com suas estratégias e demandas de compreensão e interpretação. Segundo Koch e Elias (2009a, p.11):

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Para refletirmos um pouco sobre as experiências de construção e reconstrução de sentidos que perfazem a leitura, vamos à prática com o texto a seguir:

QUINOA PODE RESOLVER ESCASSEZ DE COMIDA NO MUNDO

Cientistas descobriram como manipular os genes do grão para que ele fique mais doce e tenha grandes safras.

FIGURA 4: Quinoa



FONTE: <http://pixabay.com/pt/quinoa-gr%C3%A3os-sementes-alimentos-405538/>

1 Ela é rica em nutrientes e muito cotada por quem busca uma alimentação mais saudável. Mas a quinoa pode estar destinada a uma missão muito mais nobre: acabar com a fome no mundo. Como? Criando “supersafras” do grão em todos os continentes do planeta.

5 De acordo com pesquisadores da Universidade King Abdullah de Ciências e Tecnologia, as sementes de quinoa podem se adaptar em ambientes hostis (solos não muito férteis ou em regiões muito altas, por exemplo). Mas, com algumas modificações em seu código genético, seriam ainda mais resistentes. No estudo publicado na revista Nature, cientistas contam que já descobriram
10 como manipular a planta para controlar seu tamanho e amadurecimento. Com a técnica, a quinoa poderia ser cultivada em pouco tempo e com espaçamentos menores entre as mudas – o que permitiria colheitas mais generosas para comercialização.

O sabor também pode ser alterado. “O amargo da semente se deve ao acúmulo
15 de compostos químicos, as saponinas”, explicou Mark Tester, um dos autores do projeto, ao Telegraph. A ideia é criar plantas sem o composto para dar origem a grãos mais doces.

Juntando as características da quinoa e a tecnologia de sequenciamento genético, cientistas acreditam que seria possível fornecer um alimento
20 nutritivo para a população mundial, minimizando o problema de escassez de comida

“A quinoa alimentou as antigas civilizações andinas, mas a cultura foi marginalizada quando o espanhóis chegaram na América do Sul e só recentemente passou a ser vista como interesse global”, disse Tester, que acredita
25 que a pesquisa pode explorar todo o potencial da planta.

Fonte: Revista Superinteressante. Disponível em: (<http://super.abril.com.br/ciencia/quinoa-poderia-resolver-escassez-de-comida-no-mundo/>>)

Após ler o texto, com atenção, quais dentre as afirmativas abaixo você considera corretas em relação à leitura realizada:

- A. Ao ler-se somente o título, é possível depreender o assunto do texto, desde que se conheça o que é “quinoa”.
- B. Não se sabendo o que é “quinoa”, a ilustração que acompanha o texto ajuda o leitor a descobrir o que é.
- C. A informação subtitulada esclarece, de forma resumida, o assunto do texto.
- D. Trata-se de um texto escrito totalmente na variante coloquial da língua.
- E. Ainda que não se identificasse a fonte de publicação, poderia se perceber que o texto é uma pequena reportagem.
- F. O texto recorre a pesquisas acadêmicas e publicações científicas para respaldar o assunto.
- G. O texto descreve como é feito o cultivo da quinoa.
- H. O texto narra a história do cultivo da quinoa pelos povos andinos.
- I. O texto refere uma pesquisa que pode apresentar solução para um grave problema mundial.
- J. O texto utiliza o conetivo “mas” (l.2, 7 e 22) três vezes para introduzir ideias de contraste ou compensação ao anteriormente afirmado.



ATENÇÃO: Acadêmicas – relativo à academia, isto é, à universidade.

Conetivo – também conectivos, elementos de ligação entre palavras e entre frases, como as conjunções.

Vamos nos deter um pouco sobre cada uma delas:

- A. Quando o leitor se circunscreve ao título, sem considerar o restante do texto (supondo que, por momentos, estejam apagados a figura e o restante do escrito), é preciso que, para ele, esteja subentendido o que é “quinoa”. Caso esse leitor hipotético não saiba que se trata de um grão alimentício, ele dificilmente compreenderá porque a quinoa pode resolver o problema da escassez de alimentos (considere-se aqui que a quinoa é uma planta exótica e que não integra o conhecimento de mundo de boa parte dos brasileiros).
- B. A ilustração pode realmente ajudar, mas consideremos aqui que muitos outros tipos de texto não são acompanhados por ilustrações, as quais compreendem elementos extratextuais.
- C. A informação subtitulada resume o assunto do texto em uma frase, adiantando, de certa forma, o que vai ser apresentado: sabemos, através dela, que se trata de uma pesquisa científica com manipulação genética de uma planta, a fim de torná-la mais produtiva e agradável para o consumo. Nesse sentido, produtividade e consumo se agregam ao exposto no título, ou seja, são elementos determinantes para que se resolva um grave problema mundial, que é a escassez de comida.
- D. O texto está escrito no padrão culto da língua, embora utilize um vocabulário relativamente acessível, privilegiando o sentido denotativo da língua e campos semânticos que remetem ao mundo vegetal e à alimentação. O uso da linguagem

técnica não permitiria a compreensão plena a um grande número de leitores, assim como a gíria descaracterizaria a natureza do escrito, que é de vulgarização científica. Para reconhecer a variante linguística realizada, o leitor precisa ter conhecimento linguístico, ou seja, ter domínio sobre os diversos recursos da língua, inclusive suas variações e contextos de uso mais adequados a elas.

E. Ainda que não se dispusesse da fonte, o texto muito provavelmente poderia ser reconhecido como uma pequena reportagem ou notícia, em suma, como um texto jornalístico, por um leitor que detivesse conhecimento textual. Isso acontece porque várias características do texto remetem ao universo dos escritos jornalísticos, tais como a presença de título e subtítulo, a assinatura de um autor/redator, o recurso a palavras de eventuais contatados/entrevistados (via outra publicação, no caso), etc.

F. O texto se serve de pesquisas acadêmicas e de outras publicações para conferir autoridade ao que está apresentando, o que é bastante comum em revistas como a **Superinteressante**, que fazem o que chamamos de vulgarização científica, ou seja, informam sobre ciências a leigos. É por serem dirigidos a um público não habitualmente ligado às áreas de pesquisas abordadas, que os textos da revista não podem abusar do linguajar técnico; no entanto, remetem às fontes para que maiores interessados possam averiguar a veracidade dos fatos apresentados e aprofundar seus conhecimentos através de leituras mais complexas (no texto em forma digital, essas fontes são diretamente apresentadas ao leitor através do recurso do hiperlink).

G. O texto não descreve literalmente o cultivo da quinoa (não há uma descrição de procedimentos), apenas refere que a planta manipulada geneticamente poderia ser cultivada com menor tempo e espaços menores entre as mudas, a fim de ser mais produtiva.

H. O texto menciona que a quinoa foi plantada pelos povos andinos e desvalorizada pelos colonizadores, mas não relata fatos ligados ao desenvolvimento da cultura, como surgiu, como era plantada, como era colhida, como armazenavam, etc. Nesse sentido, não é feito um histórico da planta.

I. O texto expõe uma pesquisa sobre o cultivo da quinoa, levando o leitor a construir conhecimento através das informações veiculadas.

J. A conjunção coordenativa “mas” é utilizada, comumente, para sustentar ideias de contraste ou compensação de informações. No texto, isso pode ser depreendido nas três diferentes situações de uso, as quais remetem para a ideia geral do escrito, que é o de apresentar uma pesquisa que agrega maior valor e supõe um maior desenvolvimento do cultivo da quinoa. Obviamente, a relevância do uso da conjunção “mas” no texto somente poderá ser percebida por um leitor que detenha conhecimento linguístico:

“Ela é rica em nutrientes e muito cotada por quem busca uma alimentação mais saudável. Mas a quinoa pode estar destinada a uma missão muito mais nobre: acabar com a fome no mundo.”

– Aqui “mas” compensa a informação de que a quinoa é rica em nutrientes e procurada para uma alimentação saudável, complementando que ela pode ser mais do que isso, isto é, pode acabar com a fome no mundo.

“(...) as sementes de quinoa podem se adaptar em ambientes hostis (solos não muito férteis ou em regiões muito altas, por exemplo). Mas, com algumas modificações em seu código genético, seriam ainda mais resistentes.”

– Aqui “mas” também complementa o fato de que a quinoa se adapta bem em ambientes hostis, pontuando que, com modificações genéticas, a planta poderia ser ainda mais resistente.

“A quinoa alimentou as antigas civilizações andinas, mas a cultura foi marginalizada quando o espanhóis chegaram na América do Sul (...)”

– Aqui “mas” introduz uma informação contrastante: a quinoa alimentava as civilizações antigas, uma realidade que foi alterada com a chegada dos colonizadores e a consequente desvalorização do cultivo.

Em nossa leitura e breve discussão de alguns aspectos referentes ao texto da **Superinteressante**, salientamos propositalmente algumas palavras e expressões – subentendido, conhecimento de mundo, elementos extratextuais, sentido denotativo, campos semânticos, conhecimento linguístico e conhecimento textual, os quais agora analisaremos mais detidamente, pois fundamentam a construção de sentidos de um texto, viabilizando sua compreensão, interpretação e, portanto, seu próprio reconhecimento como realidade comunicativa.



TERMO DO GLOSSÁRIO: hipotético – de hipótese, de suposição. hiperlink – referência de um documento em hipertexto (link, ligação) a outra parte desse documento ou a outro documento disponível na internet.

SUBENTENDIDO E PRESSUPOSTO

Para que um texto se torne viável enquanto evento comunicativo, é preciso que apresente, de forma mais ou menos equilibrada, conhecimentos novos e saberes que o leitor já tenha acessado. O texto deve introduzir o “novo”, mas nunca desconsiderar aquilo que já está sedimentado pela experiência de mundo e de leitura de seu receptor, pois esse somente compreenderá e interpretará se conseguir lidar com uma base mínima de familiarização com o escrito, “digerindo” assim os novos saberes e associando-os àqueles que já domina. Esse recurso ao já conhecido caracteriza o subentendido, que Rebello (2017, p.469) define:

Quando uma informação não é dita, mas tudo o que é dito nos leva a identificá-la, estamos diante de algo subentendido ou inferível. Os diversos tipos de conhecimento de mundo (...) que precisamos partilhar com o produtor do texto estão implícitos e precisam ser inferidos por nós. Nada é gratuito num texto, tudo tem sentido, é fruto de uma intenção consciente ou inconsciente. Assim, para captar os implícitos, o leitor precisa *inferir*.

Assim, no texto que viemos trabalhando, é preciso que, desde o título, o leitor saiba que a quinoa é um grão alimentício. O escrito parte desse subentendido para apresentar dados novos, ou seja, que a manipulação genética desse grão pode incrementar o seu cultivo, atuando contra a escassez de alimentos no mundo. As novidades são a pesquisa genética e a possibilidade da quinoa sanar a falta de comida; porém, o conhecimento de que a quinoa é alimento rico e saudável já deve estar internalizado pela experiência de mundo do leitor.

Os dados implícitos ao texto podem ainda se apresentar na forma de pressupostos, quer dizer, ideias não externadas, mas perceptíveis a partir de determinadas palavras ou expressões. Ao ler o título e o subtítulo do texto, por exemplo, pode-se pressupor que o alimento quinoa tem elevado valor nutricional, pois somente um produto dessa qualidade, saboroso e abundante em safras, poderia combater a escassez de comida no planeta.

Seja na forma de subentendido ou na de pressuposto, os implícitos são parte importante do escrito, inclusive sustentando a sua viabilidade comunicacional. Isso ocorre por que seria pouco funcional um texto totalmente baseado em explícitos: seria demasiado longo, repetitivo e, portanto, cansativo para o leitor, chegando mesmo a truncar a mensagem.

CONHECIMENTO DE MUNDO

Pressupostos e subentendidos integram aquilo que designamos como conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico. Trata-se dos saberes construídos pelo leitor ao longo de suas experiências de mundo e de leituras, adquiridos seja formal, seja informalmente. Quanto mais se sabe sobre o assunto abordado pelo texto, mais condições se reúne para compreendê-lo e interpretá-lo, mais ele faz sentido para quem o lê.

Na matéria da **Superinteressante**, por exemplo, quanto mais o leitor estiver previamente informado sobre o que é a quinoa, qual o seu valor como alimento, o que é uma pesquisa genética, qual a dimensão do problema da fome no mundo, etc., mais ele poderá fruir do texto, agregando novos saberes que, por sua vez, passarão a compor a sua bagagem de vivências para próximas leituras.

ELEMENTOS EXTRATEXTUAIS

Nem todos os escritos são acompanhados por elementos externos à trama linguística, mas é importante observar quando são apresentados ilustrações, gráficos, mapas, etc. Geralmente, eles agregam informações ao texto, podendo, inclusive, esclarecer questionamentos ou fixar noções sobre o mesmo. Existem ainda textos que se apoiam diretamente nesse tipo de componentes, como é o caso da charge, das histórias em quadrinhos, de trabalhos acadêmicos com pesquisa quantitativa, etc.

No texto, aqui considerado, existe uma ilustração posicionada logo após o subtítulo. Ela pode auxiliar um eventual leitor desinformado a conhecer a aparência da quinoa, mas, de modo geral, pode ser dispensada sem **obliterar** o entendimento do assunto. Tal fato se deve a que o texto recupera por diversas vezes a referência

à quinoa como um vegetal e como um alimento, informação que não necessita de uma descrição ou ilustração da aparência da planta para que seja plenamente compreendida.



TERMO DO GLOSSÁRIO: obliterar – apagar, suprimir.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Muitas palavras podem ser polissêmicas, isto é, serem atreladas a mais de um significado. Também os enunciados podem operar polissemicamente, configurando o jogo entre explícitos e implícitos que movimentam a estrutura de um texto, sempre considerando seu contexto de uso e intencionalidade comunicativa. Daí falarmos em denotação e conotação, quando queremos nos referir aos sentidos da língua que estamos acionando neste ou naquele escrito.

A denotação corresponde ao sentido literal, aquele que pode ser inferido em primeiro lugar, através da experiência de mundo e saber linguístico de que dispomos. É o sentido mais corriqueiro, mais objetivo, por isso privilegiado nos textos que visam informar sem deixar margem a dúvidas, como os escritos jornalísticos e científicos.

Já a conotação remete ao sentido figurado, simbólico, dependente da interpretação do leitor, daquilo que ele consegue discernir sob a superfície do enunciado. A conotação explora a sensibilidade e a expressividade, por isso tem lugar garantido em textos que contemplam a função poética, como crônicas, contos, poemas.

Destacamos que é bem difícil um texto ser puramente denotativo ou conotativo. A grande maioria conjuga, em maior ou menor grau, os dois sentidos, estabelecendo-se a predominância de um sobre o outro de acordo com o contexto de utilização. Tal fato se verifica pela tessitura de explícitos e implícitos que conforma a produção, havendo sempre mais ou menos a ser explorado sob a superfície dos enunciados.

No texto sobre a quinoa, por exemplo, predomina a linguagem denotativa, pois é função de uma notícia ou reportagem jornalística informar com o máximo de precisão sobre aquilo que retrata. No entanto, podemos verificar, aqui e ali, alguns elementos conotativos, como na linha 2, em que se adverte que o grão “pode estar destinado a uma missão muito mais nobre”. Ora, missões são atribuições geralmente delegadas a seres humanos, cujos atos são capazes de desencadeá-las. Porém, como a ideia é destacar o cultivo de quinoa geneticamente manipulada como solução para a escassez de alimentos, atribui-se à planta a prerrogativa humana de desempenhar uma nobre missão, que é a de acabar com a fome no mundo. Conotativamente, a quinoa levaria a cabo a missão que, denotativamente, seria desempenhada por seus cultivadores, comercializadores e demais envolvidos no processo.

CAMPOS SEMÂNTICOS

Os textos costumam contemplar em seu vocabulário o que designamos como campos semânticos, conjuntos de palavras relacionadas entre si pelos seus significados, compondo redes de sentido que reforçam a ideia geral a ser transmitida pelo escrito.

Um campo semântico pode ser integrado por **sinônimos** e **hiperônimos**, os quais atuam como pontos de comunicação entre os enunciados, garantindo que o texto se mantenha coeso e coerente.

O texto que aqui trabalhamos apresenta um notável campo semântico ligado à quinoa, composto por palavras como “grãos”, “sementes”, “planta”, “colheitas”, “cultura”. Também se destaca o campo semântico relacionado à alimentação, com as palavras “comida”, “nutrientes”, “sabor”, “alimento”. A combinação entre esses dois conjuntos sustenta a progressão do texto, retomando constantemente a importância da quinoa como alimento rico e capaz de combater a penúria alimentar no planeta.



ATENÇÃO: Sinônimos – palavras com significados idênticos ou semelhantes.

Hiperônimos – palavras que apresentam sentido mais genérico em relação às outras. Ex: “pássaro” em relação a “pardal”.

CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

O conhecimento linguístico é prévio ao texto, assim como o conhecimento de mundo. Trata-se dos saberes relativos à língua, seu funcionamento, sua organização, que todos os falantes e escreventes possuem, em menor ou maior grau, a respeito de sua língua nativa. Inclui, mas não se restringe ao conhecimento gramatical, pois também reflete a percepção que o usuário da língua tem de situações como contexto e intencionalidade pelos quais transita um texto.

No caso do texto sobre a quinoa, é preciso que o leitor domine as relações estabelecidas por conectivos como “mas” para perceber sua importância para a progressão do escrito, já que a conjunção citada é decisiva na formação de relações entre ideias que se contrastam ou compensam, a saber, a pouca produtividade e sabor amargo da planta que, via genética, poderiam ser convertidos em um cultivo mais rentável e grãos mais saborosos.

CONHECIMENTO TEXTUAL

A estrutura e funcionalidade de um texto apresentam particularidades que precisam ser dominadas por um leitor hábil, detentor do que chamamos de conhecimento textual. Esse conhecimento compreende o discernimento sobre sequências tipológicas (estruturais) e gêneros do discurso (funcionais), demandando uma ampla percepção de contexto, intenções e expectativas envolvidas na coprodução entre escritor e leitor.

Um leitor que detenha conhecimento textual certamente identificará o texto da **Superinteressante**, ainda que sem referência à fonte, como uma matéria jornalística, devido às características de sua formatação e abordagem do assunto. Também será capaz de identificar sequências expositivas e argumentativas como a tipologia predominante na estrutura do escrito. Veremos mais sobre tipologia textual e gêneros discursivos ainda nessa unidade.

Cada um dos aspectos que abordamos em relação ao texto estudado nos diz de formas de familiarização com o mesmo, de coproduzir seus sentidos através de um

ato investigativo, o qual processa novas informações, resgata dados já conhecidos, analisa e relaciona enunciados, dissecar estruturas, avalia contextos de uso, entre outras ações. Esse processo é sempre estratégico e varia de um texto para outro, mas na essência se apoia em procedimentos como antecipação ou previsão de fatos e conteúdos, análise das estruturas envolvidas (ao nível do enunciado e do conjunto do texto), representação mental/visual (organização, formatação), resumo ou síntese e questionamento. Tais procedimentos conformam a dinâmica do ato de ler, uma dinâmica que, para Koch e Elias (2009a, p.18) corre constantemente sob a batuta do leitor, que é capaz de perceber quais são e se apropriar das estratégias de leitura mais adequadas ao universo textual com o qual trabalha:

Na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo. Mais ainda: processamos, criticamos, contrastamos e avaliamos as informações que nos são apresentadas, produzindo sentido para o que lemos. Em outras palavras, agimos estrategicamente, o que nos permite dirigir e autorregular nosso próprio processo de leitura.

O uso proficiente das estratégias de leitura permite, por sua vez, ao leitor que escale níveis em relação ao objeto lido. Ao situar o texto no seu mundo, naquilo que ele já domina, ao decifrar as tramas do código linguístico que compõe os enunciados, enfim, ao exercitar o olhar estratégico sobre o texto, o leitor alcança a compreensão do mesmo, que é um primeiro passo para se chegar à interpretação, a qual fala dos sentidos ocultos, daquilo que jaz sob a superfície dos enunciados. Como Rebello (2017, p.464) esclarece:

Texto e leitor são o ponto de partida para a compreensão: esta só se dá quando ambos entram em contato. O texto torna-se unidade de sentido na interação com o leitor. A leitura possibilita que o leitor se posicione diante do texto, perceba as intenções do produtor, faça cálculos de sentidos possíveis e ultrapasse a simples compreensão. Quando o leitor é capaz de identificar os sentidos possíveis que estão escondidos sob significantes e consegue vislumbrar a intencionalidade do autor, relacionar o texto com o mundo, podemos dizer que chegou ao nível da interpretação.

Agora chegou a hora de exercitarmos mais um pouco nossas habilidades de leitura, desta vez com um texto mais aclimatado à função poética, mas ainda muito característico da linguagem jornalística: a crônica.

CASA COMIGO

Martha Medeiros

Os dois namorados estavam dentro do carro, à noite, estacionados em frente ao prédio da excelentíssima, discutindo a relação. Discutindo mesmo, aos berros, brigando. Em meio a algum pra mim chega!, surgiram dois meliantes armados e interromperam aquele bate-boca. Transferiram os namorados para o banco de trás e saíram em disparada com eles: sequestro relâmpago. Rodaram a cidade durante 50 minutos, fizeram saques em caixas eletrônicos, até que os levaram para um lugar ermo, no meio do mato.

Duas coronhadas, uma em cada um, rostos sangrando, mas era pouco: despiram os dois, deixando-os apenas com a roupa de baixo, e os amarraram em troncos de árvores. Não houve agressão sexual, mas não se pode dizer que foi um passeio no bosque. Em plena madrugada, abandonaram o casal imobilizado e seguiram com o carro do rapaz rumo à impunidade garantida. Restou o silêncio. Assustados, os dois tentaram, tentaram de novo, e conseguiram, finalmente, se desamarrar. Livres, sozinhos, sem saber onde estavam, olharam um para o outro e tiveram um ataque de riso. Ele a abraçou fortemente e só conseguiu dizer duas palavras: “Casa comigo”.

Aconteceu mesmo. Quem me contou, olho no olho, foi a protagonista feminina da história. Eu não conseguiria imaginar pedido de casamento mais romântico. Sem vinho, sem luz de velas e sem anel de brilhantes – um pedido movido simplesmente pela emergência da vida, pela busca de uma felicidade genuína, pela supressão da razão em detrimento da emoção verdadeira.

Estavam para morrer, os dois. Foram unidos pelo mesmo pensamento desde que foram surpreendidos por dois estranhos armados: acabou. Não tem mais por que discutir a relação. Não tem mais relação. Não tem mais manhã seguinte. Não tem mais futuro. Acabou. Que perda de tempo. Para que brigar? Para que se estressar com ciúmes, com queixas, com mágoas? Acabou.

E então descobrem que não acabou. Desamarram-se, estão nus por fora e por dentro, despidos de qualquer racionalidade, apenas aliviados com o desfecho da aventura e absolutamente tomados pela potência do que é essencial na vida. O amor. Casa comigo.

Estão casados há 10 anos. Não sei se plenamente felizes. É provável que os motivos dos ciúmes e das queixas e de tudo aquilo que explodiu naquela discussão dentro do carro antes do sequestro tenha se repetido outras vezes. A realidade impõe os seus caprichos. Obriga a gente a pensar e manter a sanidade. Maldita sanidade.

Mas houve um momento em que eles não pensaram. Só sentiram. Sentiram tudo. Sentiram sem amarras. Sentiram soltos. Sentiram livres. Pura emoção. E a emoção se impôs: casa comigo. Tiveram os piores padrinhos do mundo: a violência e o medo. Mas que beijo deve ter sido dado ali no meio do nada.

FONTE: Site G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/06/leia-cronica-que-martha-medeiros-fez-para-casal-que-reatou-apos-sequestro.html>>

2.2

TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

Até agora, temos falado em tipos e gêneros textuais sem nos aprofundar muito no assunto, ainda que sempre destacando a importância dessas classificações para uma compreensão e interpretação mais acurada dos textos que integram nossa realidade comunicacional. Chegou a hora de nos determos mais especificamente sobre essas categorias para enriquecermos nosso acervo de saberes sobre a língua e, conseqüentemente, aprimorarmos nossas habilidades de leitura e de produção de textos.

Começemos, pois, pela tipologia textual:

TIPOS TEXTUAIS

Os tipos textuais consistem, por si só, não em textos, mas em seqüências de natureza linguística, caracterizadas por especificidades de composição (aspectos léxicos, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, etc.). Compreendem a narração, a descrição, a argumentação, a injunção e a exposição, podendo aparecer todas em um único texto, pelo que Marcuschi (2008, p.155) afirma que: “O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*”. Vejamos mais sobre cada tipo textual.

NARRAÇÃO

O texto narrativo relata um acontecimento em tempo definido e espaço concreto. Nele ocorrem mudanças de um estado para outro, gerando situações de anterioridade e posterioridade. A classe gramatical que se destaca é o verbo, predominando os tempos verbais do pretérito, sobretudo o perfeito, e o futuro do pretérito do indicativo. Veremos mais sobre o texto narrativo na Unidade 3. Por enquanto, vejamos a seqüência textual a seguir:

Certa vez, Mota sumiu de circulação. Já havia quinze dias que Carvalho não o encontrava em lugar algum. Curioso para saber notícias do amigo, Carvalho foi visitá-lo em casa. Mota explicou que andava ausente por causa de um “achado”, uma “mulata deliciosa” que conhecera. Contou, então, como a tinha encontrado. Tinha tomado um barco onde marcara um encontro de negócios com um comerciante nordestino. No barco, viu uma linda mulata passando. De indagação em indagação, soube que ela se chamava Alice e que viajava com um alferes do Exército. Também soube que o alferes era apenas um “amigo” e que ela

estava indo para o Rio de Janeiro “fazer a vida”. Mota desceu do barco com a moça, levou-a para uma pensão e começaram a namorar. Orgulhoso de sua conquista, o comendador estava decidido a montar um apartamento para Alice, cobri-la de jóias e presentes, fazer dela sua amante permanente (BARRETO, 1993, p. 36).

DESCRIÇÃO

A sequência textual descritiva compreende o relato das características, propriedades e atribuições de um objeto particular concreto (pessoa, paisagem, etc.) ou de um processo, mecanismo, etc. A descrição atua como uma fotografia, captando um instante do referido objeto ou situação, daí não existindo progressão temporal de fatos relacionados ao que é descrito, ou seja, não há um anterior e um posterior ao captado no momento. Existem descrições objetivas, técnicas, baseadas em léxico denotativo, como é o caso dos relatos de resultados de pesquisas, e descrições subjetivas, literárias, que contemplam um vocabulário conotativo, como se pode observar nas descrições de personagens em contos e romances. Na descrição, costuma predominar o pretérito perfeito e a classe gramatical que mais se destaca são os adjetivos e locuções adjetivas. Seguimos com um fragmento descritivo de texto:

A Rua da Imperatriz, às oito e meia, com uma porção de casas comerciais velhas e tão juntas, tão trepadas na calçada, que parecem despejadas na rua, estava em plena febre. Os botequins reles, as barbearias sujas, as tascas imundas gargulejavam gente, e essa gente era curiosa – trabalhadores em mangas de camisa, carroceiros, carregadores, fumando mata-ratos infectos, cuspinhando cachaça em altos berros, num calão de imprevisto, e rapazes mulatos, brancos, de grandes calças a balão, chapéu ao alto, a se arrastarem bamboleando o passo, ou em tabernas barulhentas. A nossa passagem era acompanhada com um olhar de ironia, e bastava parar dois segundos de frente de uma taberna, para que dentro todos os olhos se cravassem em nós.

FONTE: João do Rio. Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/as-criancas-que-matam-conto-do-joao-do-rio/>>.

ARGUMENTAÇÃO

A sequência textual argumentativa integra um horizonte textual maior que costumamos chamar de dissertação. Visa ao convencimento do leitor, para que concorde/abraça uma ideia, um ponto de vista, compondo-se tradicionalmente de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. O texto argumentativo contempla tanto um léxico concreto como um mais abstrato, podendo aproximar-se mais ou menos da linguagem conotativa conforme o gênero no qual estiver circulando: por exemplo, um artigo de opinião em uma revista ou jornal tenderá a tomar mais liberdades conotativas do que um artigo científico apresentado a um professor como trabalho

de conclusão de uma disciplina de graduação. Na Unidade 3, estudaremos o texto argumentativo com maiores detalhes. Fiquemos por agora com um exemplo:

O ideal seria, antes de fazer uma Reforma da Previdência Social, garantirmos a qualidade do trabalho no Brasil, melhorando o salário e a formação de quem vende sua força física, proporcionando a eles e elas qualidade de vida – seja através do desenvolvimento da tecnologia, seja através da adoção de limites mais rigorosos para a exploração do trabalho. O que tende a aumentar, é claro, a produtividade. Mas como isso está longe de acontecer (basta ver a "vida" dos empregados de frigoríficos em todo o país, que são aposentados por invalidez aos 30 e poucos anos por sequelas deixadas pelo serviço), a discussão talvez passe por um regime diferenciado para determinadas categorias. E, mesmo assim, não será simples, pois em algumas delas os profissionais são levados aos limites e aposentados por danos psicológicos – ou chegam aos 60 sem condições de desfrutar o merecido descanso.

FONTE: Leonardo Sakamoto. Disponível em: <<https://goo.gl/vcJtBX>>.

INJUNÇÃO

O texto injuntivo almeja instruir, explicar sobre um procedimento, embora não busque o convencimento do leitor sobre o que deve ser feito nesta ou naquela situação. Usa linguagem simples, objetiva e denotativa, com predominância de verbos no modo imperativo. Por relatar instruções, não pode prescindir de uma certa progressão temporal, pressupondo, de certo modo, acontecimentos que geram transformações. Por outro lado, partilha uma qualidade descritiva, na medida em que relata o passo a passo de um processo ou procedimento. É o tipo textual predominante em bulas de medicamentos, receitas culinárias, manuais de instruções, editais de concursos, etc. Observemos um exemplo:

HAMBURGUER CLÁSSICO

1 kg de carne moída
4 fatias de queijo (opcional)
4 pães de hambúrguer cortados ao meio
4 a 8 folhas de alface
1 tomate fatiado
1/2 cebola roxa fatiada
Ketchup e mostarda a gosto
Sal e pimenta a gosto

Modo de preparo

Preparo: **25mins** › Pronto em: **25mins**

1. Modele 4 hambúrgueres com a carne moída entre as palmas das mãos. Para um hambúrguer mais suculento, evite apertar e compactar demais a carne. Tempere a gosto dos dois lados.
2. Esquente uma chapa ou frigideira untada e adicione os hambúrgueres. Cozinhe por 6 minutos se quiser carne mal passada, 8 minutos para ao ponto e 10 minutos para carne bem passada, virando os hambúrgueres na metade do tempo. Se quiser, coloque uma fatia de queijo por cima de cada um no minuto final de cozimento e deixe derreter. Retire do fogo.
3. Passe ketchup e mostarda nas metades dos pães. Coloque o hambúrguer, alface, tomate, cebola e feche o sanduíche com as outras fatias de pão. Sirva imediatamente.

FONTE: Receita culinária. Disponível em: <http://allrecipes.com.br/receita/12348/hamb-r-guer-cl-ssico.aspx?o_is=rotd_250>

EXPOSIÇÃO

A sequência textual expositiva visa representar uma concepção ou uma ideia, explanando sobre o assunto a partir de conceituações, definições, descrições, comparações, informações e enumerações. Ao lado da sequência argumentativa, é um dos componentes do que costumamos designar como dissertação. A linguagem no texto expositivo busca ser clara e objetiva, uma vez que sua principal meta é informar. Recorre bastante a verbos como “ser”, “consistir”, “compreender”, “tratar”, etc., além de referenciar muitas vezes a palavra de outros autores, que atuam como garantes da informação transmitida. Durante esse curso, você está convivendo com grande número de textos expositivos, pois é a sequência textual predominante em seminários, artigos acadêmicos, materiais didáticos, etc. Recorrendo a um exemplo:

A paráfrase é um texto que traz as mesmas informações de outro texto, por meio de outras palavras; tem a mesma função, mas apresenta uma forma de organização diferente (GARCEZ, 2001, p.57). Parafrasear, portanto, é expressar as ideias de alguém com uma construção e um vocabulário próprios. Ela possibilita a construção de gêneros textuais, como o resumo, a resenha e o artigo acadêmico (KOCHE; BOFF; PAVANI, 2008, p. 91).

GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros compreendem a inserção dos textos dentro das situações comunicativas. São construídos não como padrões de estrutura textual, como os tipos, mas sim como eventos da experiência, que se (re/des) constroem em função dos seus usos, portanto formando uma classificação aberta. Nesse sentido, se os tipos tendem a permanecer como os cinco que aqui conhecemos, podem, por sua vez, aparecer novos gêneros conforme as demandas comunicacionais vão mudando.

Essa flexibilidade, contudo, não descaracteriza os gêneros como “formas escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Isso significa que uma receita culinária, um conto, uma palestra, podem sofrer algumas alterações ao longo das épocas e lugares em que se realizam, mas, em essência, continuam sendo reconhecidos em suas propostas funcionais.

Com relação aos tipos textuais, é importante lembrar que cada texto pertencente a este ou àquele gênero geralmente apresenta mais de uma sequência tipológica textual em sua composição. Como sabemos que essas sequências funcionam em nível de predominância, certamente teremos gêneros com maior número de sequências narrativas (notícias, atas de reuniões, etc.), descritivas (relato de pesquisa de campo, etc.), argumentativas (artigos de opinião, etc.), injuntivas (receitas culinárias, manuais de instruções, etc.), expositivas (materiais didáticos, reportagens em revistas especializadas, etc.).

Vamos saber um pouco mais sobre a classificação dos gêneros.

CLASSIFICAÇÃO DOS GÊNEROS

Quando se fala em classificar os gêneros textuais, é preciso recordar Koch e Elias (2009a, p.101-102), que destacam:

Estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros. Basta pensarmos, por exemplo, no e-mail ou no blog, práticas sociais e comunicativas decorrentes das variações (“transmutações”) da carta e do diário, respectivamente, propiciadas pelas recentes invenções tecnológicas.

No entanto, apenas a título de comodidade, vamos considerar aqui o trabalho de Marcuschi (2008), que propõe uma tentativa de distribuição dos gêneros, sejam textos orais ou escritos, de acordo com os domínios discursivos que ocupam, ou seja, contextos, situações e práticas nas quais circulam e exercem sua funcionalidade:

- A) INSTRUACIONAIS: artigos científicos, trabalhos acadêmicos em geral, provas de concursos, resumos de livros, materiais didáticos em geral, verbetes de enciclopédias e afins, conferências, seminários, aulas em geral, etc.;
- B) JORNALÍSTICO: notícias, reportagens, anúncios classificados, entrevistas jornalísticas, cartoons, charges, artigos de opinião, programas radiofônicos, etc.;
- C) RELIGIOSO: orações, sermões, catecismos, encíclicas, etc.;
- D) SAÚDE: bula de medicamento, receita culinária, consulta médica, etc.;
- E) COMERCIAL: rótulo de produto, anúncio publicitário, carta comercial, memorando, logomarca, etc.;
- F) INDUSTRIAL: atestado de validade, manuais de instrução, etc.;
- G) JURÍDICO: contratos, estatutos, certidões, inquéritos, editais, etc.;
- H) PUBLICITÁRIO: anúncios publicitários, folhetos, cartazes, folders, jingles, etc.;
- I) LAZER: piadas, adivinhas, histórias em quadrinhos, cantigas de roda, etc.;
- J) INTERPESSOAL: cartas pessoais, cartas comerciais, e-mails, memorandos, requerimentos, chats, etc.;
- K) MILITAR: ordem do dia, lista de tarefas, etc.;
- L) FICCIONAL: poemas, contos, crônicas, romances, novela televisiva, fábulas, histórias em quadrinhos, peças teatrais, etc.

Repare que essa lista não é, de modo algum, exaustiva, e que alguns gêneros podem pertencer a mais de um domínio discursivo, pelo que devemos considerar essa listagem apenas como uma proposta de organização, não se esgotando nela todos os possíveis gêneros existentes e as relações entre eles.

INTERTEXTUALIDADE ENTRE GÊNEROS

Ainda conforme Koch e Elias (2009b), os gêneros textuais são **respaldados** pelas práticas sociais e saberes socioculturais, a partir dos quais são geradas as demandas pelos textos, admitindo-se as variações de unidade temática, forma composicional e estilo do texto. As autoras sustentam que os gêneros se definem por sua função e não pela sua forma, podendo jogar uns com os outros de acordo com as circunstâncias comunicacionais, mesclando-se e/ou **aludindo** uns aos outros, em um processo de intertextualidade. Vejamos o exemplo a seguir:



TERMO DO GLOSSÁRIO: respaldados – apoiados, suportados
aludindo – fazendo alusão, se referindo

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia
num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

FONTE: BANDEIRA, Manuel. Disponível em: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/manuelbandeirao4.html>>

Observamos que o próprio título do texto já nos remete ao jogo intertextual entre gêneros, pois nos informa que se trata de um “poema” criado a partir de uma “notícia”. No poema, encontramos os elementos que caracterizam uma notícia, a saber, um fato (o quê), um *actante*/personagem (quem?), uma referência temporal (quando?), uma referência espacial (onde?), uma descrição de circunstâncias (como?). No entanto, se o objetivo da notícia é informar de maneira objetiva, a mais direta possível, sem emitir quaisquer julgamentos, o poema já contempla o aspecto subjetivo do acontecimento: o vocabulário, ainda que essencialmente denotativo, sugere implícitos que denunciam uma intimidade com o actante (chamado pelo apelido, “João Gostoso”), uma realidade miserável (a vida em um barraco do morro, a profissão humilde), o sem sentido de uma vida feita de decepções e vazios, que encontra sua redenção na desinibição dos sentimentos e emoções (a cantoria), na bebida e nas águas da lagoa; vida que se dissolve no álcool e na água.

Contrastemos o poema de Manuel Bandeira com uma notícia de fato:



TERMO DO GLOSSÁRIO: actante – aquele que age, que desenvolve uma ação.

GERENTE DE BAR NA LAPA, RIO, É ACHADO MORTO DENTRO DE CASA

Segundo a PM, a principal hipótese é de que Francisco Vagner Fernandes, de 31 anos, tenha sido assassinado em tentativa de assalto. A Delegacia de Homicídios da Capital (DH) investiga o homicídio de Francisco Vagner Fernandes, de 31 anos, encontrado morto dentro de casa, na Rua Riachuelo, na Lapa, Centro do Rio, neste domingo (5). Segundo informações do 5º BPM (Harmonia), a suspeita é de que o homem, que é gerente do Boteco do Gomes, tradicional na região, tenha sido morto em uma tentativa de assalto.

FONTE: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/gerente-de-bar-na-lapa-rio-e-achado-morto-dentro-de-casa.ghtml>>.

Percebemos na notícia do Portal G1, o relato direto, “seco”, de um acontecimento, que não abre o escrito a implícitos sobre como era a vida da provável vítima, quais os seus comportamentos e sentimentos. A missão é informar sem parcialidades, apresentando referências de fato, personagem, tempo, espaço e circunstâncias, sem maiores caracterizações. Não somos levados a uma identificação com o gerente assassinado: ele é apenas um nome completo, conforme registro civil, e um dado de idade e de profissão. Local e momento do encontro do corpo são referidos com poucos detalhes, não nos permitindo averiguar mais sobre como era a vida e o porquê da morte da vítima: trata-se de possível tentativa de assalto, ou seja, é uma suspeita que ainda precisa ser esclarecida por investigações não cabendo à notícia tecer maiores considerações sobre o que e como poderia ter acontecido.

Veremos mais sobre intertextualidade antes de concluirmos essa unidade.

2.3

QUALIDADES DO TEXTO

Temos insistido ao longo desse curso no fato de que textos somente se efetivam como tal, ou seja, como realidades comunicacionais, na medida em que detêm sentido para quem os lê. Daí a importância de aquele que produz o texto atentar para qualidades como a clareza e a adequação, as quais viabilizam a compreensão e interpretação do escrito, tanto quanto tornam a sua leitura mais fluída, preservando assim a intencionalidade do autor.

A clareza é a qualidade textual que responde pela inteligibilidade do que está sendo escrito, demonstrando conhecimento linguístico, organização mental e percepção adequada do contexto de comunicação em uso. Um texto claro será um texto adequadamente estruturado, atento à variante da língua apropriada à sua circulação, conciso e preciso em seu emprego do léxico, em suma, um texto que pode ser compreendido por aqueles a quem se destina.

Nesse sentido, uma mensagem via bate-papo de rede social, uma reportagem jornalística e um trabalho de conclusão de curso acadêmico, por exemplo, embora com suas peculiaridades contextuais, as quais influenciam o nível de linguagem utilizado, devem ser todos claros, para que possam ser entendidos pelos seus leitores. Obviamente, um texto literário, como um poema ou um conto, além de piadas, anúncios publicitários e alguns outros, tenderão a serem menos objetivos em sua apresentação, uma vez que a obscuridade, o desvio da norma e a **plurissignificação** constituem prerrogativas da função poética, que é predominante nesse tipo de escrito.

Aqui nos concentraremos principalmente nos textos de natureza técnica e dissertativa (expositivos e argumentativos), bastante frequentes em nossa prática acadêmica.



TERMO DO GLOSSÁRIO: plurissignificação – multiplicidade de significados.

COMO ESCREVER TEXTOS CLAROS E OBJETIVOS

Algumas recomendações gerais se fazem importantes quando estamos produzindo um texto e desejamos que o mesmo seja adequadamente compreendido. Vejamos:

A) Conhecimento do tema e do público-alvo: o domínio do assunto sobre o qual se escreve e conhecimento do leitor a quem se destina é fundamental para que o texto seja claro;

B) Frases curtas: períodos muito longos tendem a confundir o leitor e mesmo quem escreve, inclusive pelo excesso de vírgulas que costumam conter. Períodos curtos asseguram melhor organização frasal e maior coerência ao texto, além de agilizar a leitura:

» Temos uma noção de projeto que conduziremos, sem deixar de considerar a problemática urbana, não esquecendo de levar em consideração as nossas condições de terreno, clima e vegetação, mas analisando cada espaço para que possamos desenvolver um adequado trabalho de reflorestamento urbano.

» Conduziremos nosso projeto considerando a problemática urbana e as condições de terreno, clima e vegetação. Também analisaremos cada espaço, para que um adequado trabalho de reflorestamento urbano seja desenvolvido.

Observe como a redação do segundo parágrafo, composta de frases curtas, exibe uma pontuação mais limpa e facilita a leitura e compreensão do texto.

C) Atenção à pontuação: pontuar adequadamente não abre dúvidas quanto ao significado do que se escreve;

D) Preferência pela ordem direta: a ordenação frasal em sujeito + verbo + complemento contribui para a clareza textual:

» Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante.

» As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Repare como a reescrita dos dois primeiros versos do Hino Nacional em ordenação frasal direta facilita a compreensão do que canta a letra.

E) Abreviaturas e siglas: nem todos conhecem o significado de abreviaturas e siglas, portanto, é melhor ser criterioso na utilização das mesmas.;

F) Substantivos abstratos: o excesso de substantivos abstratos ilude quanto ao aprofundamento em uma ideia. Prefira mesclá-los com exemplos concretos sempre que possível:

» O excesso de tecnicismo compromete a superestrutura das organizações, exigindo novos conceitos que reformulem o paradigma dos relacionamentos entre colaboradores.



TERMO DO GLOSSÁRIO: paradigma – modelo, padrão.

Atente para o número de substantivos abstratos presentes nesse período, que deverá vir acompanhado de outros que espelhem alguma informação concreta, a fim de que possa ser adequadamente compreendido. Não seria uma boa ideia, por exemplo, iniciar um texto com essas frases, principalmente se estiver destinado a leigos no assunto que se quer apresentar.

G) Linguagem técnica: dependendo do texto, o excesso de linguagem técnica ou jargão da área pode dificultar mais do que facilitar a compreensão. Preze pelo equilíbrio;

H) Preocupação com o vocabulário: um vocabulário apropriado contribui para a inteligibilidade do texto. Evite palavras das quais não conheça o significado;

I) Redundância: repetições de ideias e argumentos criam circularidade e atrapalham a progressão da leitura. Cabe também examinarmos com maior detalhe alguns vícios da linguagem que podem interferir na qualidade dos textos que produzimos e lemos.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios compreendem usos de escrita que comprometem a clareza e elegância do texto. Dentre os que mais prejudicam a leitura, destacamos a verbosidade, os chavões, a tautologia e o coloquialismo excessivo. Vamos falar um pouco mais sobre eles:

A) Verbosidade: tendência a se expressar de forma complexa, geralmente se utilizando de palavras rebuscadas e de frases muito longas.

» Na época hodierna, ações deletérias dos seres humanos têm promovido o depauperamento das condições do orbe terrestre, chegando mesmo a engendrar horríficos cataclismos, como aconteceu em Mariana, Minas Gerais.

» Ações dos seres humanos têm promovido o esgotamento do meio ambiente. Chegam mesmo a produzir desastres como o de Mariana, Minas Gerais.

Verifique que a redação do segundo trecho é bem mais limpa, direta e compreensível, pois foram eliminados os floreios de linguagem, suprimidas palavras desnecessárias e adotadas frases curtas.

B) Chavões: são aquelas expressões já desgastadas pelo uso, que constituem verdadeiras “muletas” na redação, denotando pouca criatividade e limitado conhecimento linguístico:

» Através deste estudo, pretendemos analisar o comportamento dos moradores da comunidade de Santa Flora no que tange ao descarte de seus resíduos domésticos.

» Neste estudo, pretendemos analisar o comportamento dos moradores da comunidade de Santa Flora em relação ao descarte de seus resíduos domésticos.

As expressões grifadas no primeiro trecho são: utilizadas indevidamente, como “através de”, que significa atravessar e, portanto, não cabe ao que é dito na frase; desgastadas, como é o caso de “no que tange”. Melhor substituí-las por termos mais adequados e atuais, como procedido no segundo trecho.

C) Tautologias: expressões com repetição de sentido, embora usando diferentes palavras (“chover no molhado”):

» O homem vem perdendo seu elo ~~de ligação~~ com a natureza, pois, inegavelmente, já não consegue conviver ~~junto~~ com seus irmãos animais.

Observe que todo “elo” liga uma coisa à outra, assim como conviver já “engloba” a ideia de estar junto com outros. Evite, portanto, a redundância.

D) Coloquialismo excessivo: informalidade, expressões vulgares e gírias compõem boa parte de nossa comunicação diária, mas não podem ser contempladas, por exemplo, em contextos técnicos ou acadêmicos:

» Para turbinar a consciência socioambiental, é preciso por a mão na massa e realizar eventos como mutirões, seminários, cursos e oficinas.

» Para reforçar a consciência socioambiental, é preciso agir e realizar eventos como mutirões, seminários, cursos e oficinas.

Melhor considerar o segundo trecho, se estiver escrevendo um artigo para alguma disciplina de graduação, como, por exemplo, as da nossa Licenciatura em Educação do Campo.

AMBIGUIDADE

A ambiguidade se verifica quando temos duplicidade de sentido em frases. Isso acontece, principalmente, pela inadequação ou má colocação de elementos como pronomes e adjuntos adverbiais, além da utilização de palavras e expressões polissêmicas em contextos capazes de gerar dúvidas. É um recurso bastante valorizado em linguagem literária e publicitária, porém, pode prejudicar gravemente a compreensão quando ocorre em textos técnicos, didáticos ou científicos. Vejamos alguns exemplos:

» Paula e Adriano vão se divorciar. (um vai se divorciar do outro ou cada um se divorciará de seu cônjuge?)

CORREÇÃO: Paula e Adriano vão se divorciar um do outro. Paula e Adriano vão se divorciar de seus cônjuges.

» Encontramos Adriano com a sua mulher. (mulher do Adriano ou mulher daquele com quem falamos?)

CORREÇÃO: Encontramos Adriano com a tua mulher. Encontramos Adriano com a mulher dele.

» Os ambientalistas preocupados participaram da manifestação. (os ambientalistas são sempre preocupados ou estavam preocupados apenas naquele momento?)

CORREÇÃO: Os ambientalistas, preocupados, participaram da manifestação.

» Os professores identificaram os alunos acessando o Moodle. (os professores acessaram o Moodle ou os alunos acessaram e foram identificados pelos professores?)
CORREÇÃO: Os professores identificaram os alunos que acessaram o Moodle. Os professores que acessaram o Moodle identificaram os alunos.

» O professor identificou o artista pelo comportamento dele. (aqui, “artista” pode estar em um contexto de ironia, relacionado a um aluno que não se comporta adequadamente em aula, ou pode ser artista que faz artes, cujo comportamento revela suas habilidades artísticas. Neste caso, a compreensão da frase depende de uma adequada elucidação do contexto, considerando-se todo o conjunto do texto)

Como destacamos no início desta seção, a ambiguidade pode funcionar como recursos estilístico quando nosso texto possui propósitos literários, quando queremos contar anedotas ou piadas, entre outras situações. Um autor que se utiliza fartamente da ambiguidade para produzir o riso é Millôr Fernandes (1923-2012), de quem transcrevemos, abaixo, o texto “Snooker”:

SNOOKER

Certa vez eu jogava uma partida de Sinuca e só havia a bola sete na mesa. De modo que mastiguei-a lentamente, saboreando-lhe os bocados com prazer. Refiro-me à refeição que havia pedido ao garçom. Dei-lhe duas tacadas na cara. Estou me referindo à bola. Em seguida saí montado nela e a égua, de que estou falando agora, chegou calmamente à fazenda de minha mãe. Fui encontrá-la morta na mesa, meu irmão comia-lhe uma perna com prazer e ofereceu-me um pedaço: “Obrigado”, disse eu “já comi galinha no almoço”.

Logo em seguida chegou minha mulher e deu-me na cara. Um beijo, digo. Dei-lhe um abraço. Fazia calor. Daí a pouco minha camisa estava inteiramente molhada. Refiro-me à que estava na corda secando, quando começou a chover. Minha sogra apareceu para apanhar a camisa. Não tive remédio senão esmagá-la com o pé. Estou falando da barata que ia trepando na cadeira.

Malaquias, meu primo, vivia com uma velha de oitenta anos. A velha era sua avó, esclareço. Malaquias tinha dezoito filhos, mas nunca se casou. Isto é, nunca se casou com uma mulher que durasse mais de um ano. Agora, sentado a sua frente, Malaquias fura o coração com uma faca. Depois corta as Pernas e o sangue vermelho do porco enche a bacia.

Nos bons tempos passeávamos juntos. Eu tinha um carro. Malaquias tinha uma namorada. Um dia rolou a ribanceira. Me refiro a Malaquias. Entrou pela pretoria adentro arrebetando a porta e parou resfolegante junto do juiz pálido de susto. Me refiro ao carro. E a Malaquias.

FONTE: Millôr Fernandes. (Disponível em: <<http://www.welingtongonzaga.com.br/2016/08/o-jogo-das-palavras/>>).

2.4

FATORES DE TEXTUALIZAÇÃO

Sabemos que um texto se caracteriza por uma organização própria, que o distingue de um simples amontoado de palavras, para configurar uma estrutura dotada de sentido para quem a lê. Essa estrutura detém uma função sociocomunicativa, que compreende as intenções de seu autor e o contexto sociocultural no qual se insere. Também sustenta uma unidade formal e semântica, a qual é viabilizada pelo que chamamos de coerência e coesão.

Agora, vamos saber mais sobre o que torna um texto coerente e coeso, assegurando sua eficácia comunicacional. Começemos pela coerência.

COERÊNCIA

Um texto coerente configura-se em um todo harmônico, no qual todas as partes se encaixam e complementam umas às outras, não abrindo espaço a contradições e desconexões. Koch e Elias (2009a, p.194) comentam ainda que:

A noção de coerência não se aplica, isoladamente, ao texto, nem ao autor, nem ao leitor, mas se estabelece na relação entre esses três elementos. Em outras palavras, isso significa dizer que, na atividade de escrita entendida em perspectiva interacional, a coerência não se “localiza” no texto, também não se localiza apenas nas intenções do autor, nem apenas nos conhecimentos e experiências do leitor, mas na conjunção desses fatores.

Vamos falar um pouco sobre três tipos de coerência - narrativa, figurativa e argumentativa – tomando como base os estudos de Platão e Fiorin (2002).

COERÊNCIA NARRATIVA

Em uma sequência narrativa, é importante que fatos, atitudes, comportamentos sejam compatíveis com o originalmente apresentado para os personagens, a fim de que a narrativa mantenha seu sentido. Vejamos o exemplo a seguir:

» Repentinamente, um carro partiu a toda velocidade, atravessando o caminho do homem que, àquelas horas, voltava do trabalho para casa, cansado e um tanto distraído. Preocupado, pois estava de olho na estranha movimentação do automóvel, o trabalhador seguiu seu percurso. Não queria perder o ônibus das sete.

Repare que a atitude do homem no segundo período (estava “preocupado” e “de olho na movimentação”) contraria o apresentado no primeiro, quando se afirma que o indivíduo estava um tanto distraído. Também a ação do carro sair velozmente

e atravessar o caminho do trabalhador cria a expectativa de um acidente ou coisa parecida, a qual é desmentida pelo fato de o homem simplesmente seguir o seu percurso para não perder o ônibus (no mínimo, ele deveria ter se assustado com o carro e interrompido o que estava originalmente fazendo). Temos aqui, portanto, um caso de incoerência narrativa.

COERÊNCIA FIGURATIVA

Compreende a articulação adequada entre as figuras do texto, considerando a relação de significado que mantêm entre si. As várias figuras (elementos concretos de um campo semântico, ilustrações propriamente ditas, quando acompanham um texto, etc.) que aparecem no texto devem configurar um único bloco temático, integrando um mesmo universo de significado. Vejamos um exemplo:

» Uma paisagem natural compreende aquilo que não foi construído ou retocado pela mão do homem. Nela se destacam a vegetação, os cursos de água, as formas do relevo, até os aspectos do clima que contribuem para a manutenção das plantas e conseqüente sustento dos animais. Importa ainda valorizar os prédios e a localização das cidades que integram a paisagem.

Observe que o trecho acima se propõe a discorrer sobre uma paisagem natural, inclusive destacando que ela compreende “aquilo que não foi construído ou retocado pela mão do homem”. Contudo, o terceiro período contradiz essa ideia, na medida em que menciona “prédios” e “cidades”, elementos de feitiço humano e que não se harmonizam com o campo semântico formado por “vegetação”, “cursos de água”, “formas do relevo”, etc. Da mesma forma, seria incoerente ilustrar um trecho sobre paisagem natural com fotografias de arranha-céus, fábricas com chaminés, etc.

COERÊNCIA ARGUMENTATIVA

Em uma sequência argumentativa, utilizamos pressupostos ou dados que nos permitem fazer inferências ou tecer conclusões relacionadas. Não havendo relação entre as inferências e conclusões e os argumentos utilizados, o texto cairá na incoerência. Vejamos:

» De acordo com especialistas no assunto, vivemos uma crise conjuntural no atual sistema de desenvolvimento capitalista. Essa crise deriva do modelo de exploração natural e social do agronegócio, ao impulsionar a mercantilização da terra, as privatizações e a precarização das condições de trabalho no campo. Consta-se, a partir desse fato, que os trabalhadores rurais estão obtendo valorização de sua mão-de-obra, desde que a mesma seja qualificada.

Perceba que o assunto do trecho em questão, exposto no primeiro período (“crise conjuntural” no sistema de desenvolvimento capitalista), se relaciona adequadamente, em regime de consequência, com os fatos expostos no segundo período (as causas da crise residem na exploração do “agronegócio”, que motiva a “mercantilização

da terra, as “privatizações” e a “precarização” do trabalho no campo). Porém, a coerência é quebrada no terceiro período, quando se conclui, com base na crise e suas causas, que a mão-de-obra rural está sendo valorizada, pois se as condições de trabalho são precárias, não há como se valorizar os trabalhadores.

COESÃO

Para que a estrutura de um texto desenvolva seu conteúdo de forma significativa, portanto coerente, é preciso que as frases e as ideias que as mesmas veiculam se articulem, criem relações entre si, caso contrário, teremos apenas um amontoado de palavras, não um texto. Essa articulação entre as frases e ideias se verifica mediante o que chamamos de coesão, a qual, segundo Köche, Boff e Pavani (2008, p.25):

Possibilita a ligação dos elementos que constituem o texto e gera uma interdependência interna organizada. Ela se realiza na conexão de vários enunciados, a partir das relações de sentido que existem entre eles, expressos por certas categorias de palavras, chamadas de conectivos. Existem diferentes estratégias de coesão que dependem das escolhas do autor e das intenções comunicativas.

Os conectivos ou conetivos estabelecem relações de causa, finalidade, conclusão, contradição, condição, etc. Vejamos, de acordo com Platão e Fiorin (2002), as relações estabelecidas por alguns tipos de conetivos:

- A) Assim, desse modo: exemplo, complemento;
- B) E: progressão, acréscimo de informação;
- C) Ainda: acréscimo de elementos concordantes ou complementares;
- D) Aliás, além do mais, além de tudo, além disso: decisão, argumento de arremate final a uma ideia;
- E) Isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras: esclarecimento, retificação, desenvolvimento de uma ideia;
- F) Por outro lado, de outro lado: apresentação de ideia contrária ao exposto e que deve ser avaliada;
- G) Mas, porém, contudo: oposição entre enunciados;
- H) Embora, ainda que, mesmo que: contradição e concessão (aditem uma ideia contrária, mas negam seu valor);
- I) Até mesmo: apresentação de ideia superior em status ao antes informado;
- J) Ao menos, pelo menos, no mínimo: apresentação de ideia em status inferior ao antes informado;
- K) Para, a fim de que, com o objetivo de: finalidade;
- L) Portanto, pois: conclusão;
- M) Porque, já que, pois: explicação;
- N) Se, desde que, caso: condição;
- O) Uma vez que, por motivo de, visto que: causa e consequência;
- P) Conforme, segundo, de acordo com: conformidade;
- Q) Como, quanto, assim como, tanto quanto: comparação.

Existem ainda muitos outros conectivos e relações. Todos podem ser designados como operadores argumentativos, pois orientam a sequência do discurso, introduzindo e validando argumentos, de modo a garantir a progressão e manutenção de sentido textuais.

Agora, vamos saber um pouco mais sobre duas das principais estratégias de coesão que costumam ser utilizadas nas diversas modalidades de textos: a coesão referencial e a coesão sequencial.

COESÃO REFERENCIAL

A coesão referencial se verifica quando um termo substitui, se refere, retoma ou reitera outro já existente no universo textual. Nela a conexão pode ser estabelecida por pronomes, advérbios, expressões adverbiais, vocabulário de hiperônimos ou sinônimos, palavras do mesmo campo semântico, etc. Vejamos alguns dos mecanismos de coesão referencial:

A) Anáfora: retomada de um termo que já apareceu anteriormente.

» As mulheres que trabalham no campo são grandes mantenedoras das tradições e hábitos de cultivo desenvolvidos entre as famílias. Elas conhecem e cuidam das sementes ditas crioulas, estabelecem redes de trocas e garantem a transmissão dos saberes da terra às novas gerações.

B) Catáfora: um elemento remete a outro posterior no enunciado.

» O meio ambiente afeta os seres vivos através de três principais fatores: espaço para sobrevivência, condições para reprodução e manutenção de suas funções vitais.

C) Elipse: um termo é retirado, ficando implícito na continuidade do enunciado.

» É preciso garantir a sustentabilidade, [é preciso garantir] o respeito à diversidade, [o respeito] às condições de igualdade entre todas as pessoas e em todos os espaços de convivência.

D) Reiteração: repetição de termo referido anteriormente, geralmente com fins de ênfase.

» A água é um dos recursos naturais mais importantes para a sobrevivência dos seres vivos, a água significa vida.

E) Uso do léxico: retomada de um termo através de vocabulário de sinônimos, hiperônimos ou palavra do mesmo campo semântico.

» A água, o ar e o solo devem ser preservados em sua pureza e qualidade de oferta à utilização consciente do ser humano. Nesse sentido, esses recursos naturais precisam ser devidamente protegidos pela ação educativa e protetiva do Estado.

COESÃO SEQUENCIAL

A coesão sequencial justapõe ou conecta enunciados, principalmente por meio dos conectivos ou operadores argumentativos, estabelecendo as relações de ideias vinculadas a esses elementos de ligação.

» Os recursos naturais são bens preciosos, essenciais à sobrevivência do homem na terra. Portanto, cabe ao ser humano administrá-los com competência e consciência, assegurando sua integridade e continuidade.

Agora é hora de aplicarmos os conhecimentos dessa e da seção anterior, analisando as qualidades do texto, a coerência e a coesão no fragmento de texto a seguir.

SEMENTES CRIOULAS

A riqueza biológica não está distribuída uniformemente pelo globo terrestre. Ela se concentra nos países tropicais do terceiro mundo. Contudo, a maioria dos planos para conservação da Biodiversidade tem sua origem em países do norte e trazem em seu bojo categorias sociais de desenvolvimento e planejamento de países industrializados e afluentes (SHIVA, 1992)

O desaparecimento dos meios de vida e de sustento das populações encontra-se intimamente ligado à erosão da biodiversidade. A proteção desta só pode ser assegurada se ela voltar a ser à base da produção agrícola, da silvicultura e da produção animal. A prática da biodiversidade é a chave para sua conservação. (SHIVA, 1992).

A agricultura de subsistência cultiva as principais plantas alimentícias há mais de 10.000 anos. Privá-los desse recurso é, pelo menos, uma perversidade, porque as sementes crioulas são originárias das seleções dos agricultores. Proibi-los da reprodução destas variedades é roubar a herança de milênios. As famílias de agricultores protegerão melhor nossos recursos genéticos vegetais que os bancos de genes. O acesso ao material genético é um direito natural da Humanidade, não tem dono. Muitos agricultores familiares, já abriram seus olhos, e começaram a proteger suas sementes, buscando a independência em relação às grandes corporações. O plantio das sementes crioulas (tradicionais) remete o agricultor novamente às suas raízes. A semente não representa somente o grão, mas também toda a cultura perdida desde a implantação da revolução verde. É neste sentido que temos que trabalhar o valor das coisas simples, como solidariedade, esperança e trabalho. Não se busca o retrocesso, mas a independência da agricultura familiar, buscando intercâmbio entre as facilidades de trabalho da modernidade e a sustentabilidade e autossuficiência alimentar que foram as marcas do pequeno agricultor.

Toda essa riqueza de biodiversidade vem sendo amplamente ameaçada pela inserção na agricultura de uma nova categoria de sementes, as sementes transgênicas ou geneticamente modificadas, que são aquelas que tiveram

genes estranhos, de qualquer outro ser vivo, inseridos em seu código genético. O processo consiste na transferência de um ou mais genes responsáveis por determinada característica num organismo para outro organismo, ao qual se pretende incorporar esta característica. Pode-se, com essa tecnologia, inserir genes de porcos em seres humanos, de vírus ou bactérias em milho e assim por diante. As sementes transgênicas são patenteadas pelas empresas que as desenvolveram. Quando o agricultor compra essas sementes, ele assina um contrato que o proíbe de replantá-las no ano seguinte (prática de guardar sementes, tradicional da agricultura), comercializá-las, trocá-las ou passá-las adiante. Do ponto de vista agrônomo, os principais usos desta técnica encontram-se nas culturas da soja, milho, canola, batata e algodão, com genes de resistência aos herbicidas, a insetos e vírus, sendo os dois últimos isolados ou conjuntamente. Através da biotecnologia, empresas públicas e privadas estão trabalhando para o desenvolvimento de plantas transgênicas de alfafa, canola, melão, milho, pepino, uva, batata, abóbora, soja e tomate, resistentes a doenças causadas por vírus, além de tomate e pimenta, mais especificamente, resistentes a doenças causadas por fungos e organismos vivos, como por exemplo, nematoides, bactérias, vírus, etc.

Como vemos, esta prática de transformação não é benéfica para agricultura familiar, pois está deixando um espaço muito grande entre o pequeno agricultor e o agronegócio. O acesso às sementes fica sob o controle das grandes empresas, que colocam nelas o preço que querem, dificultando o acesso dos pequenos agricultores, que não têm como enfrentar o poder das grandes empresas, ficando elas com a maior fatia e o controle da tecnologia em suas mãos para barganhar, tornando-se, desta maneira, absolutas dentro de seus objetivos, que são o lucro e o aumento do seu capital (...).

FONTE: UNAIC (União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu). Disponível na íntegra em: <<http://unaic.blogspot.com.br/p/sementes-crioulas.html>>

2.5

INTERTEXTUALIDADE

Vimos anteriormente nesta unidade que um texto sempre remete a outro, com quem partilha, eventualmente, referências estruturais e/ou conteudísticas, as quais estão incorporadas à memória social dos leitores.

Ao analisar a estrutura da palavra, *inter* é um sufixo de origem latina, que se refere à relação. Assim, a intertextualidade configura as relações entre os escritos, sendo que todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, pelas relações dialógicas que sustenta.

A intertextualidade pode ser encontrada nos mais diversos gêneros textuais, desde o artigo científico até o poema.

Um tipo de intertexto que vem se notabilizando em tempos de internet é o hipertexto. Compreende uma espécie de texto maior, integrado por vários outros elementos textuais, possibilitando múltiplas leituras em diferentes direções. Essas leituras se processam através de hiperlinks disponíveis no corpo do texto, conformando uma rede de informações com acesso ilimitado a outros escritos de forma instantânea. Os links e hiperlinks permitem que o leitor percorra livremente um caminho virtual em busca das informações de que precisa, como se estivesse pesquisando em enciclopédias, dicionários e outras fontes de uma biblioteca física.

Vejamos agora sobre intertextualidade explícita e implícita, e mais duas interessantes variações do intertexto, a paráfrase e a paródia

EXEMPLO 1:

Conboy & Goss4 (2000) citam que a deposição de resíduo orgânico animal no solo, prática muito disseminada no meio rural, aumenta o risco da contaminação das águas subterrâneas. O dejetos bovino depositado no solo representa risco de contaminação das fontes de água, uma vez que esses animais são reservatórios de diversos microrganismos, como *Criptosporidium parvum* e *Giardia sp.*, causadores de enfermidades humanas. Isso mostra o papel desses animais na contaminação ambiental por esses importantes patógenos de veiculação hídrica (FAYER et al., 2000).

AMARAL, L.A. et al., Água de consumo humano como fator de risco à saúde em propriedades rurais. Disponível: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/2476/S0034-89102003000400017.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA

Este tipo de intertextualidade ocorre quando não há referência direta à fonte, tendo o leitor que recorrer à sua memória textual para reconhecer o intertexto e mesmo para compreender o sentido do texto em sua totalidade. É bastante frequente nas paródias e paráfrases, em versões literárias ou anúncios publicitários. Seguem os exemplos:

EXEMPLO 1:

Assista a [este](#) comercial de um óleo de cozinha e veja como o texto utilizou a intertextualidade de forma criativa e divertida para recomendar o produto, sob a forma de uma peculiar adaptação do clássico **Romeu e Julieta**, de [William Shakespeare](#).



INTERATIVIDADE:

<http://www.youtube.com/watch?v=SI16xjb2oYs>



SAIBA MAIS:

http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Shakespeare

EXEMPLO 2:

MONTE CASTELO

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata a lealdade
Tão contrário a si é o mesmo amor

Estou acordado e todos dormem
Todos dormem, todos dormem
Agora vejo em parte
Mas então veremos face a face

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

FONTE: LEGIÃO URBANA. Monte Castelo. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22490/>>

Para mais exemplos de uso de intertextualidade, principalmente na publicidade, assista ao vídeo **Breve análise – Campanhas da Hortifruti**, que comenta um interessante projeto publicitário que relaciona frutas e legumes a filmes famosos e letras de canções populares.



INTERATIVIDADE:

<http://www.youtube.com/watch?v=VErIOcTbAEU>

PARÁFRASE

A paráfrase de um texto consiste na recriação do mesmo com outras palavras, porém preservando seu conteúdo, às vezes mesmo a sua forma, só que em gêneros distintos. Podemos dizer que resumos e resenhas, de modo geral, trabalham com a ideia de paráfrase, mas também os escritos literários e as letras de música podem utilizá-la com certa frequência, sobretudo quando se trata de textos consagrados. Vejamos um exemplo:

FANATISMO

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No mist'rioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!...

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! podem voar mundos, morrer astros, Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

FONTE: ESPANCA, Florbela. Fanatismo. Livro de Sórora Saudade. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/fanatismo-florbela-de-alma-conceicao-espanca>>

FANATISMO

Minha alma de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver
Não és sequer a razão do meu viver
Porque já tu és toda minha vida
Não vejo nada assim, enlouquecida,
Passo no mundo meu amor a ler
O misterioso livro do teu ser,
A mesma história tantas vezes lida
"Tudo no mundo é frágil, tudo passa..."
Quando me dizem isso toda a graça
Tua boca divina fala em mim
E olhos postos em ti, digo de rastros:
" Podem voar mundos, morrer astros
Que tu és como um deus, princípio e fim.
Eu já te falei de tudo
mas tudo isso é pouco,
diante do que sinto.

FONTE: FAGNER, Raimundo. Fanatismo (letra musicada de poema de Florbela Espanca). Disponível em: <<http://www.letras.com.br/fagner/fanatismo>>

PARÓDIA

A paródia também compreende uma recriação textual; no entanto, revela alterações de forma e conteúdo. Geralmente, a paródia encampa um caráter contestador, crítico, de desconstrução do texto original. É frequente, mas não exclusiva de textos literários. Seguem exemplos:

EXEMPLO 1:

FIGURA 6:



FONTE: DOS AUTORES, ADAPTADO POR NTE, 2017

TEXTO 2:

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

FONTE: GONÇALVES DIAS. Canção do exílio. Primeiros Cantos. Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/goncalves-dias-cancao-do-exilio/>>

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar umas carambolas de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

FONTE: MENDES, Murilo. Canção do exílio. Poemas. Disponível em: <<http://www.horizonte.unam.mx/brasil/murilo1.html>>

2.6

LITERARIEDADE

Os textos ditos literários compreendem uma elaboração especial da linguagem, privilegiando a função poética e o uso da conotação. Esses textos almejam mais do que informar e ensinar procedimentos, eles se valem de elementos da ficção e da imaginação de quem escreve para gerar sensibilização e estranhamento, ou seja, tocar as pessoas pelo diferente em relação aos escritos habituais. É a literariedade, um desvio da norma habitual, que afasta a linguagem literária das ocorrências verbais comuns (SOUZA, 1986).

A literariedade se configura através das escolhas vocabulares, passando pela utilização dos recursos sonoros e rítmicos das palavras e ainda influenciando na construção frasal de um texto. Ela se faz presente nas distintas manifestações espaciais e estruturais dos textos, seja no verso (agrupado em determinado limite da página e mais ou menos submetido às regras da métrica), seja na prosa (distribuída no contínuo da página e sem preocupações com a métrica).

É importante perceber que poesia não significa o mesmo que poema e não tem que, obrigatoriamente, se apresentar em versos. A poesia compreende um sentido natural do belo, do que causa prazer estético, e pode aparecer também em contos, crônicas, romances, até eventualmente em determinados textos jornalísticos, quando contempladas determinadas intenções do autor e liberdades que lhe são concedidas. Da mesma forma, na Antiguidade, os textos utilitários e informativos eram escritos em verso, pelo que devemos concluir que a estrutura espacial de um escrito não determina sempre a sua funcionalidade, dependendo a mesma muito mais do contexto, do gênero textual e das disposições do autor.

Vejamos agora alguns exemplos de textos literários:

TEXTO 1:

Por ocasião dos ônibus
que arrancam decididos
para nunca mais voltar
e das palavras que viram
uns soluços abafados
e dos sonhos que terminam
de repente, paralisados
as rodoviárias são esses
congressos mundiais
de corações partidos

FONTE: FERREIRA, Emanuel. Disponível em: <<https://goo.gl/YfuvxQ>>

TEXTO 2:

De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. Subia pela montanha os seus sinos badalavam, dele vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. A luz do elevador subia e descia, era um brinquedo gigantesco. Do outro lado era o mar, a lua e as estrelas, tudo iluminando também. A música que vinha dela era triste e penetrava mais fundo. Os saveiros e as canoas chegavam sem ruído, os peixes passavam sob a água. A cidade, mais barulhenta, era bem mais calma, no entanto. Lá havia mulheres lindas, coisas diferentes, cinema e teatro, botequins e muita gente. No mar nada disso havia. A música do mar era triste e falava em morte e em amor perdido. Na cidade tudo era claro e sem mistério como a luz das lâmpadas. No mar tudo era misterioso como a luz das estrelas. As estradas da cidade eram muitas e bem calçadas. No mar só havia uma estrada e essa oscilava, era perigosa. As estradas da cidade já estavam há muito conquistadas. A do mar era conquistada diariamente, era ir a uma aventura toda vez que se partia. E na terra não há Iemanjá, não há as festas de dona Janaína, não há música tão triste. Nunca a música da terra, a vida da terra tentou o coração de Guma. Mesmo, na beira do cais nunca se contou uma história que referisse o caso de um filho de marinheiro ser tentado pela vida calma da cidade.

FONTE: AMADO, Jorge. Mar morto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.p.51-52

TEXTO 3:

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. Mensagem. Disponível em: <<https://goo.gl/SchYME>>

EU SEI, MAS NÃO DEVIA

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

COLASANTI, Marina. Disponível em:< http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp>

3

PRODUÇÃO DE TEXTOS

INTRODUÇÃO

A produção de qualquer texto, seja ele escrito ou oral, ultrapassa as fronteiras da criatividade e da inspiração, envolvendo fundamentalmente um trabalho sobre e com a linguagem. É preciso desenvolver as habilidades de leitura e realizar atividades analíticas e reflexivas no texto a ser construído, sabendo criar relações que atendam às especificidades de cada contexto. Na universidade, o ato de produzir textos é primordial para a fixação e socialização dos conhecimentos construídos, requerendo-se do acadêmico que domine os diversos recursos linguísticos, sendo capaz de refletir sobre as palavras, expressões, construções e estratégias discursivas mais adequadas ao que se pretende dizer e à situação em que se pretende dizer.

Nesta unidade, você aprenderá sobre estrutura do parágrafo, tipologia discursiva, textos narrativos e descritivos, figurativos e temáticos e opinativos. Como nas unidades anteriores, você também terá acesso a textos diversos e exercícios de fixação e avaliação de conhecimentos, os quais contemplarão as suas competências de leitura associadas à produção de textos.

A abordagem dessas temáticas pretende desenvolver sua competência enquanto produtor de textos, capaz de criar e redigir conforme diferentes demandas situacionais. Essa competência de produção textual complementará as habilidades de leitura desenvolvidas ao longo da unidade anterior.

Lembre-se que é muito importante que você leia os textos da unidade e realize os exercícios, pois eles apoiarão de maneira determinante a sua aprendizagem.

3.1

O PARÁGRAFO

Os textos em prosa costumam ser divididos em unidades de composição que chamamos de parágrafos, os quais são geralmente identificados por um avanço na linha de entrada do texto. Segundo Andrades e Henriques (1992), apud Köche, Boff e Pavani (2008), os parágrafos consistem em uma reunião de períodos, na qual uma ideia principal é desdobrada em ideias secundárias, relacionadas pelo sentido. Podemos ter parágrafos formados por uma única frase, constituindo um período simples, assim como unidades que se estendem por uma página inteira, agregando vários períodos simples e compostos por coordenação ou subordinação. Ainda nas autoras citadas, encontramos que os parágrafos bem escritos se caracterizam por possuírem:

- A) Unidade: uma ideia central, à qual se agregam outras ideias secundárias;
- B) Coerência: ordenação das ideias de forma lógica, criando relações de sentido que garantem ao leitor a compreensão;
- C) Concisão: os períodos se organizam sem **redundâncias**, comunicando apenas o realmente necessário para a compreensão;
- D) Clareza: uso de vocabulário adequado ao contexto.



TERMO DO GLOSSÁRIO:

redundâncias – repetições desnecessárias.

Os parágrafos acompanham a tipologia textual do escrito: o narrativo relata uma série de ações e diálogos, com ênfase nos verbos; o descritivo caracteriza uma pessoa, lugar, situação, etc., utilizando adjetivos, comparações; os dissertativos (argumentativos, injuntivos, expositivos) geralmente introduzem o tema da discussão e seguem desenvolvendo as ideias, para arrematar com uma frase conclusiva. Vamos nos deter no parágrafo dissertativo, com o qual vamos nos encontrar bastante em escritos jornalísticos, materiais didáticos e textos técnico-científicos, frequentes na prática acadêmica.

ESTRUTURA DO PARÁGRAFO DISSERTATIVO

Os parágrafos dissertativos se estruturam em três partes:

- A) Tópico frasal: consiste na introdução do parágrafo, apresentando a sua ideia central. Deve ser conciso e objetivo, preferencialmente composto por duas ou três orações, característica que facilitará o desenvolvimento da ideia central;

B) Desenvolvimento: compreende o desdobramento da ideia central em ideias secundárias. Essas últimas devem criar relações de sentido com a primeira através de recursos como a definição, a fundamentação da proposta, exemplos específicos, comparações, causas, causa/consequência, detalhes, entre outros.;

C) Conclusão: retoma a ideia central, reforçando sua sustentação.

Seguem os textos, nos quais o tópico frasal e a conclusão estão grifados.

EXEMPLO 1:

Escrever uma redação pode ser um exercício árduo, pelo menos para boa parte das pessoas. Infelizmente, ainda não somos uma sociedade que valoriza o hábito da leitura, comportamento fundamental para quem quer ser um escritor eficiente. Ler todos os tipos e gêneros textuais ainda é a alternativa mais aconselhada para atingir a proficiência na modalidade escrita e também na modalidade oral, haja vista que a leitura melhora significativamente a comunicação.

FONTE: Mundo Educação. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/dicas-redacao-estrutura-paragrafo.htm>>

EXEMPLO 2:

Precisamos acabar com a negação do genocídio confrontando com fatos reais aqueles que o recusam. Não podemos nos dar ao luxo de estabelecer a história de forma fragmentada. Todas as peças do quebra-cabeças precisam ser colocadas sobre a mesa para que confrontemos aquela imagem, seja ela qual for. Algumas pessoas dizem que não devemos cutucar as feridas do passado, mas ir a fundo nos arquivos é necessário para curar essas feridas porque quando todos perceberem a escalada daquela atrocidade, vamos começar a reconsiderar as nossas perspectivas sobre o tema.

FONTE: BONIS, G. Visitar o passado é importante para curar as feridas. Disponível em: <<http://politike.cartacapital.com.br/visitar-o-passado-e-importante-para-curar-as-feridas/>>

EXEMPLO 3:

"O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades", esta é a definição mais comum de **desenvolvimento**

sustentável. Ela implica possibilitar às pessoas, agora e no futuro, atingir um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais. Em resumo, é o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

FONTE: Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28588-o-que-e-desenvolvimento-sustentavel/>>

EXEMPLO 4:

Numa sociedade que se caracteriza pela circulação de tantas identidades e diversidades e, especialmente, no cenário dos espaços educadores sustentáveis, pensar a educação é pensá-la diferente. Hoje, o processo pedagógico requer uma reflexão ambiental para que a distância entre o pensar e o fazer também possa acolher o sentir no processo de criação. Uma educação integral deve incitar não apenas responsabilidades ecológicas, mas convidar para repensarmos nossas próprias vidas e o modelo de sociedade, cuidando do mundo por opção de quem acredita que a chamada educação ambiental não é mero pretexto à coleta seletiva de lixo, mas um convite à ressignificação de nossos modos de vida.

FONTE: TRAJBER, R.; SATO, M. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações na sociedade. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. especial, setembro de 2010. Disponível em: <<https://furg.emnuvens.com.br/remea/article/view/3396/2054>>

EXEMPLO 5:

Cães e gatos convivem com o ser humano há pelo menos dez e quatro mil anos, respectivamente. Esta convivência agrega benefícios psicológicos, fisiológicos e sociais aos seres humanos, mas em contrapartida causa, quando a criação de animais é inadequada, alteração dos padrões de bem-estar dos animais, possibilidade de transmissão de doenças, ocorrências de acidentes, agressões e contaminação ambiental. O comportamento reprodutivo dessas espécies, o rápido amadurecimento sexual, as numerosas proles, a falta de medidas políticas eficazes e a falta de orientação sobre a guarda responsável para cidadãos que desejam conviver com um cão ou gato, o aumento excessivo da população humana e a falta de condições de educação e higiene propiciam inúmeras condições adversas, o que pode gerar abandono, aumentando os

riscos que esses animais podem apresentar para a sociedade em termos de saúde pública e desequilíbrio ambiental.

FONTE: LIMA, A.F.; LUNA, S.P. Algumas causas e consequências da superpopulação canina e felina: acaso ou descaso? **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v.10. n.1 (2012). Disponível em: <<http://189.126.110.61/recmvz/article/view/258/242>>

EXEMPLO 6:

Nossa sociedade se preocupa muito com o peso e as pessoas acabam inventando várias dietas para emagrecer. Isso não significa dizer que todas essas dietas são boas para a saúde, pelo contrário! As chamadas “dietas da moda” são geralmente restritas a um ou vários tipos de nutrientes. Além de não serem nutricionalmente equilibradas, apresentam várias desvantagens. Podem causar diminuição do rendimento físico, sobrecarga do organismo, deficiências nutricionais, desidratação, desmaios, problemas cardíacos e outras doenças. Comer alimentos nutritivos em quantidades controladas para se obter uma dieta que apresente todos os nutrientes essenciais nas quantidades recomendadas é a alternativa ideal para quem deseja controlar o peso sem perder a saúde.

FONTE: Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentacao_saudavel.pdf>

3.2

TIPOLOGIA DISCURSIVA

Todo discurso compreende uma construção textual, sendo que, no caso específico dos textos narrativos, o discurso representa as vozes que se anunciam na narrativa, ou seja, os personagens que interagem no relato.

Existem três tipos de discurso no texto narrativo – direto, indireto e indireto livre. Vamos conhecer um pouco mais sobre eles.

DISCURSO DIRETO

Aparece quando os personagens ganham voz. Ocorre habitualmente em diálogos, permitindo que traços da fala e da personalidade dos personagens sejam expressos no texto. Utiliza-se frequentemente dos verbos chamados *dicendi* – dizer, falar, perguntar, comentar, etc., que servem para introduzir as falas dos personagens, assim como as destaca através de recurso à pontuação com travessão ou aspas.

DISCURSO INDIRETO

Ocorre quando o narrador reproduz com a sua voz as falas dos personagens, utilizando para tanto a 3ª pessoa verbal.

Vejam os exemplos de discurso direto (em azul) e indireto (em vermelho) na crônica “Inferno nacional”, de Stanislaw Ponte Preta (1923 – 1968).

INFERNO NACIONAL

A historinha abaixo transcrita surgiu no folclore de Belo Horizonte e foi contada lá, numa versão política. Não é o nosso caso. Vai contada aqui no seu mais puro estilo folclórico, sem maiores rodeios.

Diz que uma vez um camarada que abotoou o paletó. Em vida o falecido foi muito dado à falcatura, chegou a ser candidato a vereador pelo PTB, foi diretor de instituto de previdência, foi amigo do Tenório, enfim... ao morrer nem conversou: foi direto ao Inferno. Em chegando lá, pediu audiência a Satanás e perguntou:

– Qual é o lance aqui? Satanás explicou que o inferno estava dividido em diversos departamentos, cada um administrado por um país, mas o falecido não precisava ficar no departamento administrado pelo seu país de origem. Podia ficar no departamento do país que escolhesse. Ele agradeceu muito e disse a Satanás que ia dar uma voltinha para escolher o seu departamento.

Está claro que saiu do gabinete do Diabo e foi logo para o departamento dos Estados Unidos, achando que lá devia ser mais organizado o inferninho que lhe caberia para toda a eternidade. Entrou no departamento dos Estados Unidos e perguntou como era o regime ali.

– Quinhentas chibatadas pela manhã, depois passar duas horas num forno de duzentos graus. Na parte da tarde: ficar numa geladeira de cem graus abaixo de zero até as três horas, e voltar ao forno de duzentos graus.

O falecido ficou besta e tratou de cair fora, em busca de um departamento menos rigoroso. Esteve no da Rússia, no do Japão, no da França, mas era tudo a mesma coisa. Foi aí que lhe informaram que tudo era igual: a divisão em departamento era apenas para facilitar o serviço no Inferno, mas em todo lugar o regime era o mesmo: quinhentas chibatadas pela manhã, forno de duzentos graus durante o dia e geladeira de cem graus abaixo de zero, pela tarde.

O falecido já caminhado desconsolado por uma rua infernal, quando viu um departamento escrito na porta: Brasil. E notou que a fila à entrada era maior do que a dos outros departamentos. Pensou com suas chaminhas: “Aqui tem peixe por debaixo do angu”. Entrou na fila e começou a chatear o camarada da frente, perguntando por que a fila era maior e os enfileirados menos tristes. O camarada da frente fingia que não ouvia, mas ele tanto insistiu que o outro, com medo de chamarem atenção, disse baixinho:

– Fica na moita, e não espalha não. O forno daqui está quebrado e a geladeira anda meio enguiçada. Não dá mais de trinta e cinco graus por dia.

– E as quinhentas chibatadas? – perguntou o falecido.

– Ah... O sujeito desse serviço vem aqui de manhã, assina o ponto e cai fora.

PONTE PRETA, Stanislaw. Inferno Nacional. Disponível na íntegra em: <<http://contobrasileiro.com.br/inferno-nacional-cronica-de-sergio-porto-stanislaw-ponte-preta/>>.

A literatura contemporânea costuma mesclar os discursos direto e indireto, muitas vezes abolindo os sinais de pontuação que os indicam, embora ainda se identifiquem as vozes que falam e o verbo dicendi se faça presente. Segue extrato de conto do português José Saramago (1922-2010):



SAIBA MAIS:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA

Um homem foi bater de conto do português José Saramago (1922-2010):direto, muitas vezes abolindo os sinais de pontuação que os indicam, embora ainda se identifiquem as vozes à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que dava ordem ao primeiro-secretário para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu que- res. O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instal a um canto da porta, foi bater de conto do português José Saramago (1922-2010):direto, muitas vezes abolindo os sinais de pontuação que os iva com os obséquios, o rei demorava a resposta, e já não era pequeno sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado se ria dizer, passava a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza, que despachava sim ou não conforme estivesse de maré (...)

SARAMAGO, J. O conto da ilha desconhecida. Disponível na íntegra em: <http://contobrasileiro.com.br/o-conto-da-ilha-desconhecida-conto-de-jose-saramago/>

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Utiliza a terceira pessoa e a voz do narrador, mas os personagens também se manifestam de forma direta, de acordo com as demandas textuais, ocorrendo uma fusão de vozes. Observe o exemplo em um fragmento do romance **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos (1892-1953).

Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos (RAMOS, 2003, p. 78).



SAIBA MAIS: http://pt.wikipedia.org/wiki/Graciliano_Ramos

3.3

TEXTOS FIGURATIVOS E TEMÁTICOS

Os textos podem ser classificados também em relação às predominâncias vocabulares, as quais orientam o escrito para sua finalidade comunicacional, conforme se deseje explorar o mundo concreto, das figuras, ou discutir o mundo abstrato, dos temas. Assim, teremos, respectivamente, textos figurativos ou textos temáticos. Vamos saber um pouco mais sobre eles, com base no estudo de Platão e Fiorin (2002):

TEXTOS FIGURATIVOS

Os textos figurativos são predominantemente narrativos ou descritivos, enfatizando o uso de substantivos concretos e adjetivos eventualmente associados. Nesses textos podem ser apresentados seres, relações humanas, acontecimentos e mesmo ideias, mas sempre a partir de uma perspectiva concreta, facilmente vinculada a uma imagem de mundo.

Nesse sentido, a função do texto figurativo é representativa, sendo que os tempos verbais mais utilizados são presente, pretérito imperfeito e futuro. Seguem os exemplos

EXEMPLO 1

A RAPOSA E AS UVAS

Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria.

Moral da história: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

FONTE: ESOP. A raposa e as uvas. Disponível em: <<http://asfabulasdeesopo.blogspot.com.br/2009/04/raposa-e-as-uvras.html>>

ÍNDIOS DA AMAZÔNIA BOLIVIANA SÃO O POVO MAIS SAUDÁVEL DO MUNDO

As artérias do povo Tsimane são 5 vezes menos entupidas que as dos norte-americanos – só 3% da população está no grupo de risco de doenças cardíacas

Nada de McDonald's. O povo Tsimane, grupo indígena amazônico que habita o território boliviano, tem os menores índices de doenças vasculares do mundo. Por lá, as artérias coronárias – responsáveis por levar oxigênio aos músculos do coração – são, em média, cinco vezes menos entupidas que as dos norte-americanos.

“O estilo de vida deles sugere uma dieta com poucas gorduras saturadas e muitos carboidratos não processados, ricos em fibras”, explicou Hillard Kaplan, professor da Universidade do Novo México, nos EUA. “Além disso, eles não fumam, caçam animais selvagens e são fisicamente ativos durante a maior parte do dia.” Trabalhadores de grandes cidades são sedentários por, em média, 54% do período que passam acordados – já os Tsimanes passam no máximo 10% do dia sem se mexer.

Arroz, mandioca, milho, nozes e frutas compõem 72% da alimentação dos Tsimane. Os outros 28% são proteínas (14%) e gorduras (14%). Das 38 g de gordura consumidas por dia, só 11 g são saturados. Para conseguir os dados, a equipe de Kaplan levou uma máquina de tomografia computadorizada para dar uma volta na floresta. 85 vilarejos foram visitados, e 705 pessoas com mais de quarenta anos foram “escaneadas”.

596 dos voluntários (85%) não apresentaram nenhum risco de sofrer com doenças cardíacas. Só 20 pessoas – 3% da amostra – estavam em risco moderado ou alto. Quando a amostra era limitada aos maiores de 75 anos, a parcela de idosos em perigo era só 8%. Essa é a menor taxa de envelhecimento vascular já registrada na literatura científica – nenhuma outra população do mundo alcança a terceira idade tão bem do coração. Para comparar, um estudo anterior com 6814 norte-americanos revelou que só 14% deles não são propensos a desenvolver problemas cardíacos. 50% da população do país está no grupo de risco alto ou moderado.

Moral da história? Você não precisa ir viver de caça e coleta em regiões inóspitas se quiser ter uma vida longa e próspera, mas se mexer e ficar de olho no prato sempre será um bom jeito de não passar desta para a melhor. Segundo o artigo científico, cerca de 90% dos casos de doenças coronárias ao redor do mundo estão associados a fatores de risco clássicos, como cigarro e alimentação inadequada.

FONTE: Super Interessante. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/sociedade/indios-da-amazonia-boliviana-sao-o-povo-mais-saudavel-do-mundo/>>

TEXTOS TEMÁTICOS

Os textos temáticos costumam ser dissertativos, contemplando a exposição e argumentação sobre ideias. Nesses textos predominam os temas, ou seja, palavras abstratas, não palpáveis no mundo natural, mas que organizam e categorizam a realidade, apresentando conceitos e definições. Destaca-se o uso de substantivos abstratos e de verbos no presente, além da escrita ser habitualmente impessoal. Vamos aos textos.

EXEMPLO 1

DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

O Brasil, com suas acentuadas desigualdades sociais e econômicas, promove diversificadas ações destinadas à promoção e à defesa dos direitos humanos.

A discussão dos Direitos Humanos e as ações técnicas e políticas relacionadas a esse tema, têm mobilizado a mídia nacional e, conseqüentemente, elevado a consciência da sociedade brasileira sobre assuntos que são extremamente importantes para a promoção da cidadania e para o respeito a aos direitos humanos.

Recentes avanços na promoção dos direitos humanos têm sido constatados. Apesar desse trabalho considerável e inovador de promoção dos direitos humanos:

» não existe ainda clara compreensão da universalidade e indivisibilidade dos direitos humanos: civis, políticos, sociais, econômicos e culturais.

» existe um número muito alto de pessoas que continua a encontrar grandes dificuldades no exercício de sua cidadania e de seus direitos fundamentais.

A UNESCO acredita que somente pela mobilização de todos os atores direta ou indiretamente envolvidos poder-se-á contribuir para a promoção da cidadania, a consolidação da democracia, a promoção da igualdade, o acesso amplo à justiça e a garantia da segurança. Esses avanços são de importância crucial para que o país venha a construir e consolidar uma cultura de direitos humanos e cultura de paz.

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

A educação em direitos humanos é uma parte integral do direito à educação e está ganhando cada vez mais reconhecimento como um direito humano em si. O conhecimento sobre os direitos e liberdades é considerado uma ferramenta fundamental para garantir respeito pelos direitos de todos. O

trabalho da UNESCO na área de educação em direitos humanos é orientado pelo Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos.

A educação deve envolver valores como paz, não discriminação, igualdade, justiça, não violência, tolerância e respeito pela dignidade humana. A educação de qualidade baseada na abordagem dos direitos humanos significa que os direitos são implementados ao longo de todo sistema de ensino e em todos os ambientes educacionais.

FONTE: Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/human-rights/>>

TEXTO 2:

BOM DIA, ALEGRIA

Não confio em pessoas sempre, mas sempre alegres. São mentirosas, megalomaníacas, exageram e distorcem os fatos. Não aceitam as pequenas derrotas, os números quebrados, as decepções, não pedem desculpa, sufocam as contradições naturais do temperamento. Quem sempre se acha não se conhece, está próximo da loucura.

Todos os meus amigos têm uma pequena melancolia no olhar. Uma tristeza nos fundos dos hábitos. Não são depressivos nem chatos, muito menos pessimistas. Não reclamam de tudo, só que não aboliram a contemplação de seus dias. Entenderam que a tristeza é fundamental, como a solidão, a fé, o amor.

Ficam quietos por horas a fio lendo um livro e vendo um filme, sem aquela ansiedade histérica e falsa do alegre em tempo integral. A tristeza é como uma doença benigna, que não mata e não atrapalha, que apenas precisa tomar cuidado para não se agravar.

Meus amigos estudam a si mesmos, para as provas dos relacionamentos. Reservam um momento para examinar seus atos. Não somente põem a mão na consciência, lavam as mãos na consciência.

Essencialmente sadios porque conservam este sentimento reflexivo guardado. Já perderam alguém importante, já enterraram um familiar, já sobreviveram a romances errados. Não foram sempre felizes, descobriram que a felicidade acaba e se transforma em esperança.

Persevera neles uma honestidade da imperfeição que resulta nos conselhos mais ajuizados. Meus amigos não experimentaram uma infância idealizada, cresceram entre encrencas familiares e não se fizeram de vítima. Não namoraram o menino e a menina mais famosos da escola, não há glórias unânimes no passado, sofreram bullying e não se diminuíram.

Doces porque deram espaço para amargura. Cumprimentam com ternura, abraçam com cuidado, mantêm um pouco da fragilidade de vidro na pele.

São meus soldados com cicatrizes das batalhas no corpo. Não aplacaram essa sensação miúda de desencanto e humildade. É como assobiar sem querer, ou suspirar fundo sem motivo. Não acreditam no sucesso e no fracasso, ambos sinônimos da farsa.

Uma tristeza que é charme, que é simpatia, que convida para a conversa, engajada nos problemas e ruminando soluções em segredo. Uma tristeza que se contenta com pouco, que oferece pão aos peixes. Uma tristeza subterrânea, necessária para melhorar o mundo. Uma nostalgia do futuro, de escrever cartas e não mandar.

Uma tristeza que veio de algum lugar longe da memória, de uma desconfiança, de uma lealdade quebrada, de uma viagem adiada. Uma tristeza que não salva o pensamento, e sim conforta e acalma. Uma tristeza sábia, que não é excluída do contentamento. Uma tristeza capaz de dizer bom dia para a alegria e esperar a resposta.

Meus amigos não choram com esta tristeza, podem estar rindo. E ninguém notar que estão tristes. Demonstram o sorriso sereno de descoberta das limitações de cada um. Uma tristeza de saber que as coisas não são como a gente gostaria, porém são como a gente pode, que dar o melhor de si ainda não é dar o melhor para os outros e que tudo bem, a vida não é nossa, é somente emprestada para aprendermos a nos despedir.

FONTE: CARPINEJAR, Fabricio. Disponível em: <<http://carpinejar.blogspot.com.br/search/label/Cr%C3%B4nica%20Donna>>

3.4

TEXTOS NARRATIVOS E DESCRITIVOS

Na unidade 2, vimos um pouco sobre tipologia textual, considerando os cinco tipos de textos apresentados – narração, descrição, argumentação, exposição e injunção. Destacamos ainda que esses tipos textuais não aparecem na íntegra dos diversos gêneros de textos, mas sim se expressam em forma de predominância. Por exemplo: em um romance, teremos maior número de sequências narrativas, ao passo que em uma receita culinária a predominância será injuntiva, em um trabalho de conclusão de curso predominarão a exposição e a argumentação, etc. Agora, vamos falar um pouco mais sobre a narração e a descrição.

TEXTOS NARRATIVOS

A narração compreende o relato de fatos em uma determinada sequência temporal e dentro de um espaço definido, sendo as ações desempenhadas por personagens.

Alguns gêneros textuais de ficção privilegiam a narração, como é o caso do conto, do romance, da novela e de alguns tipos de crônicas. Em outros textos, ocorre o que chamamos de narratividade, ou seja, aparecem trechos narrativos sem que esse seja o objetivo principal do texto, mas apenas um detalhe necessário ao seu desenvolvimento. Esse é o caso, por exemplo, das notícias jornalísticas.

Os elementos que compõem uma narrativa são: narrador (quem conta a história, podendo ou não ser personagem dela também); foco narrativo (ponto de vista do narrador, em 1ª ou 3ª pessoa); personagens; tempo (cronológico, quando mensurável em datas e horários, ou psicológico, quando segue o fluxo das percepções e emoções dos personagens); espaço; tempo.

Nas narrativas, se desenvolve um enredo, formado basicamente por uma apresentação, uma complicação (o que propriamente impulsiona a narração), um clímax e um desfecho.

EXEMPLO

Podemos observar os elementos da narrativa e do enredo no conto “Lisetta”, de **Alcântara Machado** (1901-1935). Esse conto pertence ao livro **Brás, Bexiga e Barra Funda** (1927), disponível no link a seguir. O conto está no intervalo de páginas 23 a 26.



INTERATIVIDADE: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bio00005.pdf>



SAIBA MAIS: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_de_Alc%C3%A2ntara_Machado

TEXTOS DESCRITIVOS

A descrição propriamente dita compreende um “retrato” na forma da língua de seres, objetos, lugares e situações. Nesse retrato, as características do retratado são discriminadas como percebidas pelos cinco sentidos, relatando não ações, mas sim impressões que podem ser mais ou menos objetivas.

A descrição está presente em grande número de gêneros textuais, sendo parte importante em escritos literários, uma vez que confere colorido às cenas e acontecimentos, detalhando personagens, lugares e situações. Em uma sequência descritiva, ganham destaque os adjetivos e expressões adjetivas, além dos verbos de ligação (ser, estar, permanecer, ficar, continuar).

EXEMPLO

Encontramos trechos descritivos bastante marcantes e carregados de subjetividade no romance **O cortiço** (1890), de **Aluísio Azevedo** (1857-1913). Podemos conferir, por exemplo, a descrição do cortiço ao amanhecer, nos seis primeiros parágrafos do capítulo III (p.13). O livro se encontra disponível no link a seguir



INTERATIVIDADE: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>



SAIBA MAIS:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Alu%C3%ADsio_Azevedo

3.5

TEXTO OPINATIVO

O texto opinativo se enquadra na categoria de textos que classificamos como dissertativos, nele prevalecendo sequências de exposição e outras de argumentação. A exposição é importante porque dá a conhecer ao leitor o assunto/problema do qual o escrito trata, geralmente cabendo às sequências expositivas o papel de introduzirem o texto. Já os argumentos respondem pela habilidade do autor em convencer o leitor de sua opinião, seu ponto de vista, sendo essencial que estejam bem fundamentados – em estudos, pesquisas, observações, palavras de autoridades no assunto – para que não se caia nas malhas do “achismo”, ou seja, de se opinar simplesmente porque se pensa deste ou daquele jeito, sem nenhuma base para provar a validade do seu pensamento.

A produção de textos opinativos é, provavelmente, a que mais se destaca na vida acadêmica e também na trajetória profissional. Na universidade e em nosso trabalho, somos frequentemente solicitados a emitir nossas opiniões, a nos posicionarmos diante de fatos, a convencer pessoas a agirem desta ou daquela forma. Para isso, precisamos utilizar os argumentos corretos, adequados ao contexto e ao público com quem tratamos, além de produzirmos um texto claro, conciso, coeso e coerente.

O texto opinativo também é fartamente veiculado pela imprensa, em jornais, revistas, comentários televisivos e radiofônicos, no jornalismo eletrônico de sites e blogs, até mesmo nas redes sociais. Alguns gêneros textuais que se apoiam no texto opinativo são: o artigo de opinião, a crônica jornalística, o editorial, os comentários em blogs e sites, os trabalhos de conclusão de cursos acadêmicos, os artigos científicos, etc. Alguns textos de opinião também se respaldam em forte carga visual, como é o caso das charges e cartoons.

Vejamos um pouco agora sobre a ferramenta indispensável na construção de um texto opinativo, o argumento.

O ARGUMENTO

Para Koch e Elias (2009b), os argumentos são as peças-chave na estruturação de um texto, marcando as possibilidades de sua construção e assegurando a sua continuidade. Isso acontece porque a utilização dos argumentos promove o encaideamento discursivo, isto é, “amarra” os enunciados e as ideias entre si, fazendo com que o escrito “caminhe” e os sentidos almejados sejam apreendidos pelo leitor.

Vigner (1988), apud Köche, Boff e Pavani (2008), destaca o que seriam as três principais funções dos argumentos: sustentar uma afirmação, obter uma adesão e justificar uma tomada de posição. Os argumentos se conectam aos posicionamentos através dos chamados operadores argumentativos, os quais compreendem os recursos de coesão que estudamos na Unidade 2, tais como conjunções e advérbios. Essas autoras relacionam ainda alguns dos tipos de argumentos mais utilizados, sobre os quais falaremos um pouco agora:

A) Argumento de autoridade: utilização de autores renomados, autoridades no assunto de que trata o texto como respaldo para a opinião emitida. É bastante frequente nos textos acadêmicos, nos quais habitualmente a redação de um artigo, monografia, etc., é precedida de pesquisa bibliográfica na área;

B) Argumento de consenso: quando existe um parecer universal a respeito de um assunto, algo que não é posto em dúvida, ainda que não tenha sido emitido por nenhuma autoridade. Precisa ser utilizado com cuidado, pois algumas afirmações tidas como consensuais são, na realidade, preconceituosas;

C) Argumento das provas concretas: apoia-se em evidências abonadoras da opinião, como resultados estatísticos, acontecimentos, exemplos e ilustrações. Também é bastante utilizado na produção acadêmica, sobretudo como peça principal no relato de pesquisas de campo;

D) Argumento da competência linguística: trata-se da exposição de uma opinião baseada no uso da linguagem técnica ou jargão (estudamos na Unidade 1) correspondentes à área do assunto, o que reforça a autoridade de quem produz o discurso.

ESTRUTURA DO TEXTO OPINATIVO

Os textos argumentativo-opinativos costumam se estruturar em três partes, correspondendo cada uma a um objetivo específico dentro da proposta do texto:

A) Introdução: apresenta o assunto que será tratado, sobre o qual se tecerão as opiniões do autor;

B) Desenvolvimento: compreende a progressão do texto, com a apresentação dos posicionamentos/pontos de vista, encadeados aos argumentos que os fundamentam. Esta parte é a principal dentro do texto, compondo pelo menos 50% dele. A medida em que forem utilizados mais de um tipo de argumento, é importante que os mesmos se articulem uns aos outros, mas sejam tratados em parágrafos separados, reservando-se a devida atenção a cada justificativa. Também é interessante que se antecipem eventuais argumentos contrários à opinião expressa, procurando-se rebater os mesmos justificadamente;

C) Conclusão: retoma a ideia apresentada na introdução, fechando coerentemente a proposta textual. Na conclusão, pode-se referir novamente a tese (ideia principal), revalidando a hipótese (opinião, posicionamento) através da síntese (resumo) da argumentação utilizada.

Vejamos as partes descritas acima em um exemplo de texto opinativo.

TERRORISMO E DIREITOS HUMANOS

Quatro pessoas morreram, e 50 ficaram feridas em **atentado** próximo ao Parlamento do Reino Unido, em 22 de março, quando um **terrorista** acelerou um automóvel na Ponte de Westminster, atropelando dezenas de pessoas. O suposto autor, Khalid Masood, nasceu em Kent e vivia em Birmingham, no Oeste da Inglaterra. Em 19 de dezembro de 2016, um **ataque** em uma feira de Natal em Berlim deixou 12 mortos e 48 feridos. O principal suspeito, o tunisiano Anis Amri, foi morto pela polícia de Milão. O **Estado Islâmico** reivindicou a autoria do atentado. Em 14 de julho, em Nice, um outro atentado terrorista culminou com 85 **vítimas**, nas comemorações do Dia Nacional da França. Anteriormente, em março de 2016, explosão de **bombas** no aeroporto internacional de Bruxelas deixava 32 **mortos** e mais de 320 **feridos**. Uma vez mais, o Estado Islâmico reivindicou a autoria do atentado.

A **acentuada gravidade** e a elevada complexidade do **terrorismo** apontam à falta de consenso sobre sua definição. A Declaração de Medidas para Eliminação do Terrorismo Internacional, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 9 de dezembro de 1994, contempla elementos centrais ao terrorismo: **atos criminosos com a intenção de provocar um estado generalizado de terror em população civil**. Adiciona que **tais atos são injustificáveis em toda e qualquer circunstância**, enfatizando que nenhuma consideração de natureza política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou outra pode ser invocada para justificar o terrorismo.

Pesquisas revelam ser essencial **conjugar as óticas preventiva e repressiva para o enfrentamento do terrorismo**, somando-se, ainda, medidas de combate ao crime organizado e medidas visando ao desarmamento. Para o então secretário-geral da ONU, estratégias contra o terrorismo devem basear-se em cinco pilares:1) dissuadir pessoas de apoiar o terrorismo (no recente caso de Londres, o terrorismo ganha contornos ainda mais dramáticos com a participação de europeus em atentados);2) negar aos terroristas acesso a fundos e materiais;3) impedir que estados sustentem o terrorismo; 4) desenvolver a capacidade dos estados de combater o terrorismo (investindo em inteligência, estratégia, informação e ações articuladas); e 5) defender os direitos humanos.

Há que se reiterar a ideia de que **o combate ao terrorismo só será efetivo com o respeito e a promoção dos direitos humanos**. Não há segurança sem direitos humanos, e não há direitos humanos sem segurança. Estes termos são interdependentes e inter-relacionados, mantendo uma relação de condicionalidade e de complementariedade. Fundamental, ainda, é que **medidas antiterroristas respeitem o núcleo inderrogável de direitos humanos** protegidos pelos tratados internacionais de proteção dos mesmos.

Importa, também, impedir a **adoção de medidas discriminatórias em nome de estratégias antiterror**. Como sustenta o Comitê da ONU sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial, há que se “garantir que qualquer medida tomada na luta contra o terrorismo não gere discriminação,

em causa ou efeito, baseada na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica e que os não cidadãos não estejam sujeitos à caracterização ou estereotipagem e ordem racial ou étnica”. As estratégias de enfrentamento ao terrorismo devem respeitar o princípio da igualdade e da não discriminação, repudiando práticas discriminatórias, racistas e xenófobas, atentatórias ao direito à diversidade e ao direito à identidade, pautada pela nacionalidade, etnia, raça ou religião.

Acrescente-se, por fim, o desafio de **combater o fundamentalismo de base religiosa e assegurar o pluralismo, a diversidade e o diálogo inter-religioso**. Os fundamentalismos religiosos baseiam-se em sistemas rígidos de textos revelados, amparando-se em uma noção de verdade, que se confunde com a posse do fundamento.

Em um contexto marcado pela gravidade e complexidade do terrorismo, bem como pelo temerário avanço da xenofobia e dos nacionalismos, a **celebração dos 60 anos do Tratado de Roma** (que criou a Comunidade Europeia transformada posteriormente na União Europeia a envolver 28 estados, nos quais vivem hoje 510 milhões de pessoas), no último 25 de março, **lança à cultura comunitária o desafio maior de fortalecer o ideário dos direitos humanos associado ao estado de direito e à democracia, com a construção da paz nas esferas global, regional e local**.

FONTE: PIOVESAN, F. O Globo. 30 de março de 2017. Disponível na íntegra em: <<http://oglobo.com/opiniaio/terrorismo-direitos-humanos-21132597>>

Observamos que a temática do texto é apresentada nos dois primeiros parágrafos, primeiramente através da menção a dois atentados terroristas ocorridos em 2016 e, posteriormente, à definição e posicionamento a respeito do terrorismo pela Assembleia da ONU, os quais a articulista endossará no decorrer do texto. Das expressões grifadas em verde, depreendemos a ideia central/assunto – o terrorismo – e o ponto de vista da autora – ato criminoso, injustificável e que atenta contra os direitos da população civil.

Do terceiro ao sexto parágrafo, são apresentadas e justificadas as medidas que a autora acredita serem importantes para a prevenção e combate ao terrorismo. Em vermelho, podemos verificar que a autora cita a necessidade de “conjugar as óticas preventiva e repressiva para o enfrentamento do terrorismo”; que o combate somente se efetivará com “o respeito e a promoção dos direitos humanos”; com o impedimento de “medidas discriminatórias em nome de estratégias antiterror”; e, finalmente, com o combate ao “fundamentalismo de base religiosa” e garantia do pluralismo, diversidade e diálogo inter-religioso. Ela recorre à autoridade de pesquisas e, sobretudo, da palavra da Assembleia e Comitês da ONU para endossar a viabilidade e necessidade das medidas elencadas.

No último parágrafo, a articulista reforça a necessidade de se enfrentar as questões graves e complexas que envolvem o terrorismo, a xenofobia e os nacionalismos extremistas, citando a comemoração dos 60 anos do Tratado de Roma (criação da

Comunidade, posteriormente União Europeia), evento no qual se lançou “o desafio maior de fortalecer o ideário dos direitos humanos associado ao estado de direito e à democracia, com a construção da paz nas esferas global, regional e local”. Podemos constatar, portanto, que ela conclui seu posicionamento em relação ao assunto recorrendo igualmente à autoridade de um organismo internacional, com o qual partilha suas ideias (em azul).

RECOMENDAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE UM BOM TEXTO OPINATIVO

Seguem algumas dicas para produzir um bom texto argumentativo-opinativo:

A) Leia sobre temas relevantes e da atualidade, procurando se manter sempre bem informado. Se você recebeu previamente o assunto sobre o qual deve escrever, pesquise o máximo possível sobre ele em livros, jornais, revistas e sites confiáveis. Se for permitido escolher o assunto, opte por temas relevantes e que gerem algum impacto para a sociedade;

B) Busque sempre a originalidade. Procure não repetir clichês e sentidos comuns, a não ser que haja estrita necessidade de fazer isso.;

C) Fuja de textos excessivamente longos. Seja claro, conciso e não teste a paciência do leitor com repetições desnecessárias;

D) Seja simples e objetivo: frases e períodos curtos, além de um vocabulário adequado, sem preciosismos, contribuem para que um texto seja melhor compreendido e, certamente, apreciado;

E) Finalizada a escrita, leia o texto em voz alta, percebendo se todas as frases e ideias fazem sentido e se estão bem conectadas, assim como os parágrafos;

F) A mesma releitura em voz alta pode ser acompanhada por um olhar acurado sobre a escrita: se verificar erros gramaticais, corrija-os; se detectar repetições excessivas, elimine-as, recorrendo a sinônimos, hiperônimos, etc.;

G) Um bom título é o arremate perfeito para seu exercício de escrita: escolha um título relacionado ao tema, obviamente, mas que seja interessante e desperte a vontade de ler o seu texto.

4

O TEXTO ACADÊMICO

INTRODUÇÃO

Na universidade produzimos muitos textos, pois se espera que lidemos com as realidades do ensino, pesquisa e extensão, sobretudo com as especificidades da segunda. O aluno universitário é incentivado a pesquisar e, conseqüentemente, a tornar públicos os resultados da sua pesquisa, o que ele faz sob a forma de artigos, trabalhos de conclusão de curso, monografias e outros tipos de textos.

Também a rotina de estudos solicita a produção de textos específicos, os quais auxiliam na compreensão dos conteúdos, podendo mesmo ser pedidos pelos professores para demonstrar conhecimento de determinado tópico estudado ou obra lida. Esse é o caso dos fichamentos, resumos e resenhas.

Nessa unidade, vamos contemplar três tipos de textos que pensamos ser fundamentais para as práticas de leitura e redação de todo o acadêmico: o resumo, a resenha e o artigo acadêmico/científico. Veremos também, e em primeiro lugar, as características gerais e tipo de linguagem que se requerem para um texto acadêmico.

Teremos igualmente a oportunidade de entrar em contato com exemplos dos textos acadêmicos estudados, praticando sua leitura e identificando os elementos estruturais que os constituem. Esse será um exercício fundamentalmente de prática de leitura, uma vez que não produziremos as modalidades de texto acadêmico estudadas nessa disciplina.

O objetivo nesse momento do curso é que os conhecimentos construídos ao longo dessa unidade sirvam de apoio à organização de sua rotina de estudos e produção de futuros trabalhos, complementando o que vocês certamente estudarão com maior detalhe na disciplina de Metodologia da Pesquisa.

4.1

O QUE É UM TEXTO ACADÊMICO

O texto acadêmico resulta dos processos de construção de conhecimentos que têm lugar nas instituições, através do ensino, pesquisa e extensão universitária. Seus objetivos são apresentar, demonstrar, difundir, recuperar ou contestar o conhecimento produzido, acumulado ou transmitido. Seus resultados visam contribuir com o progresso da ciência na área que representam, daí a necessidade de publicidade relativa ao texto, isto é, são trabalhos que precisam ser apresentados a autoridades da área ou socializados através de órgãos de publicação.



ATENÇÃO: o ensino (transmissão e partilha de conhecimentos), a pesquisa (produção de conhecimentos) e a extensão (condução/aplicação do conhecimento construído junto à sociedade) constituem os pilares fundamentais da educação em nível superior.

Vejamos agora as características gerais da escrita de um texto acadêmico.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TEXTO ACADÊMICO

Podemos apontar como características gerais do texto acadêmico:

- A) É o resultado de um trabalho de investigação científica (pesquisa bibliográfica, de campo, etc.), que se utilizou de métodos claros e rigorosamente aplicados para ser obtido;
- B) Segue normas de linguagem e formatação específicas;
- C) É transitório, isto é, reflete um momento na realidade de uma pesquisa ou de um tema pesquisado, exigindo que essa transitoriedade se expresse através dos recursos de linguagem utilizados;
- D) Privilegia a linguagem técnica e, muitas vezes, o jargão de determinada área;
- E) Usa paráfrases na transcrição de ideias de outros autores (citações indiretas);
- F) Geralmente, é pensado para ser publicado, exigindo-se atenção às normas de publicação do órgão (revista, site, etc.).



TERMO DO GLOSSÁRIO: bibliográfica – que se baseia em uma bibliografia, em um conjunto de obras que tratam de determinado assunto.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM EM UM TEXTO ACADÊMICO

A linguagem de um texto acadêmico deve refletir a intencionalidade de seu autor, o qual formula os enunciados pensando na adesão do leitor ao seu discurso. Para isso, requer-se atenção às seguintes características:

- A) Uso de auxiliares modais: poder, dever, precisar, saber, etc.;
- B) Cristalização dos predicados: é preciso, é certo, é provável, etc.;
- C) Emprego de advérbios modalizadores: certamente, necessariamente, provavelmente, etc.;
- D) Utilização de formas verbais combinadas de infinitivo: poder fazer, dever apresentar, etc.;
- E) Os modos e tempos verbais são específicos, tendendo a ser utilizados o modo indicativo e os tempos presente e pretérito perfeito;
- F) Ênfase nos conectivos/operadores argumentativos: quase, apenas, mesmo, portanto, logo, etc.;
- G) Adequação da pessoa verbal na escrita: geralmente se recomenda a 3ª pessoa, embora, sobretudo na área das ciências humanas, admita-se o uso da 1ª pessoa do plural.

PROBLEMAS FREQUENTES NA ESCRITA DE TEXTOS ACADÊMICOS

Alguns problemas aparecem com certa frequência na escrita de textos acadêmicos. Vejamos:

- A) Textos muito condensados (resumidos) ou prolixos (períodos longos, uso de informações sem relevância para a pesquisa ou excessivamente intercaladas, pontuação inadequada);
- B) Falha na coesão e coerência: ausência ou frouxidão na conexão entre as ideias, o que se revela, principalmente, através do uso de conectivos/operadores argumentativos inadequados;
- C) Seleção de informações mal distribuída no texto: principalmente concentração excessiva no início do escrito;
- D) Personificação de palavras e expressões que não podem receber esse tratamento: a pesquisa coloca, o estudo fala, etc.;
- E) Plágio: cópia e cola de textos sem quaisquer referências aos autores (existem, inclusive, programas de informática que detectam esse procedimento). Geralmente,

revela problemas em realizar as paráfrases necessárias para que o autor seja referido no texto.

Vamos agora conhecer melhor dois dos textos mais importantes para a construção de uma rotina de estudos e de pesquisas, o resumo e a resenha.

PARA SABER MAIS

As professoras Anna Bentes e Vívian Stella, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), prepararam e apresentaram um **workshop** sobre escrita acadêmica no qual você poderá encontrar informações complementares àquelas apresentadas nesta unidade. Para acessar o conteúdo, basta procurar por **A escrita de textos acadêmicos: contexto de produção e características formais**.



TERMO DO GLOSSÁRIO: workshop – oficina, espécie de mini curso no qual se aborda um tema através da realização de atividades práticas.



PARA SABER MAIS:

<http://www.fec.unicamp.br/arqs/20130625015752-Workshop%20FEC%2021%20jun13.pdf>

4.2

RESUMO E RESENHA

Dois textos que demandam uma leitura acurada de outro texto, mas destinados a reproduzir as ideias principais desse último sob a forma de um escrito menor, são o resumo e a resenha. Vamos saber mais sobre eles, começando pelo resumo.

RESUMO

O resumo consiste na apresentação condensada de outro texto, produzida com atenção à síntese e seleção das ideias principais e destacando a progressão e articulação entre elas (PLATÃO E FIORIN, 2002). É utilizado frequentemente na rotina de estudos, como forma de fixação dos conhecimentos adquiridos, além de integrar diversos outros trabalhos comuns ao meio universitário, como o artigo, o trabalho de conclusão de curso (TCC), as **monografias**, as **dissertações e teses**.



TERMO DO GLOSSÁRIO: monografias compreendem estudos mais aprofundados sobre um determinado tema, tendo um único autor e apresentando revisões bibliográficas ao lado de pesquisa inédita. Caracterizam-se como monografias também as dissertações (conclusão de Mestrado) e teses (conclusão de doutorado). As conclusões de especialização e outros tipos de pós-graduação podem ser chamadas simplesmente de monografia ou trabalho monográfico.

Em Fontana (1995), apud Köche, Boff e Pavani (2006), são descritas três regras úteis quando se deseja resumir um texto:

A) **Apagamento:** mantêm-se as proposições básicas e eliminam-se as irrelevantes para a construção do sentido da frase.

» Os recursos naturais, ~~como água, ar e solo~~, precisam ser protegidos pelos seres humanos, ~~que devem estar conscientes de sua importância~~.

» Os recursos naturais precisam ser protegidos pelos seres humanos.

B) **Generalização:** substituem-se séries de nomes de seres, características ou ações por um termo de uso geral que a eles remeta.

» A escrita de resumos, resenhas, artigos, TCCs e monografias é fundamental na trajetória de um estudante universitário.

» A escrita de textos acadêmicos é fundamental na trajetória de um estudante universitário.

C) Construção: substitui-se uma série de proposições (explícitas ou implícitas) por uma única que esteja associada a elas.

» Na universidade, para ter êxito, é fundamental ler, discutir as leituras com os colegas e professores, pesquisar em boas fontes da internet, assistir a eventos na área de estudo.

» Na universidade, para ter êxito, é fundamental estudar.

Köche, Boff e Pavani (2008) ainda complementam a aplicação dessas três regrinhas, explicando que você pode aplicar as mesmas em conjunto com a técnica de sublinhar, ou seja, marcar com um traço apenas as informações relevantes de um texto, descartando ou generalizando as outras e procedendo a adaptações, conforme a necessidade. Vejamos:

» A leitura também possibilita a geração de novos conhecimentos acerca do mundo, das pessoas e até de nós mesmos. Por essas e outras, acaba ampliando as referências do leitor, modulando sua maneira de pensar e agir, além de aprimorar seu raciocínio. Para as crianças, sobretudo, é uma ótima forma de desenvolver suas habilidades de compreensão para que consigam opinar, criticar e ter maior enriquecimento cultural, intelectual e social.

» A leitura possibilita a geração de novos conhecimentos, ampliando as referências do leitor, modulando sua maneira de pensar e agir, além de aprimorar seu raciocínio. Para as crianças, é uma forma de desenvolver suas habilidades de compreensão, para que opinem, critiquem e tenham maior enriquecimento cultural, intelectual e social.

Em textos curtos, como o do exemplo acima, pode-se preparar um esquema com as ideias sublinhadas, o qual servirá de base para a reescrita resumida e poderá ser útil, por exemplo, quando se estuda para uma prova. Assim:

Leitura = gera novos conhecimentos

Novos conhecimentos = ampliam referências, modulam modo de pensar e agir, aprimoram raciocínio

Crianças = desenvolvem habilidades de compreensão

Habilidades de compreensão = opinar, criticar, enriquecer-se cultural, intelectual e socialmente.

4.3

RESENHA

A resenha, segundo Köche, Boff e Pavani (2008), sintetiza as ideias principais de um texto, seja livro, filme, artigo, etc., destacando como essas ideias se articulam e progridem. Pode ou não conter o pensamento do autor sobre o texto, advindo daí a classificação da resenha (PLATÃO E FIORIN, 2002): a) Descritiva, quando somente descreve o texto minuciosamente e sucintamente, sem emitir parecer crítico; b) Crítica: quando além de descrever o texto, comenta-o criticamente, apontando aspectos positivos ou negativos, desde que justificando suas opiniões. Uma resenha crítica sempre considerará o conhecimento já existente sobre a área do texto examinado, nunca se fundamentando em preferências pessoais do resenhista. Vamos agora conhecer as etapas de uma resenha:

A) Identificação do texto: deve conter os elementos essenciais de uma referência bibliográfica (autor, título, revista na qual foi publicada (para artigos), local da publicação (cidade), editora (para livros), ano de publicação (livros) ou data completa (revistas), volume e número (revistas), número de páginas (revistas). Para filmes, o autor costuma ser identificado com o diretor da **película**.;

B) Apresentação: descrição resumida do conteúdo (sobre o que “fala” a obra);

C) Descrição da estrutura: se a obra está dividida em partes, apresentar essa divisão;

D) Descrição do conteúdo: apresentar de forma resumida as ideias principais contidas no texto;

E) Avaliação crítica: comentar sobre a obra, fundamentando adequadamente sua opinião e recorrendo ao conhecimento já existente sobre o assunto (outros textos da área). Essa parte, obviamente, só aparece na resenha crítica;

F) Identificação do autor: informar brevemente sobre a bibliografia (dados gerais e realizações) do autor.;

G) Assinatura e identificação do resenhista.



TERMO DO GLOSSÁRIO: película – em cinema, o mesmo que filme.

Importante destacar que o resenhista, ao descrever e comentar o texto, frequentemente utiliza paráfrases do mesmo ou de autores que a ele se relacionem. Para tanto, utilizará bastante os chamados verbos “de dizer”, dos quais listamos alguns a seguir: comentar, questionar, afirmar, sugerir, analisar, acrescentar, concluir, propor,

pressupor, recomendar, reconhecer, constatar, exemplificar, explicitar, sustentar, etc. Da mesma forma, os trechos parafraseados costumam ser introduzidos por expressões como: conforme, de acordo com, segundo, para, em, na opinião de, etc.

Agora é o momento de observar as características citadas na resenha da obra **A diferença somos nós: a gestão da mudança social** e as políticas educativas e sociais, de Stephen Stoer e Antonio Magalhães. Este texto foi resenhado por Elena Mello e Mariângela Bairros.



INTERATIVIDADE:

<http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/18728/10950>

4.4

O ARTIGO CIENTÍFICO

Um artigo científico consiste em um trabalho acadêmico que visa apresentar os resultados sucintos de uma pesquisa, a qual foi desenvolvida conforme determinada metodologia, reconhecida por uma comunidade de pesquisadores. É dito científico por que foi submetido à verificação por outros estudiosos da área que aborda, os quais têm condições de avaliar as informações, os métodos e a precisão lógico-metodológica das conclusões ou resultados obtidos. Köche, Boff e Pavani (2008, p.127) afirmam que:

Os problemas abordados no artigo podem ser os mais diversos, abrangendo questões que historicamente são polemizadas ou questões teóricas e/ou práticas novas. Essencialmente, no artigo, mostra-se um problema, discute-se a respeito dele e apresenta-se uma solução (...) Do artigo, exigem-se certas qualidades, como linguagem concisa, correta e clara; coerência na exposição de ideias e na argumentação; coesão entre os elementos e parágrafos e fidelidade às fontes.

Os artigos habitualmente são produzidos como conclusão de um projeto de pesquisa realizado em uma disciplina ou curso acadêmico. São idealizados para serem apresentados e/ou publicados, portanto, seguem as normas de escrita da instituição na qual serão apresentados ou periódico no qual serão publicados. A extensão do texto também varia conforme quem solicita, podendo ir de 10 a 40 páginas, mais ou menos. A norma geral para escrita e publicação de trabalhos científicos no Brasil é determinada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), podendo ter correspondentes nas diferentes instituições, como é o caso da UFSM, que utiliza uma regra baseada na ABNT, o **Manual de Dissertações e Teses (MDT)**, cuja edição mais recente é a de 2015. Periódicos como revistas científicas tendem a sistematizar regras próprias, também tomando como base a ABNT.



ATENÇÃO: http://w3.ufsm.br/biblioteca/phocadownload/Manual_de_Dissertacoes_e_Teses-2015.pdf

Agora, vamos saber mais sobre a estrutura de um artigo científico.

ESTRUTURA DO ARTIGO CIENTÍFICO

O texto de um artigo científico obedece a uma divisão em partes, que visa organizar as informações apresentadas de modo a descrever adequadamente os diversos passos da pesquisa realizada, caminhando em uma progressão que vai da descrição das leituras fundamentadoras, métodos e etapas da pesquisa até a discussão dos

resultados obtidos e conclusões sobre o estudo efetuado. Essa estrutura pode sofrer variações conforme a área em que foi realizada a pesquisa, se das ciências exatas e naturais ou das ciências humanas. Vejamos agora mais detidamente as partes de um artigo científico.

Identificação

Nesta parte, constam:

A) Título: deve apresentar clara e sucintamente o artigo (títulos muito longos ou rebuscados não são a melhor escolha). Costuma ser centralizado na página;

B) Autor: nome da pessoa que realizou a pesquisa. Geralmente fica à direita da página, após o título;

C) Qualificação do autor: quem é o autor academicamente (aluno de que curso, professor de que instituição, etc.). Costuma ser digitado em nota de rodapé.

Resumo, abstract e palavras-chave

No resumo, figura uma descrição geral e sintética do trabalho, abordando a pesquisa, os métodos e resultados. Normalmente, localiza-se logo abaixo do nome do autor, na metade superior da página. Ao resumo, seguem as palavras-chave, geralmente entre 3 e 5 palavras e expressões que delimitam o estudo, orientando o leitor para o que vai encontrar no texto. Pode ser pedido, conforme a instituição ou publicação, um abstract, que consiste na versão do resumo em língua estrangeira, seguida igualmente pela versão das palavras-chave, as keywords. Abstract e keywords visam informar sobre o que o artigo trata a um eventual leitor de outra língua.

Introdução

A introdução compreende a primeira parte do corpo do artigo propriamente dito. Nela deve ser apresentado o tema da pesquisa (situação problema), identificadas as leituras fundamentadoras e métodos para realização da investigação, além dos objetivos do trabalho. Pode-se dizer que é na introdução que o articulista (autor do artigo) “vende o seu peixe”, esclarecendo a importância da pesquisa e a relevância para a área.

A introdução inicia propriamente o artigo científico, mas é mais facilmente elaborada se a discussão e as conclusões já estiverem prontas, pois, aí se obtém uma visão de conjunto do trabalho. O texto introdutório deve ser bem escrito, constituindo um convite atrativo para a continuidade da leitura do artigo. Deve conter as informações essenciais para uma visão geral do trabalho, mas é importante que não se alongue em excesso.

Materiais e métodos/Pressupostos teóricos

Aqui as diferenças entre as áreas de pesquisa começam a se evidenciar. Assim, os artigos produzidos para ciências exatas e naturais (física, química, biologia, etc.) compreenderão uma seção sobre materiais e métodos, nos quais serão descritos a metodologia utilizada e as etapas em que se desenvolveu a pesquisa. Já na área de humanas (história, letras, educação, etc.), teremos os pressupostos teóricos, nos quais se examinarão textos relevantes para o estudo, assim como se definirá o método escolhido para a pesquisa e os passos que a mesma seguiu. Esta seção pode apresentar subdivisões, conforme a necessidade do autor.

Resultados e discussões/Análises

Nas ciências exatas e naturais, este é o momento de apresentar os resultados consequentes aos passos da pesquisa e discutir sobre a sua obtenção, fundamentando com leituras de autores da área, previamente realizadas e identificadas na introdução. Se estivermos no campo das ciências humanas, também recorreremos às leituras prévias, mas aí articularemos as mesmas com os fatos constatados através dos diferentes passos da pesquisa. Esta seção pode apresentar subdivisões, conforme a necessidade do autor. Pode-se dizer que essa parte é o "coração" do artigo, nela residindo o que de mais original e relevante o trabalho tem a oferecer.

Conclusão/Considerações Finais

Esta seção realiza o fechamento do trabalho, externando as conclusões que o estudo permitiu obter (ciências exatas e naturais) ou tecendo considerações a respeito do obtido na pesquisa e do seu processo de realização (ciências humanas).

Referências bibliográficas

Nesta seção, devem constar todas as obras citadas como leituras fundamentadoras ao longo do texto do artigo, seguindo as regras da ABNT, MDT ou normativas da instituição em que será apresentado ou periódico em que será publicado.

Agora é a hora de tomarmos um contato mais direto com o artigo científico. Escolhemos aqui um texto da área de humanas, mais especificamente da educação, portanto, bastante afim à nossa licenciatura: trata-se de “Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior”, de Telma Rocha e Theresinha Miranda, publicado na Revista **Educação Especial** da UFSM, em 2009.



INTERATIVIDADE:

<http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/273/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o trabalho na disciplina de Leitura e Produção de Textos, gostaria de destacar o quanto foi prazeroso e produtivo preparar esse material junto com você. Tenha a certeza de que, com seus questionamentos e suas respostas às atividades propostas, você me ajudará a refletir sobre o que foi preparado inicialmente, sobretudo sobre as formas de melhorá-lo e adequá-lo cada vez mais às necessidades do seu curso.

Espero que você tenha dado os primeiros passos com sucesso na consolidação de suas habilidades de leitor e produtor de textos, assumindo-se como o estudante universitário que é, apto a discutir, refletir e posicionar-se sobre os fatos com desenvoltura e competência linguística. Ler e produzir textos adequados às situações comunicacionais solicitadas é indispensável ao processo de construção de conhecimentos, não se admitindo o exercício competente do papel de estudante, em qualquer nível ou modalidade, sem a consolidação dessas habilidades. Mais do que isso, ler e produzir textos com eficiência é parte importante da conquista da cidadania, colaborando para uma participação mais ativa nos diversos âmbitos da vida em sociedade.

Seu aperfeiçoamento e segurança nos usos da linguagem falada e escrita, sobretudo dessa última, será essencial daqui para frente, pois o curso lhe trará ainda mais desafios, em novas áreas de conhecimentos a serem desvendados e explorados.

Estude, converse com seus colegas e professores, leia muito e escreva bastante também. Lembre-se que a prática é a senha de acesso para quem quer chegar à excelência.

Desejo felicidades e sucesso na continuação dessa trajetória!

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M. A. L. **Brás, Bexiga e Barra Funda**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00005a.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ALLRECIPES. **Receita de hamburguer clássico**. Disponível em: <<http://allrecipes.com.br/receita/12348/hamb-rguer-cl-ssico.aspx>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

AMADO, J. **Mar morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMARAL, L. A. et al. Água de consumo humano como fator de risco à saúde em propriedades rurais. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2003, v.37, n.4, p.510-514. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102003000400017>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

ANDRADE, C. D. **Antigamente**. Disponível em: <https://leituramelhorviagem.files.wordpress.com/2012/09/texto-para-leitura_antigamente1.pdf>. Acesso em 05 fev. 2017.

ANA MARIA. Febre amarela à vista. **Revista Ana Maria**. 20. fev.2017.

AZEVEDO, A. **O cortiço**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARRETO, L. **Os melhores contos de Lima Barreto**. Org. Francisco Barbosa. São Paulo: Global, 1993.

BENTES, A.; STELLO, V. **A escrita de textos acadêmicos**: contexto de produção e características formais. Disponível em: <<http://www.fec.unicamp.br/arqs/20130625015752-Workshop%20FEC%2021%20jun13.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

BONIS, G. **Visitar o passado é importante para curar as feridas**. Disponível em: <<http://politike.cartacapital.com.br/visitar-o-passado-e-importante-para-curar-as-feridas/>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Alimentação saudável**. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentacao_saudavel.pdf>. Acesso em: 11. mar. 2017.

CALDAS, A. Agroecologia. **Aulete digital**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/agroecologia>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

CARPINEJAR, F. **Bom dia, alegria**. Disponível em: <<http://carpinejar.blogspot.com.br/2017/02/bom-dia-alegria.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CHALHUB, S. **Funções da Linguagem**. São Paulo: Ática, 2002.

CHIBENI, S. **O texto acadêmico**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/textoacademico.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

COLASANTI, M. **Eu sei, mas não devia**. Disponível em: <http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp>. Acesso em: 7.mar.2017.

COMUNIDADE NIN-JITSU. **Melô do analfabeto**. Broncas legais (CD). Rio de Janeiro: RockIt, 1998. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/comunidade-nin-jitsu/melo-do-analfabeto>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

CORREA, V. **Cazuza** (fragmento). Disponível em: <<https://paideiacomletrinhas.wordpress.com/2010/10/08/o-velho-mirigido/>>. Acesso em: 28 mar.2017.

DIAS, G. **Canção do exílio**. Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/goncalves-dias-cancao-do-exilio/>>. Acesso em: 24 fev.2017.

DICIONÁRIO AMBIENTAL. **O que é desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28588-o-que-e-desenvolvimento-sustentavel/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ESOPO. **A raposa e as uvas**. Disponível em: <<http://asfabulasdeesopo.blogspot.com.br/2009/04/raposa-e-as-uvas.html>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

ESPANCA, F. Livro de Sóror Saudade. **Fanatismo**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/fanatismo-florbela-de-alma-conceicao-espanca>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

FAGNER, R. Fanatismo. Intérprete Raymundo Fagner. **Traduzir-se** (álbum). São Paulo: CBS, 1981. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/fagner/45922/>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

FERNANDES, M. **Snooker**. Disponível em: <<http://www.welingtongonzaga.com.br/2016/08/o-jogo-das-palavras/>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

FERREIRA, E. **Poema sem nome**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mano.poesia?pnref=story>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2017.

GUILHADE, J. G. **Quantos ham gran coita**. Cantigas medievais galego-portuguesas. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=398&pv=sim>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

IVO, L. **Imagem do deserto**. Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/textos-ecologicos-t34877-15.html>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

KOCH, I.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2009a.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2009b.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. **Prática textual**: atividades de leitura e escrita. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEGIÃO URBANA, Monte Castelo. Intérprete Renato Russo. **Quatro estações** (álbum). São Paulo: EMI, 1989. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22490/>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

LIMA, A. F.; LUNA, S. P. Algumas causas e consequências da superpopulação canina e felina: acaso ou descaso? **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v.10. n.1 2012. Disponível em: <<http://189.126.110.61/recmvz/article/view/258/242>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LOPES NETO, J. S. Artigos de fé do gaúcho. **Contos Gauchescos**. Porto Alegre: Globo, 1976. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000121.pdf>>. Acesso em: 02 fev.2017.

MARCUSCHI. L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, M. Cão refaz passos do dono morto há um ano. **Gazeta de Caçapava**. Caçapava do Sul. Disponível em: <<http://gazedecacapava.com.br/cao-refaz-passos-do-dono-morto-ha-um-ano/>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

MEDEIROS, M. **Casa comigo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/06/leia-cronica-que-martha-medeiros-fez-para-casal-que-reatou-apos-sequestro.html>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MELLO, E.; BAIROS, M. Resenha STOER, S.; MAGALHÃES, A. A diferença somos nós: a gestão da mudança social e as políticas educacionais e sociais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. Porto Alegre, v.22, n.1, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/18728/10950>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MENDES, M. **Canção do exílio**. Disponível em: <<http://www.horizonte.unam.mx/brasil/murilo1.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

MUNDO EDUCAÇÃO BOL. **Dicas de redação**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/dicas-redacao-estrutura-paragrafo.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUNDO EDUCAÇÃO. **O que é poema?** Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/o-que-poema.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Lições de texto: leitura e redação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Direitos humanos no Brasil**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/human-rights/>>. Acesso em: 18 mar.2017.

O RAPPÁ. **Feira**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/o-rappa/52/>> , Acesso em: 29.jul.2017.

PESSOA, F. **Mar português**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/mensagem-mar-portugues-fernando-pessoa>>. Acesso em: 07.mar.2017.

PIOVESAN, F. Terrorismo e direitos humanos. **O Globo**. 30 de março de 2017. Disponível na íntegra em: <<http://oglobo.globo.com/opiniao/terrorismo-direitos-humanos-21132597>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

PONTE PRETA, S. **Inferno Nacional**. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/s/sergio22.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

PORTAL G1. Gerente de bar na Lapa, Rio, é achado morto dentro de casa. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/gerente-de-bar-na-lapa-rio-e-achado-morto-dentro-de-casa.ghtml>>. Acesso em: 8 mar. 2017.

QUINTANA, M. **Os poemas**. Disponível em: <<http://escolaeducacao.com.br/10-poemas-de-mario-quintana/>>. Acesso em: 25mar. 2017.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REBELLO, I.S. **O texto e suas múltiplas possibilidades de leitura: pressupostos e subentendidos**. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro08/LTAA8_a31.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

RIBEIRO, M. A. ET AL. Radioablação de tumores hepáticos primários e metastáticos. Onde estamos e para onde vamos? **Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto**. n.43. 2010. Disponível em: <<http://revista.fmrp.usp.br/2010/vol43n4/PONTO%20DE%20VISTA.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

RIO, J. **As crianças que matam** (fragmento). Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/as-criancas-que-matam-conto-do-joao-do-rio/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ROCHA, T.; MIRANDA, T. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. **Revista de Educação Especial**, Santa Maria v.22, n.34, mai/ago 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/273>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ROJO, R. **As relações entre a fala e a escrita**: mitos e perspectivas. Belo Horizonte: Ceale, 2006. Disponível em: <www.ceale.fae.ufmg.br/app/.../Col%20Alf.Let.%2013%20Relacoes_Fala_Escrita.pdf>. Acesso em: 07 fev.2017.

SAKAMOTO, L. **Quem quer aposentadoria aos 65 anos nunca cortou cana ou carregou cimento**. Disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/09/12/quem-quer-aposentadoria-aos-65-anos-nunca-cortou-cana-ou-carregou-cimento/>>. Acesso em: 10 fev.2017.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. Disponível na íntegra em: <<http://contobrasileiro.com.br/o-conto-da-ilha-desconhecida-conto-de-jose-saramago/>>. Acesso em: 15 mar.2017.

SOUZA, R. A. de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRINHA, V. M. Querência Amada. Intérprete Teixeira. **Aliança de Ouro** (Long Play). São Bernardo do Campo: Copacabana, 1975. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/teixeirinha-musicas/77214/>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

TRAJBER, R.; SATO, M. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações na sociedade. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v. especial, Rio Grande, set. 2010. Disponível em: <<https://furg.emnuvens.com.br/remea/article/view/3396/2054>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS DO INTERIOR DE CANGUÇU. **Sementes crioulas**. Disponível em: <<http://unaic.blogspot.com.br/p/sementes-crioulas.html>>. Acesso em: 22.mar.2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Manual de Dissertações e Teses da UFSM**: estrutura e apresentação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/oBoZjVFjTsQo-ZkU3QU81S1RxSkU/view>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

VAIANO, B. Índios da Amazônia Boliviana são o povo mais saudável do mundo. **Revista Super Interessante**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/sociedade/indios-da-amazonia-boliviana-sao-o-povo-mais-saudavel-do-mundo/>>. Acesso em: 15 mar.2017.

WIKIPEDIA. **Poesia (definição)**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO

UNIDADE 1:

ATIVIDADE 1

Leia a crônica “Antigamente” com atenção. Em seguida, consulte dicionários físicos ou on line, converse com seus pais, avós, enfim, procure descobrir o significado das palavras que estão sublinhadas. Em seguida:

- 1) Transcreva os significados que você conseguiu descobrir;
- 2) Algumas das palavras sublinhadas ainda são eventualmente utilizadas. Cite uma que se enquadre nessa situação;
- 3) Considere o primeiro parágrafo do texto de Drummond. Se ignorarmos a variação temporal e resolvermos reescrevê-lo de acordo com a variante geográfica, considerando a língua falada pelo típico gaúcho da Campanha, como será que ficaria? Consulte sua experiência e um bom vocabulário gauchesco (há vários na internet e sua família ou conhecidos devem conhecer alguns termos) e reescreva o parágrafo à moda dos falares campeiros.

Você encontra mais informações sobre o que estudamos nessa unidade em As relações entre fala e escrita: mitos perspectivas, de Roxane Rojo, disponível [AQUI](#)



SAIBA MAIS:

www.ceale.fae.ufmg.br/app/.../Col%20Alf.Let.%2013%20Relacoes_Fala_Escrita.pdf

ATIVIDADE 2

Leia com atenção os textos e extratos de texto a seguir. Em seguida, identifique quais as funções da linguagem predominantes neles.

1) Os Poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti.
Mario Quintana

2) A **poesia**, ou **texto lírico**, é uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos ou críticos, ou seja, ela retrata algo em que tudo pode acontecer dependendo da imaginação do autor como a do leitor. Poesia, segundo o modo de falar comum, quer dizer duas coisas. A arte, que a ensina, e a obra feita com a arte; a arte é a poesia, a obra poema, o poeta o artífice. O sentido da mensagem poética também pode ser, ainda que seja a forma estética a definir um texto como poético. A poesia compreende aspectos metafísicos e a possibilidade desses elementos transcenderem ao mundo fático. Esse é o terreno que compete verdadeiramente ao poeta.

Poesia. (Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia>>)

3) Embora seja difícil conceituar a **poesia**, elemento da subjetividade presente nas mais variadas manifestações artísticas, é possível estabelecer parâmetros que nos ajudem a compreender o poema como gênero textual e suas características formais e estilísticas. Como gênero, o **poema** apresenta algumas peculiaridades que o diferem dos demais gêneros, peculiaridades essas que facilitam sua identificação. Mas se engana quem acredita que todo poema é composto por versos e estrofes: há poemas em prosa, bem como poemas que aliam elementos visuais à linguagem verbal, contrariando assim a ideia de que o poema deve prender-se a regras como métrica ou rimas.

O que é poema. Disponível em: (<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/o-que-poema.htm>>)

- 4) - Alô?
- Alô.
- Daonde?
- Da casa do Mauricio
- Desculpe, foi engano.
Fonte: Texto da autora

5)

Vem maluco, vem madame
Vem Maurício, vem atriz
Pra comprar comigo

Vem maluco, vem madame
Vem Maurício, vem atriz
Pra levar comigo

Tô vendendo ervas
Que curam e acalmam
Tô vendendo ervas
Que aliviam e temperam

Fonte: O RAPPÁ. Feira. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/o-rappa/52/>> , Acesso em: 29.jul.2017.

ATIVIDADE 3

1) Baseado na leitura dos conteúdos desta unidade e em suas experiências na aprendizagem e consolidação da linguagem (fala, escrita), comente brevemente sobre a importância que a leitura e a produção de textos, sobretudo os escritos, apresentaram/apresentam em sua trajetória de estudante, da Educação Básica até a Universidade.

2) Você leu nesta unidade um fragmento de Paulo Freire comentando sua experiência de aprendizado da linguagem. Leia agora o texto na **ÍNTEGRA** (p.9-14) e defina o que, para o educador pernambucano, vem a ser a “palavramundo”.



INTERATIVIDADE:

http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf

UNIDADE 2:

ATIVIDADE 1

Com relação ao texto “Casa comigo”, de Martha Medeiros, indique quais das estratégias de leitura citadas a seguir foram utilizadas para a resolução das questões correspondentes. Justifique suas respostas, explicando como as utilizou.

- 1) Campos semânticos para a questão 1.
 - 2) Pressupostos e subentendidos para a questão 1.
 - 3) Elementos extratextuais para a questão 2.
 - 4) Denotação e conotação para a questão 3.
- Conhecimento linguístico para a questão 4

ATIVIDADE 2

Com base na leitura do texto “Sementes crioulas” e no conhecimento construído no decorrer das aulas desta unidade, responda:

- 1) A compreensão do texto implica, com relação ao termo “biodiversidade”:

- A – Conhecimento linguístico
- B – Conhecimento textual
- C- Conhecimento de mundo

Justifique sua resposta.

- 1) No texto, se destaca um campo semântico ligado à agricultura. Cite palavras que integram esse campo semântico.
- 2) O último parágrafo do texto não está escrito de forma muito objetiva, devido a escolhas de pontuação. Reescreva-o, de modo a torná-lo mais claro para o leitor.
- 3) O hiperônimo “plantas alimentícias” pode se aplicar à retomada de diversas palavras existentes no texto, atuando como recurso coesivo eficiente. Cite algumas dessas palavras.
- 4) Encontre no texto um par de palavras que opere coesão referencial e outro que opere coesão sequencial.

ATIVIDADE 3

Leia atentamente o texto 4, “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti, assim como o conteúdo das aulas 7 e 9 antes de responder as questões a seguir:

1) A crônica de Marina Colasanti é formada por 10 parágrafos, sendo que o primeiro e o último atuam como síntese da ideia central, que é a da conformidade e acomodação do ser humano às situações mais difíceis da vida como forma de proteção. Sabendo disso, procure resumir em uma única frase as ideias secundárias (aquilo ao qual o ser humano se acostuma) para cada um dos parágrafos, do segundo ao nono.

2) O texto é construído sobre uma série de repetições. Explique como esse procedimento atua no sentido de manter o escrito coeso e coerente.

3) Existe uma oposição à ideia central do texto, sustentada através do uso de um operador argumentativo que atua como elemento de coesão. Que palavra é essa e em qual parágrafo ela aparece?

4) Esta crônica se caracteriza pela presença da variante coloquial da língua, com a utilização, por exemplo, de “A gente” no lugar de nós e do pronome oblíquo “se” em início de frases. A presença dessa variante, assim como o uso das repetições, distinguem o texto, pois ele é feito para que o leitor reflita e se envolva com o que está sendo escrito. Nesse sentido, temos aqui um texto:

- A- Informativo
- B- Instrutivo
- C- Literário
- D- Publicitário

ATIVIDADE 4

Leia com atenção a crônica “Casa comigo”, de Martha Medeiros. Em seguida, responda as questões abaixo:

1) A crônica conta uma história de forma explícita, mas apresenta um conteúdo implícito que remete a uma situação característica no relacionamento de um casal:

- A- Relate, em poucas palavras, a história que é contada.
- B- Qual a mensagem implícita à história?
- C- Como essa mensagem subentendida aos acontecimentos da história se relaciona com os mesmos?

2) No texto, há palavras e expressões que remetem a um campo semântico de violência e criminalidade, o qual se opõe, por sua vez, a um campo semântico ligado ao amor. Cite algumas palavras e expressões que compõem esses dois campos.

- 3) “Desamarram-se, estão nus por fora e por dentro” (l.17)
“Sentiram sem amarras” (l.23)

Nas frases acima, existe um jogo entre os sentidos denotativo e conotativo. Explique como esse jogo funciona.

4) No texto, predominam frases curtas ou períodos longos? Procure explicar a escolha da autora em função das características da história. Justifique sua resposta com um exemplo.

ATIVIDADE 5

Leia com atenção um trecho da obra **Cazuza** (1938), de Viriato Correa (1884-1967), disponível [AQUI](#)



INTERATIVIDADE:

<http://paideiacomletrinhas.wordpress.com/2010/10/08/o-velho-mirigido/>

Com base em sua leitura e nos conhecimentos construídos a partir das aulas 4 e 5, responda:

- 1) No texto, fica implícito que o personagem Velho Mirigido não era muito querido pelas crianças do lugar. Explique esta constatação, utilizando palavras e/ou frases do texto para comprovar.
- 2) Quem conta o ocorrido no trecho lido é um adulto ou uma criança? Justifique com passagens do texto.
- 3) A escolha dos nomes dos personagens revela muito sobre o ambiente em que se passa o relato. Explique como era o local onde se passam os acontecimentos – cidade, campo, etc. -, relacionando sua explicação aos nomes.
- 4) No texto predominam sequências textuais narrativas ou descritivas? Justifique.
- 5) O gênero ao qual pertence o texto pode ser classificado como ficcional? Justifique.
- 6) Imagine que você precisa escrever uma notícia de jornal sobre o acontecido com o Velho Mirigido. Use os dados fornecidos pelo texto e crie a sua notícia, fazendo as alterações necessárias para transpor de um gênero ao outro.

ATIVIDADE 6

Reescreva o texto “Snooker”, de Millôr Fernandes, eliminando as ambiguidades e tornando-o assim diretamente compreensível ao leitor, como se tratássemos de um relato comum e não de um escrito humorístico.

ATIVIDADE 7

Explique com suas palavras:

1) Por que a canção “Fanatismo”, de Fagner, é uma paráfrase do poema homônimo de Florbela Espanca?

2) No texto 1 do conteúdo sobre paródia, informe qual o texto parodiado pela tira e de que forma a paródia é construída sobre a história original.

UNIDADE 3:

ATIVIDADE 1

Escolha um dos assuntos abaixo e escreva um parágrafo sobre ele. Não esqueça de definir bem seu tópico frasal e concluir adequadamente o texto.

A- Uso de drogas;

B- Êxodo rural;

C- Uso das redes sociais (Facebook, etc.);

D- Violência contra a mulher;

E- Coleta seletiva

ATIVIDADE 2

Assista ao vídeo **A flor mais grande do mundo**, baseado no livro **A maior flor do mundo**, do português José Saramago. As questões que propomos a seguir serão baseadas na sua experiência de assistir e refletir sobre a história contada no filme:



INTERATIVIDADE:

<https://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U>

1. Se você criasse um texto figurativo sobre o vídeo, quais palavras certamente utilizaria?

2. Se, ao contrário, você desejasse escrever um texto temático, explorando a mensagem veiculada pelo filme, quais palavras utilizaria?

3. Escreva um pequeno texto predominantemente narrativo (no máximo 20 linhas) contando a história exibida no filme. Não esqueça: a narração deve predominar, mas o texto deve conter pelo menos uma sequência descritiva.

ATIVIDADE 3

Você sabe que, recentemente, foi aprovado um projeto para Reforma do Ensino Médio no Brasil. Assista ao vídeo **Reforma do Ensino Médio – Opinião de um professor** e, com base no que é discutido nele e em seu próprio conhecimento e opiniões sobre o assunto, produza um texto argumentativo e opinativo, destinado à publicação em jornal ou revista (imagine, por exemplo, que ele vai ser publicado no jornal da sua cidade). Redija o seu texto (até 25 linhas) com base em suas reflexões sobre o material acessado e experiências de vida. Não esqueça de colocar um bom título na sua composição.



INTERATIVIDADE:

https://www.youtube.com/watch?v=Y5JeYkVo_Sg

ATIVIDADE 4

Leia com atenção o texto “Inferno nacional”, de Stanislaw Ponte Preta e responda as questões a seguir:

- 1) A crônica de Stanislaw é uma sátira, isto é, um texto que ironiza uma situação real através de uma história cômica. Partindo do seu conhecimento de mundo, explique o que está sendo ironizado no texto e como é construída essa ironia ao longo do escrito.
- 2) Explique o sentido das expressões “abotoou o paletó” (segundo parágrafo), “Aqui tem peixe por debaixo do anjo” (sétimo parágrafo) e “Fica na moita” (oitavo parágrafo).
- 3) Explique o sentido da expressão “Pensou com suas chaminhas” (sétimo parágrafo).
- 4) Reescreva os trechos do texto que estão em discurso indireto, transformando para discurso direto.

ATIVIDADE 5

1) As noções de texto figurativo e texto temático atuam em modo de predominância, ou seja, nos textos figurativos aparecem informações temáticas, assim como nos temáticos podemos encontrar elementos figurativos. Sabendo disso, comprove através de elementos do texto as seguintes situações:

- A- Elementos temáticos em “A raposa e as uvas”.
- B- Elementos figurativos em “Bom dia, alegria”.

ATIVIDADE 6

Leia com atenção o texto sobre os índios Tsimanes da Amazônia. Em seguida, crie um parágrafo contendo as principais informações do texto. Lembre-se de destacar o tópico frasal e a conclusão. Em seguida, faça o mesmo com o texto “Direitos humanos no Brasil”.

UNIDADE 4

ATIVIDADE 1

Leia com atenção “O texto acadêmico”, do professor Silvio Chibeni (UNICAMP). Em seguida, responda as seguintes questões:



INTERATIVIDADE:

https://www.youtube.com/watch?v=Y5JeYkVo_Sg

1. O que, segundo o autor, caracteriza o texto acadêmico?
2. Como o autor se posiciona em relação à forma e ao conteúdo em um texto acadêmico?
3. Você teve alguma experiência de escrita de texto acadêmico antes de ingressar no curso de Educação do Campo? Se teve, conte-nos como foi. Se não teve, descreva suas expectativas em relação a esse tipo de atividade (quando imagina ter que escrever esse tipo de texto, por exemplo).

ATIVIDADE 2

Com base na leitura do artigo de Telma Rocha e Theresinha Miranda, responda as questões.

1. Quais partes da estrutura de artigo científico você consegue localizar no texto?
2. Quais partes você achou diferentes da estrutura apresentada nesta unidade?
3. Em que seção do artigo são descritos os passos da pesquisa realizada, incluindo os métodos utilizados (dê o título da seção)?
4. Considerando a leitura do resumo do artigo, destaque:

A – O objetivo do trabalho descrito pelo texto;

B – Os resultados encontrados;

C – O que a pesquisa concluiu.

ATIVIDADE 3

Com relação à resenha da obra de Stoer e Magalhães, responda as questões abaixo:

- 1) Trata-se de uma resenha descritiva ou crítica? Justifique sua resposta.
- 2) Quais partes da estrutura de uma resenha você conseguiu identificar no texto?
- 3) Resuma o parágrafo abaixo, extraído do texto. Use a técnica de sublinhar, apagamentos, generalizações e adaptações para elaborar seu resumo.

Entre 1950 e 1970, a classe média nova investiu de forma que seus lugares de classe se consolidassem, principalmente em relação ao capital cultural e social. Hoje, depois do capitalismo flexível, a partir de 1980, com um mercado de trabalho quase inexistente, percebe-se uma dissolução das profissões em competências. Há que ser competente. Segundo os autores, esta reestruturação do mercado de trabalho em termos de competências, bem como “a emergência de novos estilos de vida estão a reconfigurar as estratégias políticas da classe média nova” (p. 33). Afirmam

ainda que a “nova classe média nova” fez uma opção pelo trabalho programável e redirecionam as suas estratégias para isto, procurando que seus herdeiros se instalem o mais seguramente possível. (p.164)